

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM DISCURSOS E
NARRATIVAS DE VIDA DE JORGE LACERDA**

PAULO SERTEK

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, para a linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Dra. Araci Asinelli-Luz

CURITIBA
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PAULO SERTEK

**CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO EM DISCURSOS E
NARRATIVAS DE VIDA DE JORGE LACERDA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná, para a linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento humano, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientadora: Dra. Araci Asinelli-Luz

**CURITIBA
2009**



Jorge Lacerda

Ao concluir a minha oração, não poderia deixar de me prevalecer desta grata circunstância, a de estarmos numa região, numa cidade, tão rica de história, tão penetrada de patriotismo, para, numa hora de inquietações, como a que vai pelo mundo, prestar um depoimento de fé, com os olhos voltados para os horizontes da nacionalidade. A grandeza das nações não reside apenas nas suas riquezas materiais, mas em suas virtudes cívicas, morais e religiosas, de que é tão fecunda a nossa história. Creio pois, no futuro da Terra de Santa Cruz. Creio no Brasil, neste Brasil que se ergue do passado e desfila aos nossos olhos, como estímulo às gerações, com as suas lutas e os seus triunfos, as suas amarguras e as suas glórias, numa instantânea ressurreição dos seus altos símbolos e dos seus grandes heróis! Pátria, que não conhecestes o pó das derrotas, porque Deus sempre iluminou com as suas generosas inspirações, as bandeiras que nos comandam nos campos de luta. Se o destino reserva a cada nação uma mensagem ao mundo, a tua mensagem será, sobretudo de fé, pelo frêmito da tua juventude, que traz o hálito virgem das tuas matas e o canto sempre novo dos teus pássaros. A mocidade permanente das tuas esperanças não carrega o timbre pessimista daquelas civilizações que, contrastando com o seu progresso vertiginoso, forjam inconscientemente, nos desvãos silenciosos dos laboratórios, as matrizes das armas diabólicas para o suicídio coletivo do homem contemporâneo. No tumulto das conflagrações, não tenho dúvida, a tua voz há de se erguer do Atlântico sob as bênçãos de uma cruz de estrelas, para ditar ao mundo uma palavra de paz, de concórdia e fraternidade.

Jorge Lacerda

LAJES — SENTINELA DE VANGUARDA DA UNIDADE NACIONAL
Na cidade de Lajes em 2 de junho de 1957

AGRADECIMENTOS

Esta tese foi realizada tendo como motivação básica o resgate da memória de Jorge Lacerda, especialmente pelas suas contribuições para a educação. Agradecimentos, em memória, dirigem-se em primeiro lugar a Dna. Irini Lacerda Sertek, pois influenciou pela lembrança freqüente dos princípios que nortearam a vida de Jorge Lacerda, consistindo num exemplo para todos aqueles que puderam ter o conhecimento da sua existência significativa. Agradecer a dedicatória carinhosa do livro INVENTÁRIO ANALÍTICO DO FUNDO PRIVADO DO EX GOVERNADOR JORGE LACERDA 1931 a 1973, que Dna. Kirana Lacerda, esposa do ex-governador, nos presenteou, bem como a biografia: Jorge Lacerda: Uma Vida Muito Especial de Cesar Luis Pasold, também a nós dedicada logo depois do seu lançamento em 1998. Agradeço a todos os familiares que possibilitaram as inspirações e as condições necessárias para desenvolver os trabalhos desta pesquisa. As contribuições valiosas de Constantino Lacerda, irmão do ex-governador, João Paulo dos Reis Velloso secretário particular de Jorge Lacerda em 1951 e ao desembargador Norberto Ungaretti também seu secretário no período de governo em Santa Catarina de 1956 a 1958.

Agradeço à Prof.^a Araci Asinelli-Luz pelas orientações no desenvolvimento da tese.

Agradeço a Deus por ter dado alento em todas as jornadas.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	iii
LISTA DE ABREVIATURAS	vi
LISTA DE QUADROS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1 INTRODUÇÃO	10
1.1 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS	10
1.2 APRESENTAÇÃO DA TESE	10
1.3 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA	11
1.4 JUSTIFICATIVA	12
1.5 OBJETIVOS	13
1.5.1 Objetivo geral	13
1.5.2 Objetivos específicos	13
1.6 LIMITAÇÕES	14
2 PRISMA TEÓRICO	15
2.1 CONHECIMENTO NARRATIVO	15
2.1.1 Conceituação	15
2.1.2 Narrativa e o estudo da ética	19
2.1.3 Biografia, história de vida e unidade narrativa	23
2.1.4 Unidade narrativa da vida humana	26
2.1.5 Narrativa e significado	32
2.1.6 História e narrativa	35
2.2 CONSTRUÇÃO DE UM CENÁRIO E PERFIL	41
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	59
3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA	59
3.2 TIPO DE PESQUISA	60
3.3 PESQUISA COM NARRATIVA	60
3.3.1 Narrativa e pesquisa moral	61
3.3.2 Categorias	61
3.3.3 Coleta de dados e narrativas	64
3.3.4 Validade, significância e confiabilidade	64
3.3.5 Análise dos dados	65
3.4 MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS	65
3.4.1 Entrevistas semi-estruturadas	65
3.4.2 Pesquisa documental	66
3.4.3 Análise de conteúdo e Pesquisa com Narrativa	66
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE CONTRIBUIÇÕES	68
4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS	68
4.2 EDUCAÇÃO, VIRTUDES E INTERCULTURALIDADE	72
4.2.1 Visão geral	74
4.2.2 Análise dos discursos	78
4.2.3 Contribuições	93
4.2.3.1 Perspectiva narrativa	93
4.2.3.2 Conceitos replicáveis	95
4.2.3.3 Diretrizes	98
4.3 UNIVERSIDADE	99
4.3.1 Visão geral	102
4.3.2 Análise dos discursos	103

4.3.3	Contribuições	121
4.3.3.1	Perspectiva narrativa.....	121
4.3.3.2	Conceitos replicáveis	125
4.3.3.3	Diretrizes	128
5	RESULTADOS	130
5.1	TIPIFICAÇÃO DAS DIRETRIZES.....	130
5.2	SUBORDINAR A TÉCNICA AOS VALORES DO ESPÍRITO	132
5.3	MISSÃO DA UNIVERSIDADE.....	135
5.4	CONTRIBUIÇÕES QUE O CONHECIMENTO E A PESQUISA COM NARRATIVA TRAZEM PARA AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO.	139
6	REFERÊNCIAS	144
7	APÊNDICES	151

LISTA DE ABREVIATURAS

AC	Análise de Conteúdo
CD	Câmara dos Deputados
CN	Conhecimento Narrativo
IAFP	Inventário Analítico do Fundo Privado do ex-governador Jorge Lacerda
IHSC	Instituto Histórico de Santa Catarina
JL	Jorge Lacerda
LA	Letras e Artes
PN	Pesquisa com Narrativa
DN	Democracia e Nação

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Discursos Literários, históricos e relativos à inteligência	69
QUADRO 2 - Discursos relativos à Arte e Cultura.....	69
QUADRO 3 - Meios de comunicação	69
QUADRO 4 - Educação, virtudes e interculturalidade I	70
QUADRO 5 - Discursos relativos à universidade	70
QUADRO 6 - Discursos relativos à sua visão de governo	70
QUADRO 7 – Discursos relativos à nacionalidade e pátria	71
QUADRO 8 – Unidade econômico-sentimental	71
QUADRO 9 - Educação, virtudes e interculturalidade II	78
QUADRO 10 - Intrépidos soldados de Cristo nas rotas ásperas do mundo.....	80
QUADRO 11- Os incomparáveis mestres da Companhia de Jesus	82
QUADRO 12- Reconstruir o homem no sentido do espírito	84
QUADRO 13- Aquarelas do Brasil	86
QUADRO 14- Síntese cordial de duas culturas	89
QUADRO 15- Brasil e Inglaterra, dois países unidos na defesa dos direitos e das liberdades humanas	92
QUADRO 16- Discursos relativos à universidade	102
QUADRO 17- Primeiro centenário de Orville Derby	104
QUADRO 18- Fundação da Universidade de Santa Catarina.....	107
QUADRO 19- Início da execução do plano da Cidade Universitária	109
QUADRO 20- Lição de Liberdade e de Harmonia (II Congresso Estadual de Medicina).....	114
QUADRO 21- Exposição de Flores em Joinville.....	119
QUADRO 22- Educação, virtudes e interculturalidade III.....	130
QUADRO 23- Universidade	131
QUADRO 24- Subordinar a técnica aos valores do espírito.....	132
QUADRO 25- Missão da Universidade.....	132

SERTEK, P., **Contribuições para a educação em discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba, 2009.

RESUMO

O objeto de pesquisa desta tese abrange o estudo da teoria do Conhecimento Narrativo (CN) e da Pesquisa com Narrativa (PN) visando a aplicação em conjunto com a técnica de Análise de Conteúdo (AC) nos discursos e narrativas de vida do intelectual e político Jorge Lacerda, fundador do Suplemento Letras e Artes do Jornal A Manhã, deputado federal em duas legislaturas de 1951 a 1954 e 1955 e governador de Santa Catarina de 1956 a 1958. A pesquisa responde à questão: “Que contribuições o conhecimento e a pesquisa com narrativa trazem para as pesquisas em educação, tendo como objeto de estudo os discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda?” O objetivo geral é identificar e categorizar as contribuições de Jorge Lacerda (JL) para a educação através da análise dos seus discursos e de narrativas de sua vida e por sua vez os objetivos específicos consistem em: a) estabelecer eixos temáticos a partir dos discursos de JL em busca das suas contribuições para a educação; b) análise das contribuições para a educação para os seguintes eixos temáticos: i) educação, virtudes e interculturalidade e ii) universidade, sob os enfoques analíticos da perspectiva narrativo reflexiva, dos conceitos replicáveis e das diretrizes programáticas e c) que contribuições que o CN e PN trazem para as pesquisas em educação. A abordagem da pesquisa foi qualitativa e de tipo exploratório. Os métodos e instrumentos de coleta de dados constaram de entrevistas semi estruturadas, pesquisa documental e o emprego de AC em conjunto com PN. Procedeu-se metodologicamente da seguinte forma: 1) Leitura dos discursos e a classificação por eixos temáticos apropriados para a análise de contribuições para a educação; 2) AC com PN dos discursos, pela identificação dos conceitos-chave por eixo temático e a descrição contextualizada da produção das falas com as narrativas de vida pertinentes; 3) Análise de contribuições para os eixos: Educação, virtudes e interculturalidade; Universidade e 4) Análise de contribuições. Como resultados da pesquisa encontraram-se os princípios norteadores dos discursos analisados, como sendo o da “Subordinar a técnica aos valores do espírito” e a “Missão da universidade”. No primeiro encontram-se conhecimentos que possibilitam a educação segundo os moldes clássicos inspirados na *paideia* e no segundo dá-se o destaque à cultura geral e humanística a fim de evitar o estreitamento de visão provocado pela excessiva especialização das profissões. Outro resultado refere-se à replicabilidade desta pesquisa com a finalidade de obter conhecimentos de discursos com a aplicação integrada da técnica da AC com a PN.

Palavras-chave: Educação, Conhecimento narrativo, Pesquisa com narrativa, Análise de Conteúdo, Interculturalidade, Missão da Universidade, Jorge Lacerda.

SERTEK, P., **Contribuições para a educação em discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPR, Curitiba, 2009.

ABSTRACT

The object of this thesis research covers the study of the theory of Narrative Knowledge (NK) and Narrative Research (NR) to implement together the technic of Content Analysis (CA) with the NR in speeches and narratives of life of the intellectual and political Jorge Lacerda, founder of *Suplemento Letras e Artes do Jornal A Manhã*, federal deputy in two legislatures, from 1951 to 1954 and 1955 and governor of Santa Catarina from 1956 to 1958. The research answered the question: "What contributions narrative knowledge and narrative research bring to research in education, with the object of study Jorge Lacerda's speeches and narratives of life?" The general objective is to identify and categorize the contributions of Jorge Lacerda (JL) for education, through analysis of their speeches and narratives of his life, in turn specific objectives are: a) make thematic axes from the speeches of JL in search of their contributions to education; b) analysis of contributions to education for the following thematic subjects: i) education, virtues and interculturality and ii) university, under the analytical approaches of reflexive-narrative perspective, the reproducing concepts and programmatic guidelines and c) that contributions to the NK and NR bring to education research. The approach of the research was qualitative and exploratory type. The methods and tools for data collection consisted of semi structured interviews, documentary research and employment of CA together with NR. It is methodologically as follows: 1) Read the speeches and classification by themes appropriate for the analysis of contributions to education, 2) CA and NR with the speeches, by identifying key concepts of every thematic axle and context description of talking production with the relevant narratives of life; 3) analysis of contributions to the axes: Education, virtues and interculturality; University and 4) Analysis of contributions. As research's results, met the guiding principles of discourse analysis, as the "Tying the technique to the spirit's values" and "Mission of the university". In the first, are knowledge that enable the education along the lines inspired by the classic *paideia* and the second is the emphasis on the general culture and humanistic to avoid the narrowing vision caused by professions excessive specialization. Another result concerns the replicability of this research with the aim of obtaining knowledge of speeches with integrated implementation of the CA with the NR technique.

Keywords: Education, Narrative Knowledge, Narrative Research, Content Analysis, Interculturality, University Mission, Jorge Lacerda.

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

A motivação inicial desta tese foi despertada pela análise dos discursos de Jorge Lacerda (JL), jornalista, deputado federal e governador de Santa Catarina que estão recolhidos na obra póstuma *Democracia e Nação* (1960), a partir de agora (DN, 1960), organizada por Nereu Correa e prefaciada por Adonias Filho, membro da Academia Brasileira de Letras. Para a análise contextualizada dos seus discursos foi necessário buscar elementos do contexto e da vida do personagem. Decorrente desta preocupação a literatura pertinente nos remeteu aos conceitos e à aplicação do Conhecimento Narrativo (CN) e da Pesquisa com Narrativa (PN), tanto descritiva como explicativa, de acordo com os fundamentos desenvolvidos por Polkinghorne (1988). A questão a que se dirige esta tese refere-se à contribuição que a Pesquisa com Narrativa proporciona ao campo educativo, tendo como campo aplicativo o estudo dos discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda (JL).

O Conhecimento Narrativo corresponde a uma modalidade de conhecimento imediato da realidade, que é a forma mais simples como as pessoas organizam os conhecimentos advindos da experiência. Nos aspectos teóricos a tese investiga as aplicações deste conhecimento no campo da educação.

1.2 APRESENTAÇÃO DA TESE

A tese no item 1, “Introdução”, contém o problema de pesquisa, os seus objetivos e as suas limitações. No item 2, “Prisma teórico”, aprofunda-se nos aspectos teóricos relativos ao CN a PN e na “Construção de um perfil” apresenta-se os elementos biográficos necessários para a compreensão da atividade de JL. Corresponde ao item 3 os “Procedimentos metodológicos” e são definidos com relação à pesquisa: a abordagem, o tipo e os métodos e instrumentos de coleta de dados. Com relação ao item 4, que se refere à “Análise e discussão de contribuições”, procede-se a inclusão dos discursos de JL em oito eixos temáticos e a análise de contribuições para dois eixos, a saber: “Educação virtude e interculturalidade” e “Universidade”. O item 5, “Resultados”, corresponde à síntese de contribuições obtidas das análises e discussões do item anterior e a reflexão sobre as contribuições do CN e da PN sob o enfoque da tese para o campo educativo. Ao final da tese estão indicados nos itens 6 e 7 as “Referências” e “Apêndices”, respectivamente.

No “Prisma teórico” buscou-se o aprofundamento no CN e na PN através de Hyvärinem (2006), Labov (1999), Bruner (2002), Polkinghorne (1988), Carrol (2001), Worth

(2007), Nussbaum (1990), Harris (2002), Frankl (1989), MacIntyre (2001) e Ricoeur (1994). O estudo da revisão de literatura sobre PN, publicado pelo *National Centre for Research Methods do ESRC* (2008) forneceu elementos importantes para a aplicação da PN aos objetivos da tese. Quanto à narrativa biográfica foram pesquisados: Yepes; Arangurem (1998), Otero (1997) e referentes a história e narrativa: Cassirer (1977), Soares (1977), Marrou, 1968) e Cruz y Cruz (1995).

Os discursos de Jorge Lacerda durante o seu curto governo encontram-se em (DN, 1960) e os discursos correspondentes às suas duas legislaturas foram publicados nos anais da câmara dos deputados, outros, não publicados, encontraram-se no Instituto Histórico de Santa Catarina (IHSC) e em coleções de familiares do ex-governador. As narrativas de vida de JL foram obtidas por meio de entrevistas semi estruturadas indicadas no item 3.4.1 e em pesquisa documental como detalhado no item 3.4.2. Elementos valiosos provieram da biografia de JL sob o título “Uma vida muito Especial” de Pasold (1998), dos depoimentos de João Paulo dos Reis Velloso, Norberto Ungaretti, Walter Zigelli, Constantino Lacerda, Venevêrito da Cunha e através das entrevistas e outras narrativas que estão dispersas em crônicas. Realizou-se pesquisa nas edições do suplemento Letras e Artes (LA), fundado por JL em 1946, a fim de reunir elementos para as narrativas no período de 1946 a 1951.

1.3 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

O problema de pesquisa que esta tese busca responder refere-se às contribuições que o Conhecimento Narrativo (CN) e o emprego da Pesquisa com Narrativa (PN) podem trazer ao campo da educação. A PN é utilizada em educação, sociologia, história, psicologia e medicina, e verifica-se que há um aumento crescente de dados em forma de narrativa nas pesquisas qualitativas realizadas em ciências humanas e históricas. Os pesquisadores têm uma quantidade grande de entrevistas, histórias orais e discursos, e necessitam analisar estes dados e buscar o seu significado, e como eles podem beneficiar a solução dos problemas ou compreender melhor um determinado fenômeno. Nesta tese o objeto de estudo é o Conhecimento Narrativo e o olhar ou enfoque específico é o da contribuição desta abordagem para a educação a partir dos discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda.

O objeto de pesquisa abrange o estudo sobre a teoria do CN e da PN visando sua aplicação, em conjunto com a técnica de Análise de Conteúdo (AC), ao *corpus* da pesquisa, que são os discursos e as narrativas de vida do intelectual e político Jorge Lacerda,

fundador do Suplemento Letras e Artes do Jornal A Manhã, deputado federal em duas legislaturas de 1951 a 1954 e 1955 e governador de Santa Catarina de 1956 a 1958.

O problema de pesquisa formula-se com a seguinte questão: “*Que contribuições o conhecimento e a pesquisa com narrativa trazem para as pesquisas em educação, tendo como objeto de estudo os discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda?*”

1.4 JUSTIFICATIVA

Não há estudos sobre os discursos e narrativas de vida de JL na perspectiva abordada pela tese, e o enfoque da PN aplicada conjuntamente com a técnica da Análise de Conteúdo é aplicado aos discursos do personagem de forma inédita e contribui para aplicação destas técnicas em casos similares. A tese propicia o resgate da memória de um brasileiro que se destacou na vida cultural e política do país e possibilita a aplicação da PN em outras problemáticas e também em aprofundamentos posteriores sobre outros discursos e narrativas da mesma personalidade.

Os estudos qualitativos têm dado destaque ao aprendizado de significados a partir das situações mais comuns da vida das pessoas e das circunstâncias sociais particulares em que viveram. Através de narrativas de vida, podem-se inferir quais são as influências dos fenômenos históricos na vida das pessoas e comunidades e os valores subjacentes norteadores do comportamento individual e coletivo. Não apenas interessa o fato biográfico, mas indagar sobre a repercussão educativa, histórica, moral, política dos fenômenos sociais, na mentalidade, no comportamento e atuação das pessoas. Pretende-se através do CN e PN, enfatizando conhecimentos relativos à cognição, aprendizagem e desenvolvimento humano, buscar subsídios oriundos da experiência de vida aplicáveis ao campo educacional, podendo constituir-se em conhecimento válido a ser difundido, estimulado e potenciado.

A figura de Jorge Lacerda propicia um campo de pesquisa interessante para a construção do conhecimento sob a perspectiva da educação, especificamente na formação do intelectual, do orador, do jornalista, do literato e do político. A contribuição nuclear desta tese dirige-se ao aprofundamento sobre o modo de conhecimento narrativo, que se serve das descrições e de explicações, permitindo a indagação sobre os conhecimentos que provêm das experiências de vida e das tradições culturais. A tese contribui como metodologia para a construção de conhecimento, de modo a resgatar valores de caráter histórico – por meio de histórias de vida- que proporcionam o fundamento de uma perspectiva de futuro, lançando uma ponte entre o passado e o futuro como um ideal a atingir. A construção de conhecimento narrativo-reflexivo por meio das histórias de vida capacita o cidadão ao aprendizado dos

valores morais por meio da educação moral em primeira pessoa (ABBÀ, 1996), (CONTRERAS 1999), (FUMAGALLI, 2006), evitando os escolhos das abordagens em terceira pessoa. A abordagem em terceira pessoa é a do analista externo, que não se envolve na trama real que ocorre em primeira pessoa. A pesquisa do fato moral adquire profundidade e significado através da posição de um protagonista judicioso.

Destacam-se ainda como campo para o olhar do pesquisador os seguintes aspectos no trajeto de vida do personagem:

- a) educação humanista no Ginásio Catarinense;
- b) formação como médico na Faculdade de Medicina do Paraná – UFPR;
- c) participação em movimentos políticos dos anos 30 e 40;
- d) atuação como médico;
- e) atuação como jornalista;
- f) direção do suplemento Letras e Artes do Jornal A Manhã no período de a 1946 a 1951;
- g) formação como bacharel em direito pela Faculdade de Direito de Niterói;
- h) atuação com assessor do Ministério de Justiça;
- i) exercício como Deputado Federal de 1950 a 1955
- j) exercício como Governador de Santa Catarina no período de 1956 a 1958.

Motiva esta pesquisa o atrativo dos seus pensamentos contidos no livro póstumo (DN, 1960), todos os outros discursos recuperados por esta pesquisa e a sua contribuição como fundador e diretor do Suplemento Letras e Artes do Jornal A Manhã. Visualiza-se, pela profundidade e agudeza das suas considerações e pelos testemunhos de pessoas de consagrada relevância, que seus ensinamentos ultrapassam aspectos circunstanciais, tornando-se perenes.

1.5 OBJETIVOS

1.5.1 Objetivo geral

Identificar e categorizar as contribuições de Jorge Lacerda (JL) para a educação através da análise dos seus discursos e de narrativas de sua vida.

1.5.2 Objetivos específicos

a) estabelecer eixos temáticos a partir dos discursos de JL em busca das suas contribuições para a educação;

b) análise das contribuições para a educação para os seguintes eixos temáticos: i) educação, virtudes e interculturalidade e ii) universidade, sob os enfoques analíticos da perspectiva narrativo reflexiva, dos conceitos replicáveis e das diretrizes programáticas.

c) Contribuições que o Conhecimento Narrativo (CN) e Pesquisa com Narrativa (PN) trazem para as pesquisas em educação.

1.6 LIMITAÇÕES

Os discursos foram agrupados em eixos temáticos tendo em conta os motivos centrais de cada uma das falas admitindo um campo de superposição conceitual entre si. O *corpus* completo de discursos levou à definição de oito eixos temáticos, no entanto, fez-se um recorte neste universo maior investigando em profundidade apenas dois deles, referentes à: “Educação, virtudes e interculturalidade” e “Universidade”. A limitação consiste na abrangência das análises aos discursos e narrativas relativas a estes dois eixos e à área temática Cultura e Processos de Ensino-Aprendizagem e à linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano do Programa de Pós Graduação em Educação - UFPR.

2 PRISMA TEÓRICO

2.1 CONHECIMENTO NARRATIVO

2.1.1 Conceituação

Nas últimas décadas deu-se uma mudança muito grande na metodologia de pesquisa em ciências sociais e humanas e houve um crescimento da aplicação da Pesquisa com Narrativa (PN) e um dos indicadores é que no campo da história houve, há quatro décadas, o que se denominou o “giro narrativo¹”. Com relação a estas mudanças, Hyvärinem (2006) explica que se pode visualizar uma gama enorme de aplicações da PN nos mais diversos campos do conhecimento, adotando também uma variação conceitual muito grande. É possível, de acordo com Skinner (1988), identificar algumas das mudanças mais típicas da abordagem narrativa:

a) A mudança de critério do conceito sobre a narrativa

A narrativa clássica foi estudada muitíssimo no campo literário e debatida na história da teoria literária da narrativa; no entanto, faz pouco tempo que se começou a ter interesse específico por este conceito. De forma generalizada se via a narrativa simplesmente com o sentido que ela tem na linguagem comum, gerando comentários parecidos com este: todos nós sabemos o que as estórias são.

b) A mudança de amplitude de referência

As narrativas referiam-se fundamentalmente à narrativa literária em qualquer das suas formas e às histórias orais. De acordo com Hyvärinem (2006), ampliaram-se as suas aplicações, como se indica a seguir:

Hayden White e F.R. Ankersmit introduziram o conceito de narrativa no estudo de historiografia. Por outro lado de acordo com MacIntyre (1981) as pessoas também vivem em forma de narrativas. Isto ocorreu de tal forma que MacIntyre sugeriu o poderoso conceito de identidade narrativa. Por causa destas transposições o conceito de narrativa mudou-se da epistemologia social para a ontologia, e em pouco tempo tornou-se um elemento da ação social. Desde as contribuições dadas ao tema por Barbara Hardy (1968) e por Jerome Bruner² (1986), a narrativa foi compreendida como uma forma de cognição. Além do mais, a narrativa também se entende como uma forma de comunicação (Brockmeier 2004). Estas mudanças dentro do espectro de referência têm principalmente ocorrido no âmbito do “giro narrativo” da literatura, considerando que os estudiosos de literatura têm freqüentemente se preocupado com a diferença entre a narrativa “estrita” e a “ampla” (ou metafórica) (Rimmon-Kenan 2006) (HYVÄRINEM, 2006)³.

¹ Aurell (2005) considera que: “o melhor diagnóstico sobre o desenvolvimento da renovada história narrativa realizou o historiador britânico Lawrence Stone (1919-1999), através de um influente artigo, em que repassava os traços mais importantes do que ele considerava um *retorno à narração histórica* em detrimento dos grandes esquemas teóricos e estatísticos que haviam dominado a historiografia das décadas anteriores, (...) Lawrence Stone, *The Revival of Narrative: Reflexions on a Old History*” (AURELL, 2005, p. 132).

² Corresponde no item 7- Referências como Bruner (2002).

³ Sem número de página, pois refere-se à página da *web* do autor.

c) A mudança de avaliação do conceito

O mesmo autor comenta que a atitude dos pesquisadores foi se transformando de uma posição cética ou neutra para uma convergência gradativa a uma avaliação positiva, como ocorreu com o “giro literário narrativo”;

A narrativa era muitas vezes associada à integridade pessoal, cura, auto-realização, bem como à possibilidade de agir. Para os críticos da narrativa, ao contrário, o conceito tornou-se sinônimo de impor a ordem e a ideologia. Uma atitude neutra em relação ao giro narrativo se tornou cada vez mais rara no campo das ciências sociais. O resultado mais evidente do giro foi o aumento crescente da pesquisa narrativa empírica. Sua popularidade se baseia na convicção de que as histórias pessoais são significativas em termos de: (1) identidades, (2) construções do mundo social, e (3) as visões para enquadrar a ação futura (HYVÄRINEM, 2006).

Definições de narrativas e análise narrativa

Numa das últimas revisões da literatura sobre as narrativas e o seu emprego em PN, efetuadas pelo *National Centre for Research Methods* do ESRC (2008), *National & Social Council*, no documento publicado em fevereiro de 2008 explica-se que:

Muitos de nós que trabalhamos com narrativas queremos continuar e desenvolver este trabalho. Frequentemente, talvez enquadramos a nossa pesquisa em termos de narrativa porque acreditamos que, ao se proceder desta forma, somos capazes de ver superposições de significados diferentes e algumas vezes contraditórios, para trazê-los a um diálogo útil com cada uma delas, e para compreender mais sobre a transformação individual e social. Ao focar a narrativa, nós nos capacitamos para investigar, não simplesmente como as histórias são estruturadas, mas sobre os modos como elas funcionam, sobre quem as produz e com que finalidade, e o mecanismo pelo qual são consumidas e como as narrativas são omitidas, contestadas ou aceites. Todas estas áreas de questionamentos podem nos ajudar a descrever, aprender e mesmo explicar aspectos importantes do mundo (ESRC, 2008, p.5).

Depois de descrever a diversidade e a popularidade das pesquisas narrativas o documento anteriormente citado desenvolve a teoria narrativa de acordo com Labov (1999), justificando-a como forma de contar eventos e para produzir credibilidade. Necessita-se para tanto, a conexão dos acontecimentos, de modo a gerar explicações plausíveis, como é o caso, por exemplo, dos enredos morais das micro-histórias, a fim de se compreender os atos louváveis ou culpáveis. Verifica-se que, contar este tipo de histórias sempre foi visto por especialistas, e também pelos próprios narradores como relacionadas com a saúde social, psicológica e pública. No âmbito da saúde corporal e mental, tais teorias das histórias, têm considerável impacto cultural e moral e em geral tende-se a descuidar três elementos importantes das narrativas, a saber:

1) que elas falam sobre eventos que são significativos para quem os narra; 2) representam o sujeito, mesmo entre suas incertezas e a mutabilidade das suas narrativas, pois não são simples reproduções como gravações de acontecimentos atuais, e 3) são influenciadas pelas interações entre o relator e o pesquisador participante na construção das histórias” (ERCS, 2008, p. 14).

De acordo com Polkinghorne (1988, p. 6), o “significado narrativo é criado ao notar que algo faz parte de um todo, que algumas vezes é a ‘causa’ de algo mais”. As narrativas conferem, sobretudo, as conexões, a coerência, o significado e o nexos entre os acontecimentos e “as descrições narrativas exibem a atividade humana como intencionalmente engajadas no mundo. A narrativa é o tipo de discurso que conecta diversos eventos, acontecimentos e ações da vida humana”. (*id. ib.*, p. 5)

Sikes e Gale (2006, p.11) definem a PN como:

à pesquisa qualitativa que emprega e conta histórias. Muitas pessoas ao utilizar explicitamente a abordagem narrativa, o fazem pelo menos em parte, fora da convicção política que pesquisa social deva ser acessível e interessante. Acreditam que devem capturar algo do senso da vida como é vivida, e querem evitar as consequências éticas negativas ao assumir o tipo de voz autoritária que negue a possibilidade de múltiplas realidades. (...) (com a narrativa) é importante reiterar que somente é possível re-presentar e não re-criar experiências, percepções e emoções.

Há dois tipos distintos de raciocínio, sendo que um deles se apresenta de forma discursiva, e o outro na forma narrativa. O discursivo é o que se fundamenta em argumentos, serve-se da lógica e assemelha-se ao texto científico formado por silogismos, contendo a premissa maior, a premissa menor e a respectiva conclusão. Já o raciocínio narrativo emprega uma descrição e apóia-se em uma trama. Bruner ensina que o modo lógico utiliza-se tanto da categorização como da conceituação fazendo parte de um sistema. Para este autor o modo racional-lógico de raciocinar identifica-se como a “habilidade para identificar possíveis conexões formais antes que se possa prová-las em qualquer método formal” (BRUNER, 2002, p. 12).

Na forma narrativa o conhecimento se processa de forma distinta, já que “conduz a boas histórias, dramas pungentes, e relatos históricos verossímeis” (*id.*), não necessariamente verdadeiros. No livro *Realidade Mental, Mundos Possíveis*, Jerome Bruner (2002) reúne algumas idéias sobre estes dois modos de pensar:

Uma história e um argumento bem formado são tipos naturais diferentes. Ambos podem ser usados como meio para convencer o outro. Não obstante, do que eles convencem é

fundamentalmente diferente: os argumentos convencem alguém de sua veracidade, as histórias, de sua *semelhança com a vida*⁴. O primeiro comprova através de um possível apelo a procedimentos para estabelecer provas empíricas, o outro estabelece não a verdade, mas a verossimilhança (BRUNER, 2002, p.12).

Conhecer por meio de uma narrativa produz no leitor/ouvinte os efeitos da obra poética, em que se procura o seu envolvimento, em primeira pessoa, dentro do enredo, podendo participar reflexivamente na experimentação das vivências dos outros, inserindo-se na função trágica de toda narração. “Neste sentido, a realidade psíquica domina a narrativa e qualquer realidade que exista além da consciência daqueles envolvidos na história é colocada lá pelo autor com o objetivo de criar efeito dramático” (BRUNER, 2002, p.15).

As experiências que as pessoas transmitem aos outros são mediadas por alguma história e tornam patentes os modelos de vida, os discursos espontâneos, os princípios orientadores e as deficiências e perplexidades. Esta forma de explicitação do conhecimento proveniente da experiência torna inteligível determinado comportamento, como é a forma de se decidir ou de se emocionar.

Bruner (2002) ao tratar destes dois tipos de raciocínio, o discursivo e o narrativo, destaca o fato de serem complementares, não redutíveis e traduzíveis um no outro. Por outra parte, em sua obra *Atos de Significação* defende que os esquemas de aprendizagem mais básicos são do tipo narrativo, ao afirmar que:

Embora tenhamos uma predisposição “inata” e primitiva para a organização narrativa, que nos permite rápida e facilmente compreendê-la e usá-la, a cultura logo nos equipa com novos poderes de narração através de seu *kit* de ferramentas e através de tradições de contar histórias e interpretá-las das que nós logo nos tornamos participantes (BRUNER, 1997, p. 72).

A construção de significados, através da narração e sua utilização no processo de ensino-aprendizagem baseado na literatura, possibilita o desenvolvimento de habilidades importantes para o relacionamento social. Especialmente desenvolvem-se habilidades que tornam as pessoas mais sensíveis às necessidades das outras, tornam-se melhores companheiras, desenvolvem sua atuação como cidadãos, aprimoram as virtudes sociais e, sobretudo, há um desenvolvimento harmônico da própria personalidade. Desenvolver a capacidade de raciocinar através das narrativas ou raciocinar narrativamente torna a pessoa mais apta a aprender a partir das experiências humanas.

Carrol (2001) explica que a narrativa, no seu modo construtivo, deve

⁴ Grifo nosso.

compreender assuntos que estejam relacionados entre si e pertençam a um tema e tenham um fio condutor. Os acontecimentos do enredo são organizados temporalmente para serem recuperados pela memória de quem lê ou ouve a narrativa. Não é necessário que se dê uma ligação causal entre os fatos, pois esta seria a razão de conexão mais forte. Por outro lado, o caso mais freqüente é que os fatos iniciais não são propriamente causas, mas elementos potencializadores ou condicionantes das ocorrências posteriores.

As condições para a ocorrência de um determinado efeito podem ser discriminadas como: **Insuficientes**, mas **Necessárias (I/N)** e outras **Desnecessárias**, mas **Suficientes (D/S)**. Neste último grupo, basta que determinado evento ou acontecimento seja um ingrediente que possibilite os eventos posteriores (CARROL, 2001).

A trama combina tanto com o aspecto cronológico como com o não cronológico. Uma utiliza a seqüência segundo a ordem temporal, e a outra relaciona os fatos uns aos outros por meio de relações inteligíveis. Na seqüência não cronológica a narrativa apresenta-se como uma totalidade com princípio, meio e fim. Aspectos não cronológicos referem-se a comportamentos fundamentais dos personagens como disposições, motivações, interesses de fundo e educação.

2.1.2 Narrativa e o estudo da ética

Martha Nussbaum (1990), no seu livro *Love's Knowledge*, argumenta que a leitura dos textos de literatura é potencializadora da aprendizagem moral, por ser o modo mais natural de expandir a própria sensibilidade e ampliar a compreensão dos temas morais. Dentre outras razões explica que: “certas verdades sobre a vida humana somente podem ser expostas com precisão e acerto na linguagem e na forma característica da narrativa artística”, (NUSSBAUM, 1990, p.5). Está implícito no pensamento da autora, que ao estimular a leitura dos clássicos e outras leituras adequadas às capacidades cognitivas dos leitores, estas proporcionam uma aprendizagem abrangente e significativa da vida moral e social. As visões de vida são adequadamente transmitidas por via das narrativas porque:

falam por si próprias, - a seleção de gênero, estrutura formal, sentenças, vocabulário, de toda uma maneira de encarar o sentido de vida do leitor – tudo isto expressa um senso de vida e valor, um senso do que importa ou não, o que é aprender e comunicar-se, ou o que são as relações e conexões de vida (NUSSBAUM, 1990, p.5).

Ao servir-se da literatura expande-se a capacidade de experimentar outras situações, épocas e modos de vida que nunca poderiam ser experimentadas. Desta forma aumenta-se a capacidade de vivenciar situações. Através das outras perspectivas pode-se

ganhar outro modo de olhar as questões morais. A literatura, de acordo com Nussbaum (1990, p. 48), “é uma extensão da vida não somente horizontal, trazendo o leitor ao contacto com eventos, localizações, pessoas ou problemas que ele ou ela não encontrariam de outro modo. Mas também, se pode dizer, verticalmente, dando ao leitor uma experiência mais profunda, aguda e precisa do que muitas coisas que ocorrem na vida”, pois se torna capaz de aproximar de realidades vivenciadas por outros, tanto reais como verossímeis, permitindo uma reflexão mais profunda e mais plena da vida. Em virtude do raciocínio narrativo, adquirem-se benefícios insubstituíveis, que não podem ser obtidos por meio do raciocínio discursivo, porque aquele capacita à adequação imaginativa e circunstanciada, o que não ocorre com os conhecimentos abstratos e categorizados realizados pelo raciocínio lógico.

Também, para Nussbaum, “o romance apresenta a si próprio como uma metáfora, vê-se o mundo de acordo com esta perspectiva, e não outra. Permite olhar as coisas como se fossem às da história, e não de outros modos recomendados pela ciência social” (NUSSBAUM, 1990, p. 48). Ao ver os acontecimentos e praticando uma análise conscienciosa exercita-se na capacidade de tornarem-se expectadores judiciosos, visando adquirir critérios de atuação para as situações da vida diária para ser melhores cidadãos. Para a autora é importante que as emoções do expectador judicioso tornem-se as emoções de um expectador crítico e não do participante que assimila sem maiores conseqüências o que ocorre, pois:

(...) significa não somente que temos que exercer uma valoração reflexiva da situação representada. (...) se os participantes compreenderam-na corretamente e reagiram razoavelmente; significa também que se deve omitir aquela parcela que deriva do nosso interesse no bem estar próprio (NUSSBAUM, 1990, p. 25).

A introspecção educativa intencional dos leitores nas narrativas propicia a compreensão dos projetos de ação e motivações dos protagonistas, aprimorando, portanto, sua capacidade imaginativa e projetiva. Torna-os mais aptos a serem compreensivos com os outros, por isso Nussbaum (1990) defende a idéia de que este tipo de abordagem permite que uma pessoa possa se tornar melhor jurado, melhor cidadão e melhor pensador público.

Outra pesquisadora, Worth (2007, p. 14) ao se aprofundar nestes estudos afirma que:

O pressuposto subjacente que Nussbaum emprega aqui é a noção que quero defender: ao envolver-se em narrativas bem-construídas (Nussbaum destaca o que é especificamente "boa literatura" e o meu escopo sobre a narrativa é intencionalmente mais ampla do que esta), a nossa própria maneira de raciocinar é alterada através da imaginação moral, a nossa razão é elevada e, assim, influenciada através da *estrutura* daquilo que nós lemos. Ainda

assim, não é verdade que nós automaticamente ou mesmo rapidamente começamos a captar os padrões de pensamento, os tipos de narrativas que lemos. É um fato que em certa medida nossas habilidades de raciocínio são influenciadas por estruturas de raciocínio com as quais nos envolvemos. O que Nussbaum enfoca é sobre a forma ou a estrutura da literatura, para além da sua natureza intrinsecamente subordinada. Esta estrutura é o que ela defende ser de forma tão diferente da estrutura filosófica ou discursiva de outros tratados éticos que podem cobrir campo similar. Do mesmo modo, a má literatura, diz Nussbaum, pode ser a causa de que alguém se torne moralmente corrupto. Com a mudança de foco que eu quero propor, o conteúdo moralmente mau não terá influência em corromper cognitivamente (embora possa sob outro aspecto), por ser contadas ou repassadas precariamente. Assim, enquanto há uma longa história de críticas filosóficas sobre o potencial de corrupção moral causado pela literatura, a corrupção com que me preocuparia é menos dependente do conteúdo da história do que aquela que provem da forma e do modo como se emprega. Assim, embora a minha distinção, entre raciocínio narrativo e discursivo esteja fora do trabalho de Nussbaum (que defende que a narrativa pode tornar-nos mais morais dentro de limites específicos), o meu argumento sugere que as narrativas podem nos ajudar a ser capazes de melhor raciocinar (WORTH, 2007, p. 14).

Apoiando-se em considerações de Sarah Worth (2007), fundamentada na teoria de Bruner (2002), Worth (2007) afirma que a imaginação desempenha um papel importante no desenvolvimento das habilidades para o raciocínio narrativo e a construção narrativa de significados. A imaginação é uma capacidade de compor imagens e possibilita dar-lhes movimento, novidade e descobertas surpreendentes. Em geral, de acordo com Marina (2001), a pessoa criativa é aquela que dispõe de um maior repertório de histórias e soluções alternativas para as situações do dia a dia. Os grandes criadores são aqueles que manuseiam mais informações que os demais e, por isso, diante de uma mesma realidade que se apresenta a diversas pessoas, esta aparece cheia de possibilidades. Enxergar estas muitas possibilidades significa ser muito rico em conhecimentos e habilidades, e somente diante da pessoa que possui um repertório maior de esquemas de ação é que se encontra uma solução inovadora. “O raciocínio narrativo e a capacidade de imaginar são mutuamente dependentes e podem ser desenvolvidas desde a infância. A imaginação facilita a formulação dos juízos causais sobre como as coisas poderiam ter acontecido de forma diferente” (WORTH, 2007, p. 14).

Paul Harris, da Harvard Graduate School of Education, enfatiza que a imaginação “permite-nos engajar em pensamentos sobre alternativas”, pois compara-se os resultados pretendidos das ações com os realizados e também sobre a conveniência entre vários caminhos ou soluções alternativas antes de realizar uma ação. Ele refere-se ao juízo moral do seguinte modo: “Ao estabelecer o juízo moral nós também pensamos sobre alternativas. Olhamos algo que aconteceu e perguntamos como poderia ser feito melhor ou diferentemente. Novamente aplica-se o exercício da imaginação” (HARRIS, 2002, s/p).

Alem da especulação sobre as alternativas que poderiam ter sido dadas para as decisões sobre possíveis cursos de ação, há outra função da imaginação que ocorre na compreensão da linguagem:

Há um grande número de trabalhos mostrando que os adultos, ao ouvirem uma narrativa constroem no “olho da sua mente”, por assim dizer, uma imagem mental ou um modelo da situação que está sendo descrita e dos eventos que se desenvolvem. É este *modelo mental*⁵ que se retém por um período longo de tempo, em vez de palavras específicas. A habilidade para construir tais modelos na imaginação é, no meu ponto de vista, algo que emerge destas capacidades, desde a infância e que a criança mostra ao se engajar numa representação de brincadeira e ao pensar em um tempo e lugar diferentes da situação corrente (HARRIS , 2002, s/p).

Worth (2007), em comentário aos trabalhos de Harris (2002), sugere que o desenvolvimento do raciocínio discursivo não somente permanece intacto ao se desenvolver o raciocínio narrativo, mas “pode mesmo ser aumentado empregando a narrativa, e a habilidade narrativa de raciocinar é assimilada, e assim aumentada, até mesmo em um grau maior, pela leitura, audição, e ao contar histórias bem construídas” (WORTH, 2002, p. 14).

No processo de aprendizagem através das narrativas, ao lê-las ou ouvi-las e ao fazê-las, além de se compreender os fatos ocorridos em uma história, também a pessoa se capacita a dar sua explicação sobre como as coisas ocorrem. Ao aprender a raciocinar narrativamente, estará mais apta em compreender, ordenar, e construir sua própria história pessoal e conseqüentemente a compreender a sua própria identidade. Esta capacidade faz com que uma pessoa se torne capaz de uma compreensão mais significativa da realidade, a dar respostas mais adequadas aos problemas do seu entorno, recuperar de forma prudencial suas experiências passadas e conseguir atuar segundo uma coerente narrativa de vida. É o que Worth (2002) afirma:

Os benefícios epistemológicos do contato com a literatura podem ser maiores do que com outros tipos de arte. Isto é, quando se pergunta: “nós podemos aprender com a arte?” (...) Os estudiosos da estética, tiveram problemas para responder a esta pergunta, uma vez que o ganho com a arte literária ou narrativa é não-proposicional. Podemos estar mais bem preparados para responder a esta questão, dizendo que ganhamos habilidades de raciocínio narrativo com a leitura. Por sua vez, estas habilidades de raciocínio não se acrescentam necessariamente ao nosso armazém de conhecimentos proposicionais, mas sim, para o nosso repertório de habilidades, que nos fazem ser seres humanos mais interessantes e mais compreensivos - os tipos de seres humanos que precisam da arte narrativa e da boa conversa que se interessam por outros seres humanos e têm conhecimentos que não são simplesmente do tipo proposicional (WORTH, 2002, p. 19).

⁵ Grifo nosso.

2.1.3 Biografia, história de vida e unidade narrativa

Algumas abordagens educativas retomaram o emprego das biografias no intuito de captar de uma história de vida os ensinamentos que poderiam servir de modelo.

Na acepção mais comum, entende-se por biografia como a tentativa de narrar “o conjunto de tudo o que sucede na vida de uma pessoa com a finalidade de reconstruir a sua personalidade” (OTERO, 1997, p. 15). Por sua vez, Choza (1980, p.105) define a biografia como a “orientação do viver por um caminho e uma direção inéditos, de um modo original e acumulativo no próprio ser do sujeito”. Nesta definição destaca-se a dimensão pessoal do sujeito, que contém a sua identidade, cujo valor ultrapassa o ocorrer efêmero dos fatos. Há um substrato permanente na vida de um sujeito que é fonte de ações e o sujeito tem a consciência da existência de um “eu” responsável pela própria atuação e construção da história pessoal. A pessoa é única e autora do seu próprio destino.

Ainda que esta definição não descreva como se deve fazer uma biografia, situa a questão na originalidade de ser deste sujeito, pois o biografado é um ser único e irrepetível.

Devido à liberdade e à capacidade de ultrapassar os limites do instinto, o ser humano pode encontrar um sentido para as suas atividades e para a sua existência. A categoria existencial deste alguém dependerá de saber transcender à influência imediata dos instintos e configurar sua existência pelas suas decisões livres. Frankl (1989) mostra que é a liberdade o que diferencia o ser humano de outros animais:

Com o animal partilha o homem as dimensões biológica e psicológica. Por mais que o seu ser animal seja dimensionalmente encimado e caracterizado pelo seu ser humano, o homem não deixa de ser também um animal. E, no entanto, é algo mais do que isso. Um avião não deixa de poder dar voltas no aeródromo, em terra, exatamente como um automóvel; embora só se mostre verdadeiro avião quando levanta vôo, isto é, quando se eleva ao espaço tridimensional. Da mesma forma, o homem é também um animal; contudo, em última análise, é também mais do que um animal e, na verdade, em nada menos do que toda uma dimensão, a dimensão da liberdade. A liberdade do homem não é, evidentemente, uma liberdade em relação a condições, quer elas sejam biológicas, psicológicas ou sociológicas; e, sobretudo, não é uma liberdade *de* algo, mas sim uma liberdade *para* algo, a saber: a liberdade para uma *tomada de posição* perante todas as condições. Assim, o homem também só se revela como verdadeiro homem quando se eleva à dimensão da liberdade (FRANKL, 1989, p.4).

A capacidade de tomada de decisão e o guiar-se pelos valores morais possibilitam a construção da personalidade. Isto se dá especialmente em função dos modos de vida, das escolhas livres em resposta às chamadas que ocorrem ao perceber que há bens e deveres que são necessários serem observados. As chamadas provêm tanto do seu interior

como do exterior, as que se referem às pessoas do seu entorno requerem respostas de caráter pessoal. A abertura para o outro permite enxergar que não se está só no mundo e é necessário se ater ao sentido de justiça, respeito e equidade no comportamento. De acordo com Sertek (2006), a motivação para a ação e a sua prática definem o desenvolvimento pessoal e, conseqüentemente, o “perfil biográfico”:

Todo processo motivacional evolui por um trabalho educativo, que é o direcionamento para uma vida melhor ou a aspiração ao melhor, mas também educar é fazer com que surja dentro da pessoa o melhor de si, chegar ao que os antigos chamavam de “máximo de realização”. Até se poderia entender com Vigotski que todos têm uma zona de desenvolvimento potencial, representando o poder das qualidades de cada um. Essa potencialidade de crescimento pode ser atualizada por meio da prática dos atos de virtude, mas exige que se apóie na estrutura de significados e valores que as pessoas já vivenciam. De acordo com o ideal da *paideia*, a felicidade e a realização pessoal dependem da aquisição das virtudes (SERTEK, 2006, p. 370).

A capacidade e originalidade das escolhas pessoais fazem com que o sujeito ultrapasse a dimensão puramente biológica, isto é, para além do desenvolvimento orgânico e psicológico e desenvolva sua personalidade moral. Da escolha adequada entre bens e deveres constrói sua própria biografia. O ser humano tende, por natureza, ao comportamento expansivo ou efusivo e não é determinado por uma necessidade prévia (OTERO, 1997).

De acordo com Otero (1997), o ser humano caracteriza-se por duas dimensões existenciais: uma biológica e outra biográfica. O desenvolvimento biológico depende do processo de maturação natural ontogenético. No âmbito biográfico, o desenvolvimento se dá por meio de uma história de vida, da escolha de meios e fins para a vida. Ainda que tenha limitações de caráter biológico ou material, é mediante o uso da liberdade que define a sua história de vida. Por meio das escolhas livres desenvolve as virtudes ou vícios, como explica Naval (1995):

Com os hábitos a vontade é capaz de determinar-se com facilidade para certo tipo de atos, não se limita a ser determinada em geral pelo fim. Esse aperfeiçoamento benéfico ou maléfico da vontade (virtude ou vício) é o que se chama hábito e quando a vontade adquire hábitos se faz livre. O hábito seria aquilo pelo que alguém atua como quer (NAVAL, 1995, p. 401).

Ainda cabe uma complementação desta idéia para a construção biográfica pessoal, o que MacIntyre (2001) explica sobre os hábitos adquiridos:

De acordo com a explicação de Aristóteles, como segundo a de Platão, o ser humano que adquiriu a educação necessária nas virtudes intelectuais e morais e que por isso aprende o que é seu bem verdadeiro, atua para conseguir esse bem. Para Aristóteles e Platão, como para outros escritores antigos, a razão é uma potência ativa para estabelecer metas e consegui-las (MACINTYRE, 2001, p.197).

Os seres humanos não se diferenciam pelas suas necessidades orgânicas básicas, pois estão submetidos a elas de um modo ou outro; no entanto, é pelo uso da liberdade que se diferenciam os grandes espíritos dos espíritos mesquinhos. O que está em jogo é a escolha livre de comportamentos justos ou injustos, temperados ou intemperados, prudentes ou imprudentes, corajosos ou covardes. Esta construção viva, pessoal e única de um ser de possibilidades, faz-se em meio das situações muitas vezes adversas e o sujeito pode responder de forma surpreendente, nova e única. É isto que buscam os bons biógrafos:

Em uma vida com luzes e sombras, com acertos e erros, com avanços e retrocessos, com lutas por ser coerente e com fissuras de incoerência, tratam de descobrir essa biografia que o biografado “escreveu”, com sua conduta diária, página por página, jornada por jornada. O biógrafo como o escultor, sabe que a “biografia” está aí, no “bloco de mármore” de uma vida humana que a contém e a oculta (OTERO, 1997, p. 20).

Os diversos biógrafos nas suas abordagens perseguem algo especial em que por vezes predomina a visão do psicólogo, a do historiador, a do educador ou a do literato. Pode-se elaborar ou construir tantas biografias de um mesmo personagem quantos forem os prismas pelos que se enxerga determinada pessoa. “Sempre o que se espera do bom biógrafo é sua admirável penetração nos veios das trajetórias vitais do biografado, das suas metas e dos seus caminhos” (OTERO, 1997, p. 20).

Retomando a definição de Choza (1980, p.105), que diz de “uma permanência acumulativa do vivido de forma que enriqueça de um modo original a própria vida”, o biógrafo ou o pesquisador, cada um de acordo com o seu estilo, debruça-se sobre os elementos que oferece o personagem e os perscruta, até descobrir os veios que explicam o seu comportamento.

O enriquecimento que se procura não se faz por meio de elementos esparsos e desconexos que se encontram na vida de uma pessoa. Buscam-se os traços narrativos da vida e da experiência humana. A procura dirige-se a algo que dá ao sujeito um princípio unitário, significativo, que torna inteligível o seu agir. Novamente encontra-se o conhecimento narrativo na gênese do processo de construção de uma biografia:

Se a unidade e a singularidade do *eu* é conseguida através do processo de narratividade e se alguém concebe sua própria existência pessoal como uma história especial e não como uma coisa física ou mental, então serão necessárias ferramentas de pesquisa, mais adequadas, hermeneuticamente orientadas para estudar a identidade pessoal. Estas ferramentas irão tentar compreender o *eu* como uma expressão, e será modelado por uma pessoa que utiliza os processos para compreender o significado de uma frase, e não sobre os procedimentos para a identificação de características ou qualidades. A nossa língua cria uma expectativa de que a resposta à pergunta: "O que é isso?", será dada em termos de alguma coisa ou

objeto. Usando estas questões como os modelos, a resposta à pergunta: “O que eu sou?”, Espera-se que seja uma substância, por exemplo: “Você é a tua alma” ou “Você é o seu corpo.” A resposta aqui proposta é a de que o *eu* é um conceito definido como o processo expressivo da existência humana, cuja forma é a narratividade (POLKINGHORNE, 1988, p. 151).

Por outro lado numa biografia também se destaca o que é próprio de cada sujeito e se define um caráter próprio: “o caráter próprio é o mesmo que o artista dá às suas obras em virtude de suas faculdades” (OTERO, 1997, p.25).

A biografia cumpre sua função na medida em que procura nas obras do biografado a descoberta da sua marca pessoal. Nesta busca descobre-se o que de fato lhe dá unidade em termos de cultura e de vida. Para Otero (1997), cultura refere-se ao cultivo dos hábitos pessoais, que forjam uma determinada personalidade e uma orientação de vida. Ao contrário por deficiência deste cultivo, por vezes também se encontram vidas como um mosaico, isto é uma fragmentação de vida, sem unidade, como seria o caso de uma vida incoerente e descentrada.

2.1.4 Unidade narrativa da vida humana

O ser humano encontra-se instalado espaço-temporalmente, pois se constitui um ser-no-tempo. Por meio da inteligência pode “situar-se acima do tempo na medida em que é capaz de pensar sobre ele, de objetivá-lo, de considerá-lo de maneira abstrata e atemporal” (YEPES; ARANGUREM, 1998, p.72). De acordo com estes autores, se estabelece uma luta contra o tempo que tende a jogar todas as ocorrências para o passado e experimenta-se que a vida é efêmera. Os acontecimentos tendem a diluir-se num nada que já deixou de ser; não obstante, o ser humano experimenta algo que o torna “intemporal, imaterial e imortal. O temporal e o intemporal convivem juntos, dando-lhe seu perfil característico” (*id. ib.*). O sentido do tempo, visto sob o ponto de vista subjetivo, é resolvido pelo papel da memória. Ricoeur (1994) aproveita a abordagem agostiniana para desenvolver a sua teoria sobre a narrativa, afirmando:

A solução é elegante: confiando à memória o destino das coisas passadas e à espera das coisas futuras, pode-se incluir memória e espera num presente ampliado (...) Talvez se pudesse dizer no sentido próprio: há três tempos, o presente do (de) passado, o presente do (de) presente, e o presente do (de) futuro. Há, com efeito, na (in) alma, de certo modo, estes três modos de tempo, e não vejo alhures (álibi) (RICOEUR, 1994, p. 28).

O modo de superar o tempo linear ou cronológico *cronos*, que se diferencia do tempo subjetivo *kairos*, se faz por intermédio da memória, pela qual é possível manter um

núcleo vital de identidade: o que já se viveu, o que se é e o que se projeta como meta futura de vida. Adquire enorme valor para cada pessoa a consciência de ser um sujeito com uma história, com um presente, um passado e um futuro e também com a consciência da participação em um sistema histórico mais amplo. Neste sentido, “resgatar o tempo e reviver o verdadeiro são constantes no comportamento humano (daí as representações populares das grandes histórias dos povos ou as confidências familiares em torno da mesa nas grandes festas). O ser humano é reiterativo: quer voltar porque queria permanecer” (YEPES; ARANGUREM, 1998, p. 73).

A outra maneira de situar-se acima do tempo é o poder ser projetivo, isto é ter um sentido de futuro. Neste aspecto, a inteligência capta um dever ser; de acordo com MacIntyre (2001), capta uma certa idéia de “bem do homem” ou em outros termos, do bem viver a que se refere Rhonheimer (2000).

Isto confirma o que se disse até agora: o homem é um ser biográfico, pois escreve sua história. Caso se pretenda compreender alguém é necessário

conhecer sua vida, contar sua história, narrar a sua existência. Como toda história, para ser minimamente interessante, há de ter uma meta ou uma finalidade que se concretize em um projeto e a aquisição de meios para executar esse projeto (virtudes) e por sua vez, que vá acompanhada de obstáculos (externos e a própria debilidade), que dão toques de emoção e a possibilidade de fracasso a essa narrativa. Pela decisão da própria liberdade, cada um chega a ser, ou não, aquilo que quer ser (YEPES; ARANGUREM, 1998, p. 73).

A consciência de unidade vital de uma pessoa se dá graças à sua memória. Não haveria sem ela, qualquer senso de identidade, de valores, de responsabilidade e do que se ater em termos de projeto vital. O modo dos seres humanos tratarem do que são, do que fizeram e do que dá sentido à sua vida de forma retrospectiva, é efetuado por meio da sua história de vida. Compreende-se alguém por meio de uma narrativa relacionada com outras narrativas de pessoas, inter-relacionadas com aquela narrativa maior a que se pertence como membro de uma coletividade. A sua história de vida, na medida em que é explicitada, poderá ser apreendida e transmitida aos outros como um recurso cultural. Quando se pergunta a alguém, sobre quem ele é a melhor forma de responder será contar uma história. Através da memória reconstrói-se e se recupera o passado visando um futuro. A narrativa torna-se fonte prudencial, a ser revisitada sucessivamente e torna-se uma fonte de sabedoria, dando razão do presente e fundamentando o futuro.

Isto explica o constante afã do homem em recuperar, conhecer e conservar suas próprias origens. Sem elas, perde-se a identidade, a possibilidade de ser reconhecido. Se eu não sei quem é meu pai, me falta algo decisivo: de onde venho? Onde se encontram meus

antepassados? São perguntas que necessitam de respostas” (YEPES; ARANGUREM, 1998, p. 74).

Cultura pode ser entendida sob o ponto de vista de memória do passado, como a construção histórica, as experiências de vida, os frutos e a realização que de alguma maneira se narram de geração em geração e constituem o estoque necessário de narrativas. Este acervo é o que explica uma cultura e dá sentido e significado aos artefatos, costumes, instituições e às próprias raízes de um povo, permitindo uma visão compartilhada de futuro. Sem isso não há linguagem comum para desenvolver um futuro e a sociedade fragmenta-se. O ser humano deixa de ter interesse em abrir-se generosamente ao outro, cresce a desconfiança com relação aos outros, porque já não se pensa em uma narrativa solidária e participativa, mas numa narrativa antagônica e conflituosa. O conceito de cultura como memória do passado, é o que permite apropriar-se do estoque de experiências do passado, tal como justifica Illanes (1997):

Subjaz aí um peculiar sentido da própria conjuntura vital e uma conseguinte valoração da cultura entendida como memória do passado, como reconstrução da história da humanidade de que, ao enriquecer o homem com o conhecimento dos que o precederam, permite assumir com maior consciência sua tarefa histórica pessoal, com a finalidade de uma realização plena da *humanitas* do próprio tempo (ILLANES, 1997, p. 124).

Alasdair MacIntyre (2001), em seu livro *Depois da Virtude*, dedica-se ao aprofundamento da Ética das Virtudes. No capítulo 15, desenvolve o conceito de virtude sob a perspectiva da unidade da vida humana e o conceito de tradição. Diagnostica o problema da sociedade moderna que estimula e dissemina uma abordagem fragmentada da realidade, tanto por parte dos filósofos empiristas como daqueles que se filiam à filosofia analítica, tendendo, nas suas análises das ações humanas, a um processo de dissecação, como o estudo de um músculo em laboratório.

Muitas pesquisas e trabalhos dedicam-se ao resgate da interdisciplinaridade de modo a se evitar a compartimentalização dos conhecimentos e evitando, assim, a perda da conexão no estudo dos fenômenos com a realidade. No caso da compreensão do atuar humano, é necessária uma idéia chave, proposta por MacIntyre (2001, p. 343): “uma vida é um complexo, não uma somatória de episódios individuais”. Ao tratar dos hábitos operativos morais, de acordo com a doutrina aristotélica, discute o fato de que a virtude não é uma técnica ou uma simples destreza para obter resultados instrumentais, como o pianista que estuda uma técnica para tocar com mais rapidez as teclas do piano. Afirma que “a virtude não é uma disposição que produz sucesso somente em um tipo especial de situação” (MACINTYRE, 2001, p. 345), mas a virtude,

ao ser adquirida, propicia uma facilidade para agir bem, buscando o bem total da pessoa nas mais diversas situações.

A virtude adquirida por meio da prática cria uma conaturalidade, isto é, a reiteração de atos bons gera o hábito bom e este, por sua vez, cria a facilidade para agir de um determinado modo. Esta capacidade de atuação conatural é o que se denomina de segunda natureza. Revela-se, portanto, nas múltiplas e variadas situações do cotidiano. Também comenta que “a unidade de uma virtude na vida de alguém só é inteligível como característica de uma vida unitária, uma vida que se possa conceber e avaliar na íntegra” (*id. ib.*).

Este modo de perceber o *leitmotiv*⁶ de uma pessoa exige que se aprofunde no conceito de identidade da vida deste alguém, porque há um núcleo vital de operações, atuações, motivações que partem de um “eu”, e este “eu” se revela através de uma unidade narrativa que tem princípio meio e fim. MacIntyre (2001) oferece uma hipótese sobre qual seria o tipo de narrativa mais conveniente para captar a realidade da vida humana: se por um lado, o relato heróico das virtudes ao modo de Homero, ou então, ao modo sofocliano, em que as decisões humanas são tomadas diante de conflitos morais. MacIntyre (2001, p. 245) explica que Shakespeare “apresentava a vida humana em narrativas dramáticas por achar que a vida humana já tinha a forma de narrativa dramática”. Assim estabelece: “a forma narrativa capta melhor as principais características da vida e da atividade humana” e esta é a abordagem sofocliana; por isto justifica a hipótese de que: “adotar uma postura acerca das virtudes será adotar acerca do caráter narrativo da vida humana”. O autor defende:

Se a vida humana é compreendida como progresso através de males e riscos, morais e físicos, com os quais o indivíduo pode deparar-se e superá-los, de maneiras melhores ou piores e com maior ou menor grau de êxito, as virtudes encontrarão seu lugar como as qualidades cuja posse e exercício costumam levar ao êxito nessa empreitada, e os vícios, da mesma forma que as qualidades, tendem ao fracasso. Cada vida humana vai expressar, então, uma história, cuja forma dependerá do que se conta como mal e risco, e de como o êxito e o fracasso, o progresso e o seu oposto, são entendidos e avaliados (MACINTYRE, 2001, p. 246).

O comportamento humano é livre, mas não se dá de forma isolada, estanque, livre de condicionalismos internos e externos. A compreensão dos cenários onde se desenvolve a narrativa de vida de alguém torna as suas intenções e ações mais inteligíveis, tanto para os próprios agentes quanto para as outras pessoas (MACINTYRE, 2001).

A falta de compreensão circunstanciada dos elementos condicionantes do agir pode levar a não inteligibilidade da história de alguém, daí a importância capital do conhecimento da trajetória de sua vida.

⁶ Motivação fundamental.

Portanto, só se caracteriza de maneira adequada o comportamento quando se sabe quais as intenções de prazo mais longo invocadas e como as intenções de prazo mais curto se relacionam com as de prazo mais longo. Novamente nos envolvemos na escrita de uma história narrativa (MACINTYRE, 2001, p. 349).

Uma ação humana, num dado momento, possibilita, desencadeia ou está na gênese de fatos e situações novas. Um comportamento dentro de uma história de vida pode ser visto como potencializador de ocorrências virtuosas. No caso da pessoa ter adquirido a segunda natureza proveniente das virtudes, isto lhe possibilita agir de acordo com o bem da totalidade da pessoa. Por outro lado, os comportamentos viciosos também geram a segunda natureza que inclina às ações antiéticas e, neste sentido, também serão fontes de ocorrências morais de sinal negativo. É inegável a influência do meio circundante, não somente pelos condicionamentos físicos, mas também pelo condicionamento sociocultural, pois uma pessoa necessita:

Aprender o que é próprio do homem: necessita aprender a falar e a escrever; a tratar os demais e a comportar-se na convivência; e mil coisas mais. Se não se educa, não desabrocham suas capacidades. Se não há um ambiente em que se fale, não aprende a falar; se não se ensina a andar em pé, anda agachado; se não vive em um meio culturalmente estimulante, não desenvolve nenhuma capacidade cultural; nem gosto artístico, nem sensibilidade musical, nem sequer refinamento gastronômico. Tudo deve ser transmitido e só pode fazê-lo num ambiente humano suficientemente estimulante. As capacidades do homem vêm dadas com sua natureza, mas o desenvolvimento dessas capacidades necessita da educação (LORDA, 2001, p. 13).

Para se adquirir o conhecimento significativo, inteligível, de um comportamento é condição-chave o conhecimento de uma história de vida. Este tipo de conhecimento não é do tipo causal, mas descritivo e explicativo. A história de vida constrói-se por um processo narrativo. Hardy (1968, p.5) aponta para esta perspectiva narrativa generalizando: “Sonhamos em forma de narrativa, devaneamos em narrativa, recordamos, prevemos, desejamos, nos desesperamos, duvidamos, planejamos, reconsideramos, criticamos, inventamos, mexericamos, aprendemos, odiamos e amamos por meio de narrativas.”

Ainda que se possa, para determinados fins didáticos, apresentar uma análise de ações individualizadas sob a perspectiva moral, não se pode perder de vista que a ação é “um momento numa história possível ou real, ou em várias histórias” (MACINTYRE, 2001, p. 359). As situações reais do atuar humano são complexas; cada decisão apresenta condicionantes e se pode compreender melhor vivenciando o impacto das circunstâncias nas decisões tomadas e como elas afetam o sentir e o agir do autor. Experimenta-se, desta feita, a imprevisibilidade do desenrolar da ação humana em virtude dos muitos elementos que

concorrem nas decisões e ações: a liberdade pessoal, os condicionalismos internos e externos, a busca de fins de curto e longo prazo, os diferentes níveis e estilos motivacionais e o maior ou menor controle sobre as paixões ou emoções. Todos estes elementos permitem observar que:

Essa imprevisibilidade coexiste com uma segunda característica fundamental de todas as narrativas vividas, um certo caráter teleológico. Vivemos nossas vidas, tanto individualmente quanto nos nossos relacionamentos, à luz de certas concepções de um possível futuro compartilhado, um futuro no qual certas possibilidades nos impelem para a frente e outras nos fazem recuar, algumas parecem já excluídas e outras, talvez, inevitáveis. Não existe presente que não seja instruído pela imagem de algum futuro, e uma imagem do futuro que sempre se apresenta na forma de um *telos* — ou de uma série de fins ou metas em cuja direção estamos sempre nos movendo ou deixando de nos mover no presente. A imprevisibilidade e a teleologia, portanto, coexistem em nossa vida; assim como os personagens de uma narrativa fictícia, não sabemos o que acontecerá a seguir, porém nossa vida tem uma forma que se projeta na direção do nosso futuro (MACINTYRE, 2001, p. 362).

Consegue-se compreender os grupos, coletividades, ou empresas na medida em que se penetra nas narrativas subjacentes que pautam o atuar compartilhado das pessoas dentro de uma determinada cultura. Para a educação moral não se pode privar as sucessivas gerações de um estoque de histórias narrativas ou a própria narrativa de vida das pessoas para que assumam a autoria da sua própria história. Estas narrativas-refletidas, tanto pelos protagonistas como pelos outros que co-participam destas mesmas experiências, constroem a vivência compartilhada em uma coletividade. De acordo com Canastra (2007), em uma experiência realizada no espaço escolar:

O desenvolvimento moral percebido, a partir do enfoque narrativo, destaca as seguintes dimensões (Bolívar, 1999:97): (a) uma competência narrativa, (b) a assunção de um discurso de *autoria* das suas ações e (c) a progressão na sensibilidade e preocupação pelo outro. Um programa de educação moral, na perspectiva narrativa, assenta, basicamente, numa relação dialógica entre professores e alunos, instituindo-se, deste modo, um *espaço de interlocução* de experiências e de vivências, favorável à assunção de perspectivas morais próprias narradas e «autorizadas» (*autoridade de autor*) pelos sujeitos, inscritos numa instância simbólico-narrativa (Tappan e Brown, 1989) (CANASTRA, 2007, p.2).

O conceito narrativo da vida de um sujeito em um determinado momento histórico se dá pelo fato de poder perguntar-se a si próprio e aos outros sobre qual o seu papel histórico nesta narrativa. Uma narrativa não se dá de forma solta, pois uma vida não é um verso solto em um poema. A trama narrativa relaciona-se com a vida e a experiência dos outros e sua influência em outras narrativas. Na identidade de alguém há um aspecto correlativo: “não sou apenas responsável, sou alguém que pode questionar os outros. Faço parte da história dessas outras pessoas, da mesma forma que elas fazem parte da minha. A

narrativa de qualquer vida faz parte de um conjunto interligado de narrativas” (MACINTYRE, 2001, p. 366). É natural que o processo de diálogo esclareça os papéis individuais nas diversas narrativas que se cruzam, complementam e mutuamente se interferem. A inteligibilidade dos diversos papéis dependerá desses esclarecimentos mútuos.

Uma idéia-chave do pensamento de MacIntyre projeta luzes sobre a questão da identidade e narrativa:

É importante reparar que não estou argumentando que os conceitos de narrativa, de inteligibilidade, ou de responsabilidade sejam *mais* fundamentais do que os da identidade pessoal. Os conceitos de narrativa, inteligibilidade e responsabilidade pressupõem a possibilidade de aplicação do conceito de identidade pessoal, assim como pressupõe sua possibilidade de aplicação e também como, de fato, cada uma das três pressupõe a possibilidade de aplicação das outras duas. O relacionamento é de pressuposição mútua. Segue-se que, naturalmente, todas as tentativas de elucidar a idéia de identidade pessoal isoladas das idéias de narrativa, inteligibilidade e responsabilidade estão fadadas ao fracasso, como fracassaram todas as tentativas desse tipo (MACINTYRE, 2001, p. 367).

2.1.5 Narrativa e significado

O significado fundamenta-se na idéia de inteligibilidade, porquanto um determinado agir torna-se inteligível se no desenrolar da vida há um *telos*⁷ que se busca. A aprendizagem moral desenvolve-se por meio da imitação de modelos de comportamento, o contato com as ações boas reforça a motivação para buscá-las, e ao mesmo tempo desestimula os comportamentos viciosos. De acordo com Lins (2007, p. 65) “é na cultura que o sujeito encontrará as premissas para a sua vida moral. Ética se aprende desde a infância, dentro de um contexto cultural”.

Numa unidade narrativa a pesquisa moral tenta descobrir respostas como: o que é bom para mim? Eu devo agir ou devo me omitir? A questão de fundo pode-se resumir em: o que é o bem do homem? Como se pode buscar esse bem para mim ou para os outros nesta situação?

Na concepção aristotélica, esse bem do homem corresponde à felicidade e o caminho está na aquisição das virtudes:

É na procura de um conceito do bem que nos permitirá ampliar nossa compreensão da finalidade e do teor das virtudes, de um conceito do bem que nos permitirá entender o lugar da integridade e da constância na vida, que inicialmente definimos o tipo de vida que é a missão de procurar o bem (...) É no decorrer da missão, e somente ao se deparar e superar os diversos males, perigos, tentações e tensões que proporcionam à jornada de busca seus episódios e incidentes, que finalmente se pode compreender a meta da missão. A missão é sempre uma informação quanto ao caráter do que se procura e de autoconhecimento (MACINTYRE, 2001, p. 368).

⁷ Finalidade.

Duas são as características da busca moral, segundo MacIntyre (2001): a primeira é a idéia sobre o bem do homem, no caso, a virtude, e a outra é que não há soluções prontas ou acabadas para as situações que ocorrem e exigem uma resposta. Decidir supõe arriscar. A ação certa ou a mais adequada não é como a busca da solução de um problema matemático em que há uma resposta única.

No mundo moderno, extremamente marcado pelo individualismo, há um esquecimento dos aspectos que correspondem às próprias raízes culturais. O “vir a ser” a qualquer preço, e por vezes com o viés hedonístico, consiste na nota dominante do individualismo. Esquece-se que a cultura em que se vive cumpre um papel importante na formação dos hábitos coletivos e pessoais.

A história de um indivíduo tem suas raízes na história da comunidade que lhe deu origem, influencia o seu modo de ser e sua concepção de mundo. “Nasci com um passado, e tentar me isolar desse passado, à maneira individualista, é deformar meus relacionamentos presentes” (MACINTYRE, 2001, p. 371). O conceito de tradição emerge desta realidade cultural, a que se pertence e se recebe de diversos modos, descobre-se que se faz parte de uma narrativa, de uma história. As tradições, mentalidades ou concepções de mundo dão respostas às diversas situações. Devido às experiências culturais acumuladas em resolver conflitos, em assimilar situações novas, estas tradições esclarecem sobre o que é ser um bom homem, um bom profissional, um bom aluno ou um bom médico. Por vezes, estas perpassam gerações sucessivas e constata-se o mesmo fenômeno narrativo. Somente através da compreensão da narrativa é que se captam ou se tornam inteligíveis e significativos determinados modos de atuar.

As tradições vivas diferenciam-se da estagnação ou de processos reacionários. A evolução cultural permite diferenciar o mutável do permanente em termos morais. Consegue-se enxergar, como um Sócrates, que existem valores pelos quais é preciso lutar acima de tudo. Os valores perenes, os princípios morais, mantêm-se e a aplicação dos princípios às situações históricas vão gerando soluções de acordo com os problemas novos emergentes.

As tradições são submetidas à prova do tempo e em geral se deterioram, se desintegram e desaparecem. O que sustenta e fortalece as tradições? O que as enfraquece e destrói? A estas questões responde MacIntyre (2001):

A parte fundamental da resposta é: o exercício ou a falta de exercício das virtudes correspondentes. As virtudes encontram sentido e finalidade não só no sustento dos

relacionamentos necessários para que se alcance os bens internos às profissões, e não só no sustento da forma de uma vida individual em que cada indivíduo pode procurar seu próprio bem como bem de sua vida inteira, mas também no sustento das tradições que proporcionam tanto profissões quanto vidas com seu necessário contexto histórico. A falta de justiça, a falta de sinceridade, a falta de coragem, a falta das virtudes intelectuais correspondentes — essas tradições corruptas que criam instituições e profissões cuja vida provém de tradições das quais são a encarnação contemporânea (MACINTYRE, 2001, p. 374).

Todo processo educativo admite um projeto de futuro, um *telos*, pois onde não há uma finalidade para o agir não há narrativa inteligível. A questão que se coloca é a da pretensa neutralidade dos projetos educativos: neutralidade equivaleria a não buscar nenhum significado e a não admitir nenhuma identidade. De acordo com Lins (2007), o conceito de educação pode ser entendido, de forma mais ampla, como sendo:

A atividade necessária a todo ser humano para que este venha a se tornar plenamente humano, desenvolvendo suas potencialidades e construindo progressivamente a sua pessoa integral, num contínuo processo de seu aperfeiçoamento inserido num contexto sócio-cultural-político (LINS, 2007, p. 16).

Estas questões remetem-se à Ética a Nicômaco de Aristóteles a. C. (1941), em que se propõe o aperfeiçoamento integral (excelência/*arete*), não o desenvolvimento de um aspecto da vida humana particular, mas da sua totalidade, e este é caracterizado pela virtude. É o que MacIntyre (2001) observa em relação à estrutura aristotélica das virtudes: “numa estrutura aristotélica, a afirmação de que pode haver algum meio de alcançar o bem para o homem sem o exercício da virtude não faz sentido”. Uma aplicação dos conceitos das virtudes em educação pode desenvolver-se em torno da Obra Bem Feita (GARCIA HOZ, 1987) como uma maneira de construir a totalidade do ser humano.

A interpretação adequada das raízes genuínas das qualidades próprias de cada cultura é o que permite o desenvolvimento das nações e não se trata de saudosismo:

Pelo contrário, trata-se de uma noção adequada de tradição que se manifesta na compreensão dessas possibilidades futuras que o passado tornou disponíveis para o presente. As tradições vivas, exatamente porque prosseguem uma narrativa ainda não concluída, deparam-se com um futuro cujo caráter determinado e determinável, contanto que possua caráter, provém do passado (MACINTYRE, 2001, p. 375).

A tradição, enquanto valor, contribui para a inteligibilidade de condutas e a aplicação de critérios orientadores de conduta. Graças, por exemplo, à tradição viva da prática da regra áurea, “tratar o outro como se desejaria ser tratado”, ao ser aplicada às diversas

situações da vida social, permite que sejam promovidos contextos sócio-culturais de maior cooperação e participação das pessoas na comunidade.

A narrativa permite a compreensão significativa das ações humanas, isto é, descobrir como determinada ação atual relaciona-se com um contexto e uma história de sucessos anteriores e proporciona uma ampliação dos matizes na aplicação de um determinado princípio moral. Donald Polkinghorne (1988) em seu livro *Narrative Knowing and the Human Sciences*, consegue retratar estas idéias de forma bem clara:

O núcleo do argumento feito neste livro é que a narrativa é um esquema através do qual os seres humanos dão sentido à sua experiência da temporalidade e das ações pessoais. O sentido narrativo tem a função de dar forma à compreensão de um propósito para viver e para unir as ações e acontecimentos cotidianos em unidades episódicas. Ela fornece um quadro para compreender os acontecimentos passados da vida de alguém e para planejar as ações futuras. É o esquema primário, através do qual a existência humana é captada de forma significativa. Assim, o estudo dos seres humanos e pelas ciências humanas necessita de se centrar no âmbito do significado em geral, e em particular o significado narrativo (POLKINGHORNE, 1988, p. 11).

A fim de compreender as situações de contexto e sua influência sobre as pessoas, de modo a captar qual a sua motivação num determinado curso de ação, é necessário situá-la num contexto narrativo como fazem os historiadores.

2.1.6 História e narrativa

Para o discernimento dos fenômenos de caráter histórico exige-se um olhar atento a dois aspectos inseparáveis: o acontecimento histórico e a capacidade do próprio historiador. A discussão se justifica devido à incapacidade do fato (puramente fato) dar explicação acerca de si próprio. É papel do historiador o de dirigir a pesquisa, elucidar, destacar os fatos prioritários de outros, verificar as relações com outros fatos e descobrir significados sem violentar a realidade. O olhar do historiador com toda certeza não é neutro, já que se nutre de concepções de mundo, de determinados pressupostos antropológicos, sobre o que é a história e qual é o seu papel no processo educativo.

O juízo crítico histórico é um saber que conduz a conclusões apoiadas em metodologias de trabalho, como é a heurística, a crítica e a hermenêutica. Há necessidade de uma interpretação autêntica dos fatos pretéritos a fim de que se possa, com reta consciência, dizer com o máximo de confiabilidade que as coisas sucederam de determinada forma.

O trabalho do historiador consiste em devolver o fato ao conjunto de fenômenos intercorrentes, sabendo-se que uma palavra sozinha não explica o poema, esta só tem sentido e significado dentro dele. O esforço do historiador é o de procurar reconstituir ou

construir a totalidade do significado. Cassirer (1977, p. 270) propõe uma pauta para os que pretendem pesquisar o fenômeno histórico: “Se conhecemos os fatos em sua ordem cronológica teremos um esquema geral e um esqueleto de história, mas não possuiremos sua vida real. Deste modo, o tema geral e a meta última do conhecimento histórico é uma compreensão da vida humana.”

A história exige a análise dos fatos em sua individualidade e, ao mesmo tempo, um estudo da sua inter-relação com outros fatos, pois interessa conhecer as conexões dos acontecimentos pretéritos com o presente. Suares (1977) parece tratar do óbvio, mas na verdade, grifa a necessidade de prestar atenção ao ponto de partida da construção histórica:

Por fato se entende algo que sucedeu realmente no tempo e no espaço, algo que foi feito de algum modo pelos homens, e tanto faz que seja uma batalha, um tratado, um livro, o descobrimento da América, o pensamento de Aristóteles, a teoria política de Montesquieu, a invenção da máquina a vapor ou a dívida pública de um país em um momento determinado. Se não é um fato, algo que sucedeu realmente, não é nada, e então não há modo de saber do que se ocupa a história (SUARES, 1977, p. 91).

Todo conhecimento histórico se vale de uma narrativa para descobrir a inter-relação do acontecido com os fatos presentes e qual sua potencialidade de configuração de um determinado futuro. O passado, o presente e o futuro se apresentam em uma história como uma narrativa. A história diferencia-se da ficção porque tem aspiração de busca da verdade ou de perfectibilidade (aproximações sucessivas do conhecimento verdadeiro). Isto é, com os dados e conhecimentos disponíveis no momento pode-se chegar a conclusões mais ou menos prováveis sobre os fenômenos e quais suas repercussões no presente.

San José (*apud* CRUZ Y CRUZ, 1995, p. 43) define a narrativa histórica como: “o gênero é a narrativa que convém ao poeta, ao orador e ao fabulista, que narram nos seus poemas, orações e fábulas. A diferença está em ser escrita de forma simples e verdadeira e com isto distingue-se das outras.” A participação do historiador na interpretação histórica é evidente, pois recria “intencionalmente” como se deu o fato pretérito, que já teve o seu presente, num determinado cenário. Marrou (1968) esclarece aspectos do conhecimento histórico do seguinte modo:

O próprio ato deste conhecimento põe simultaneamente o fato como havendo-sido-um-presente e a distância, mais ou menos grande, que nos separa dele (...) através do tempo intermediário, os acontecimentos que se trata de estudar – trate-se de ações, de pensamentos ou de sentimentos – foram produzindo seus frutos, tendo conseqüências, desabrochando suas virtualidades (...). E não podemos separar o conhecimento destes dos de suas conseqüências (MARROU, 1968, p.36).

As questões propriamente históricas revelam uma questão de fundo que se formula, com frequência, da seguinte maneira: porque somos agora como somos? E a esta pergunta não se dá uma resposta lógica com num silogismo: dado isto então resulta aquilo. Apenas se pode descrever o que sucedeu e explicar como naquelas condições e possibilidades surgiram ou se configuraram as condições ou situações atuais.

O ser humano desenvolve-se no aspecto biológico condicionado pelas leis biológicas e acrescenta-se a isto o resultado das suas escolhas livres na edificação do seu ser “biográfico”. Ele é o sujeito de uma história que é narrativa, e esta não é simplesmente individual, mas inter-relacionada com a realidade do seu entorno. Ortega y Gasset (1983) chama atenção para a distinção entre ser físico e o ser histórico que é cada ser humano:

Simplemente contar, narrar que antes fui cristão, que o leitor, por si ou que por outras pessoas sabe, que fui absolutista, cesarista, democrata etc. Em suma, aqui o raciocínio esclarecedor, a razão, consiste em uma narrativa. Frente à pura razão físico-matemática há, pois uma razão narrativa. Para compreender algo humano, pessoal ou coletivo é preciso contar uma história (ORTEGA Y GASSET, 1983, p. 40).

A operação que o historiador realiza ao estabelecer uma relação entre o presente e o passado é a síntese, pela qual demonstra a sua habilidade em expor as vinculações de um fenómeno humano presente àqueles acontecimentos antecedentes distantes.

A narrativa histórica requer que seja específica, faz referência a um episódio definido e, ao mesmo tempo, estabelece uma direção a um fim. O historiador terá que “assimilar as circunstâncias que mais costumam individualizar o caso que se narra; como as pessoas, o tempo, o lugar, o modo e outras que o acompanham” (CRUZ Y CRUZ, 1995, p.43). A síntese projetiva do historiador permite descobrir quais os aspectos de uma realidade já acontecida que possibilitam ou condicionam as situações futuras.

O conhecimento histórico, portanto, não é uma simples narrativa que reproduz o fenómeno; este exige o trabalho de reconstrução e descoberta dos processos em que os acontecimentos passados condicionaram ou influenciaram a existência do presente e visualizar a sua vinculação com o futuro. Cassirer (1977) esclarece este aspecto:

Nesta reconstrução, a mente humana se move na direção do processo original, todas as obras de cultura originaram-se em um ato de solidificação e estabilização (...) Atrás destas formas fixas e estáticas, por detrás destas obras petrificadas da cultura, a história detecta os impulsos dinâmicos originais. O dom dos grandes historiadores não é outro que o de reduzir

os meros fatos ao seu *fieri*, os produtos a processos, as coisas ou instituições às suas energias criadoras (CASSIRER, 1977, p. 272).

Sucesso pretérito é aquele que se caracteriza como princípio possibilitador dos acontecimentos que vêm a seguir. A análise histórica de uma vida, de um invento, da elaboração de uma lei ou de um conflito ambiental, enfim, qualquer que seja a matéria apresenta-se como “sucesso histórico” na medida em que se revela, em virtude da sua existência, como fator “potencial” de novas realidades. Millan-Puelles (1955, p. 114) define bem esta questão: “O conhecimento histórico é aquele cujo objeto se apresenta relacionado com uma atualidade. Historiar é então medir a capacidade possibilitadora de um passado em um presente”.

Outra maneira de pensar, análoga a esta, é a de se compreender qual é a repercussão de um dado fenômeno pretérito no momento presente. Os processos podem ser analisados pelas suas condições de capacitação ou incapacitação de um presente.

Marrou (1968) chama a atenção para o cuidado de que na narrativa histórica se torne claro o princípio de “possibilitação”, isto é: a fecundidade de um sucesso histórico se revela pelo seu “poder de possibilitação”. De um sucesso pretérito, o seu caráter histórico se verifica pelo poder de gênese contido em uma realidade ou em um contexto presente. Este autor também justifica a necessidade de se rever o emprego do termo “causa histórica”, a fim de corrigir os erros das idéias vinculadas à existência de uma inércia histórica proveniente dos fenômenos já ocorridos, como se existisse uma cadeia de acontecimentos necessários componentes de reações mecânicas sucessivas. Na maior parte das vezes poderá se traduzir as “causas” por “condições de aparição” de outros eventos. Prefere empregar a idéia de que um fenômeno se acha vinculado a outro por uma relação inteligível. De acordo com Marrou (1968), aos sucessos históricos não se aplica propriamente a terminologia das causas, mas de condições de possibilitação. Quando se diz que um determinado fato era contingente, isto é, que poderia não ter acontecido, mas como de fato ocorreu, mesmo não sendo necessário, tem a força de possibilitar que alguns eventos sobrevenham e, por outro lado, impede a ocorrência de outros. Marrou (1968) refere-se a esta complexidade do fenômeno histórico da seguinte forma:

A experiência concreta da complexidade do real, a tomada de consciência de sua estrutura e de sua evolução, ambas ramificadas; conhecimento elaborado, sem dúvida, em profundidade e não menos em extensão e em compreensão; mas algo que, em definitivo, ficaria mais próximo da experiência vivida que da explicação científica (MARROU, 1968, p.135).

Uma questão pertinente refere-se à utilidade do conhecimento histórico-narrativo em educação. A descoberta de significados dos acontecimentos exige fundamentalmente uma narrativa histórica ou uma simples narrativa. De acordo com Aurell (2005):

Há um acordo generalizado em relação à primazia da narrativa no discurso histórico, seja este da natureza que for e qualquer que seja a forma ou o seu conteúdo. Neste campo as fundamentações teóricas provêm de uma nova hermenêutica francesa, cujos nomes são filósofos como Michel de Certeau (1975), Paul Ricoeur (1983) e Jacques Rancière (1992) (AURELL, 2005, p. 205).

Qualquer ciência no seu *in fieri* recorre a um processo histórico narrativo como fundamento para a construção do conhecimento. Verifica-se que as diversas disciplinas necessitam de uma abordagem narrativa para a formulação adequada dos problemas de pesquisa da sua área de conhecimento e, especialmente, para realizar um trabalho interdisciplinar. “O próprio funcionamento da comunidade científica, sua inércia, suas instituições e até o mercado editorial assim o fazem” (AURELL, 2005, p. 212). O longo processo de desenvolvimento das ciências adquire significado por meio de um histórico narrativo: sobre como se propuseram os problemas, quais foram as hipóteses, os avanços e os seus escolhos, revela-se o aprendizado de significados em função dos eventos e sucessos que permearam a história daquela atividade.

A narrativa histórica implica, como destaca Marrou (1968, p. 180), em um “rodeio, um circuito, que supõe um primeiro movimento centrífugo, uma – *epoché* –, uma suspensão das minhas preocupações existenciais mais urgentes, uma saída fora de mim, uma mudança de hábitos, um descobrir e encontrar o outro.” Destaca-se especialmente a capacidade de abertura para a compreensão de significados, o que exige um enriquecimento do universo interior daquele que narra “mediante a captação dos valores culturais recuperados do passado” (MARROU, 1968, p. 183).

O saber narrativo amplia o universo de compreensão de identidades, situações e significados e torna o pesquisador um ser capaz de compreender a realidade. A própria experiência de vida de um ser humano se faz por meio da conexão de eventos em sua trajetória de vida, de tal forma que Polkinghorne (1988), ao tratar da prática e narrativa, comenta:

O processo básico de representação que produz a experiência humana da própria vida e ação e das vidas e as ações dos outros é a narrativa. Através do enredo, a forma narrativa constitui a realidade humana em blocos, manifesta os valores humanos, e dá significado à vida. O enredo compõe o significado dos acontecimentos por um processo semelhante ao

que a gramática emprega para desenvolver o significado das palavras. Para se perguntar de uma narrativa, “O que realmente aconteceu?”, é de se supor que os enredos são simplesmente representações de realidades extralingüísticas e que eles podem ser investigados empiricamente ao recapturar aquelas realidades extralingüísticas (POLKINGHORNE, 1988, p. 159).

O conhecimento histórico narrativo amplia ilimitadamente o saber humano e aumenta as possibilidades de ampliar significados comparados aos conhecimentos por evidências pontuais de um acontecimento. A abordagem narrativa das experiências de indivíduos em qualquer âmbito, como explica Paulding (*apud* MARROU, 1968), são necessárias:

para aprender o que não sabíamos e que nos seria praticamente impossível descobrir estando sós, por não ser esse homem que nos ensina. Uma vez que o conhecemos e compreendemos, nos convertemos nele mesmo e sabemos o que ele sabe; ainda que não tenha vivido há muito tempo e muito longe de nós, sem dúvida, desde agora possuímos a sua experiência de homem e de vida (*apud* MARROU, 1968, p. 182).

Hannah Arendt (1997) expressa sua tese sobre a modernidade dando um destaque especial ao pensamento de Tocqueville (*apud* ARENDT, 1997, p. 32): ‘Desde que o passado deixou de lançar sua luz sobre o futuro, a mente do homem vagueia nas trevas’. Ela diagnostica a falta de instrumentos de análise, sobre como situar-se entre o passado e futuro, e aponta para uma possível solução para este impasse pelo resgate da memória e dos valores. Neste sentido, pode ser de grande valia a análise narrativo-reflexivo das experiências em diversos campos de atuação, estudando personagens que encerram um potencial de aprendizagem sobre os valores humanos.

Celso Lafer (2006), pela passagem do centenário de nascimento de Hannah Arendt, comenta a teoria arendtiana das narrativas, justificando que, a partir das experiências de vida e experiências históricas, pode-se lançar uma ponte entre o passado e o futuro com a construção da narrativa de quem viveu experiências significativas. Este autor comenta:

Em *Entre o Passado e o Futuro*, afirma que, numa época em que o ineditismo dos eventos tornou precários os conceitos, o seu pressuposto era de “**que o próprio pensamento emerge dos incidentes da experiência viva e a ele deve permanecer ligado, já que são os únicos marcos por onde obter orientação segura**”⁸ (LAFER, 2006, p.2).

Em particular a narrativa histórica é a expressão da memória que se resiste ao esquecimento e promove a ponte para o futuro. Ainda que os acontecimentos contingentes

⁸ Grifo nosso.

e pontuais ocorram no aqui e agora, num momento temporal preciso, pertencem a um contexto mais amplo que se pode identificar como um contexto narrativo. O conhecimento narrativo vinculado à memória é o sustentáculo de toda a identidade, seja individual ou coletiva, e é fonte de aprendizado.

2.2 CONSTRUÇÃO DE UM CENÁRIO E PERFIL

A construção do cenário histórico-político em que viveu Jorge Lacerda (JL), e do seu perfil biográfico visa proporcionar os elementos para compreensão e contextualização dos discursos analisados nos dois eixos temáticos escolhidos.

Jorge Lacerda nasceu a 20 de outubro de 1914, na cidade de Paranaguá, Estado do Paraná, e de acordo com Ptsica (2003), os seus pais eram provenientes de uma ilha grega denominada Kastelórizo, onde seus habitantes trabalhavam com a pesca e comércio marítimo. Vieram para abaixo dos trópicos várias famílias gregas: os Joanidis, Atherino, Kotzias, Pítsica, Lakerdis e tantas outras famílias gregas e de outras nacionalidades que se dedicaram à construção do Brasil, constituindo-o num verdadeiro laboratório de amalgamação de etnias, com o colorido e a riqueza da diversidade que se soube assimilar.

O Estado de Santa Catarina, nos anos 30 e 40, era de características rurais, e a sua capital, Florianópolis, começou a se desenvolver, como descreve Piazza (1993), “a partir de 1926, com a ligação ilha-continente e o aprimoramento, cada vez maior, das ligações rodoviárias com outras partes do Estado, tornando-se mais constante o fluxo social da capital” (PIAZZA, 1993, p. XX).

Jorge Lacerda, desde as primeiras letras, aplicou-se nos estudos sendo estimulado pelos pais e se torna aficionado aos livros. Cultivou assiduamente a leitura dos clássicos de literatura, de modo que o seu pendor à palavra escrita e à palavra falada desenvolveu-se vigorosamente. Para a continuidade dos estudos básicos, passou a residir em Florianópolis, e em 1926 é admitido no então “Gymnásio Catharinense”, no qual estudavam alunos de todo o Estado de Santa Catarina e provenientes de famílias de condição econômica mais elevada. Tal como as sementes, ainda que diminutas, viriam a ser árvores imponentes, ali se nutriu o espírito humanista, a paixão pelas letras, a profunda inquietação pelos destinos do Brasil, o interesse pelos temas sociais e a formação das virtudes morais e cívicas. Os princípios democráticos na mais genuína acepção clássica e a preocupação por uma educação segundo os ideais da *paidéia*, aos poucos, como alimento, produziu a feracidade das suas disposições.

Debruçou-se com grande profundidade sobre autores da Grécia clássica. Leu A República de Platão, as obras de Aristóteles, os trabalhos de Cícero e tantos outros. Por outra parte, seu interesse pelas raízes brasileiras se aguçou. Foi um voraz leitor da História, buscou o conhecimento das entranhas da nação brasileira e indagou sobre a sociologia. Procurou em análise crítica as contribuições das diferentes concepções e interpretes do sentir brasileiro: Silvio Romero, Alberto Torres, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre e Afrânio Peixoto. Questionou-se sobre a figura do homem cordial, da brasilidade e se interessa pelas questões motivadoras do modernismo (PASSOLD, 1998); (ADONIAS FILHO, 1960). Corre o ano 1930.

Em Santa Catarina havia poucas opções para os estudos de nível superior, e em 1931, consegue ingressar no curso de medicina da Universidade do Paraná. Durante o curso universitário em Curitiba, JL inicia a atividade política, como líder estudantil, filiando-se à SEP-Sociedade de Estudos Políticos, fundada por Plínio Salgado, que originou posteriormente a AIB – Ação Integralista Brasileira. JL, além das atividades estudantis, exerce a função de secretário particular de Plínio Salgado e também se ocupava da direção regional do jornal “A Razão”, órgão de divulgação do SEP (LACERDA, 2007 s/p).

Em 7 de outubro de 1932, no mesmo ano em que ocorre a Revolução Constitucionalista em São Paulo, foi quando Plínio Salgado divulgou o “manifesto” aos intelectuais, políticos e pessoas ligadas à Igreja Católica, difundindo a ideologia do movimento integralista. De acordo com Piazza (1993), o crescimento deste movimento foi surpreendente e, possuía em 1936, aproximadamente 3.000 núcleos espalhados por todo o país. Difundiu-se a doutrina integralista, através de 56 periódicos regionais. O integralismo “preconizava a defesa do corporativismo, dentro de um nacionalismo exacerbado e predispunha-se à auto-militarização” (PIAZZA, 1993, p. XXIII). O movimento foi extinto em 3 de dezembro de 1937, correspondendo ao ano em que JL formou-se em medicina. A filiação de JL, como líder estudantil, a este movimento, permite a compreensão do entusiasmo que produziu aquela doutrina na vida de muitos intelectuais e estudantes no ambiente universitário.

Todos os partidos foram extintos no final de 1937, no regime do Estado Novo, instaurado pela ditadura de Getúlio Vargas, e a isto alude Pasold (1998) que:

O Golpe de Estado de Getúlio Vargas instalou o chamado ‘Estado Novo’ e, em 3 de dezembro, o Movimento Integralista foi considerado oficialmente proscrito e dissolvido. Jorge foi fichado no órgão repressor oficial. Seus movimentos eram acompanhados sempre por agentes da polícia política, mas no Paraná o ambiente não lhe era tão desfavorável uma vez que podia, apesar das restrições, locomover-se livremente e dar os primeiros passos na

profissão. Em Santa Catarina, contudo, havia uma ordem de prisão política contra ele e em Florianópolis a casa de seu pai passou a ser objeto de vigilância e buscas periódicas à sua procura (PASSOLD, 1998, p. 49).

JL formou-se como médico em 1937, sendo orador da sua turma. Por meio da sua fala, nesta ocasião, constata-se o seu ideal em combate à chaga corruptora dos desvios éticos.

O Brasil confia na mocidade, pois, quando o cataclisma corruptor dos caracteres devasta a sociedade, são sempre os moços que fulguram ainda, como nas cruciantes secas nordestinas, com a pujança soberba e eterna das oiticicas e dos juazeiros sempre verdes! (...) Os ideais dos moços são estandartes carregados por asas de condores, que não rastejam nos pantanais, mas que rompem seus vãos nos píncaros das montanhas azuladas, batidos pelos ventos da liberdade! (LACERDA, 1937, p. 3).

Este discurso, uma verdadeira ode à esperança, é contrário a todo o ceticismo daquela época. Animou a platéia a uma visão: “Deste Brasil que fará amanhecer na América, uma radiosa civilização, já entrevista por Keyserling em ‘O Mundo Que Nasce’, neste instante em que Spengler, o Jeremias de nossa época, chora a Decadência do Ocidente” (LACERDA, 1937, p. 4).

Constantino Lacerda (seu irmão) descreve a sua personalidade como caracterizada:

pelo seu espírito, o *espírito de finesse*, anti-racionalista, anti-metódico, (...). (Tinha) a agudeza de espírito, o sentido da leitura de um livro, ou do ouvir o professor, ele assumia um papel para além daquilo, de forma mais abrangente, dentro dos outros domínios que a (da) própria disciplina, daquela formação, de modo que não seguia muito ao pé da letra o que a própria disciplina instituíra, estabelecia (LACERDA, 2007).

Realizou uma leitura crítica dos acontecimentos e dos textos que lia, tinha opiniões bem definidas sobre os assuntos, ao mesmo tempo em que aliava uma grande capacidade de diálogo, pois:

Ele já tinha uma concepção da vida, isso ele levou até o fim da vida, ele não acreditava nas minhas, (na minhas, pessoais), classificações das coisas, ele achava ridícula mesmo diante da política, do comunismo, das idéias de Marx ou das idéias de quem for, ele não adotava essa classificação, quer dizer, ele não usava tudo isso, (pois) o que podia acontecer: esse outro lado da vida, outra forma da vida, sempre punha tudo no imponderável, no imprevisível, (...) agora, acreditava nas pessoas, acreditava no poder das pessoas, considerava os outros como ele próprio, não se alçava dentro dessa inteligência num nível superior (LACERDA, 2007).

Cresceu e se expandiu em desejos de atuação e influência no seu entorno. Foi a partir da sua formatura que imprimiu uma veloz corrida de crescimento cultural e

político. Dividiu o seu tempo entre a medicina, o jornalismo, a literatura e as aspirações políticas, de acordo com a sua perspectiva de serviço ao bem comum.

Jorge se lançou orador por si próprio, como um jornalista, isso que ele é, apesar de fazer medicina, ele queria estudar medicina, seguiu o integralismo, ele se apaixonou por aquela doutrina e tal, tornou-se o líder de Curitiba. Líder político e estudantil (LACERDA, 2007).

Era dotado de um grande potencial de influência e poder comunicativo, como reflete Lacerda (2007):

Eu, na Escola de Engenharia, estudando no Rio, morando numa pensão lá, o colega de pensão, que era do Maranhão também, me abre umas cartas que recebeu de um juiz de Curitiba com fotografias do Jorge fazendo discurso, com fotos, fazendo os maiores elogios ao Jorge Lacerda, quer dizer, isso no ano de 1940, 41, 42. Então fazia alusões ao Jorge como líder de grande esperança, de grande futuro. Aí dizia assim para o meu colega, e ele (o colega) admirava muito esse juiz, achava de uma inteligência a toda prova. De maneira que não havia círculo, não havia grupo, a coisa se difundiu, a idéia do Jorge, dele próprio, se difundiu independentemente, o integralismo poderia ser um veículo para esse Brasil todo.

Os que conviveram com Jorge afirmam que ele era de um caráter cordial, interessado, de uma maravilhosa capacidade dialógica e sensível às necessidades humanas. Tanto o escrever como o falar pertenciam às suas melhores qualidades. É possível diagnosticar que é detentor da virtude social clássica da liberalidade, que Innerarity (2000) a define como:

a disposição para afirmar o valor de opiniões e crenças que diferem das nossas. A aquisição desta virtude depende da capacidade imaginativa de situar-nos em pontos de vista alternativos. Destaca-se ao longo da sua vida a ‘competência intercultural’, capacidade de potencializar a articulação da diversidade (INNERARITY, 2000, p. 146).

A sua vocação literária e a preocupação pela expressão foram dominantes no modo de se comportar. Uma boa interpretação desta dimensão é a que analisa Lacerda (2007):

A vocação literária, você pode abstrair de forma sintética, da oração proferida na ocasião da sua colação de grau. Então já se vê a expressão artística pela oratória: “*a palavra sofre o mesmo desespero do escôpro e do pincel...*”⁹ análoga do artesão, do artista. O otimismo

⁹ “A palavra sofre o mesmo desespero do escôpro e do pincel... O orador experimenta sempre a mesma, angústia do estatuário, cujas mãos nervosas desejam interpretar, no mármore bruto, a expressão imortal da beleza; e a mesma aflição do pintor cuja alma torturada de artista procura surpreender, na alquimia das tintas de sua paleta, a magia arrebatadora das cores da natureza...” Oração proferida em nome da turma dos médicos de 1937 da Faculdade de Medicina do Paraná, na solenidade de colação de grau realizada no Clube Curitibano.

naquela frase dele, e o *pessimismo é o túmulo do ideal*¹⁰. A saudade familiar, a mãe, a religião católica. A vida que seguiu só fez confirmar e nunca foi desmentida. Como orador da turma, a peça preparada durante um ano inteiro, em 1937, sintetiza o ideal que perseguiu a sua vida. A sua obsessão pela melhor expressão que poderia obter para os seus pensamentos e sentimentos, queria fazê-lo pela oratória, e as praticou pelas oportunidades que teve em qualquer cerimônia. Sempre aparecia o Jorge falando, como orador principal, como orador nato, mas com a preparação, com a seriedade que ele dava ao fato. Foi orador quando terminou a escola primária (LACERDA, 2007 S/P).

Sentiu dificuldade para estabelecer o seu local de trabalho, já que em Santa Catarina era perseguido, e em fevereiro de 1938 translada-se para São Paulo (capital) onde exerceu profissão de médico. Em matéria publicada no jornal O Estado de São Paulo, depois do acidente aéreo que lhe ocasionou a morte em 1958, comentou-se que JL:

Pertenceu ao grupo de intelectuais que viu com simpatia o movimento liderado pelo Sr. Plínio Salgado, atraídos pelo sentido de renovação de métodos e costumes, quer políticos, quer intelectuais, que se disfarçava sob o sigma. De suas ligações com os intelectuais do grupo que ficou conhecido pelo nome “verde amarelo”, e que quase todo ele repudiou as tendências fascistas do movimento, resultou o convite que recebeu de Cassiano Ricardo, quando da fundação de “A Manhã”, no Rio (ESTADO DE SÃO PAULO, 1958, p. 6).

JL, desde 1940 passou a residir no Rio de Janeiro, onde, além da atuação como médico ocupava-se da assessoria da direção do jornal A Manhã. A gênese da constituição deste jornal é relatada nas memórias de Cassiano Ricardo¹¹ (RICARDO, 1970) ao destacar que Getúlio Vargas havia se interessado pelas idéias que expunha no seu livro: “O Brasil no Original”, publicado em 1937, e neste livro “sustentava a idéia de uma democracia social, como terceira solução, sem comunismo nem fascismo” (RICARDO, 1970, p. 155). Este fato possibilitou o contato com o presidente, que se afeiçãoou às suas idéias políticas e de acordo com Ricardo “havia mesmo pontos de contato entre o nosso pensamento político e o Estado Novo” (*id.*). Passado algum tempo, nasceu o projeto de realização do jornal A Manhã, no Rio de Janeiro. Elaborou-se, por indicação de Getúlio Vargas, uma lista dos possíveis candidatos a dirigi-lo, porém o nome de Cassiano não constava da lista preliminar, e nesta ocasião é o próprio Getúlio Vargas quem sugere incluir o nome de Cassiano Ricardo. Cassiano é convidado oficialmente a dirigir o novo jornal em 24 de maio de 1941 e aceita a incumbência.

¹⁰ *id.* “Não conhecemos o ceticismo, que é o túmulo do ideal, nem cantamos as elegias do pessimismo, que é a marcha fúnebre dos ideais desfeitos!”

¹¹ Quarto ocupante da Cadeira 31 da Academia de Letras, eleito em 9 de setembro de 1937, na sucessão de Paulo Setúbal e recebido pelo Acadêmico Guilherme de Almeida em 28 de dezembro de 1937. <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=390&sid=295>

Cassiano Ricardo, como descreve nas suas memórias, cercou-se de colaboradores para dar início ao empreendimento e convidou a:

Barros Vidal para secretário, *Jorge Lacerda*¹² como auxiliar direto na direção (que depois seria deputado federal e governador de Santa Catarina). Cecília Meireles, Leopoldo Aires, Mucio Leão, Ribeiro Couto assessoravam no aspecto intelectual e literatura. Como colaboradores estavam Afonso Arinos, José Lins do Rego, Alceu Amoroso Lima, Oliveira Viana, Djacir Meneses, Umberto Peregrino, Euryalo Cannabrava, Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Gustavo Barroso e Vinicius de Moraes” (RICARDO, 1970, p.157).

O Jornal “A Manhã” foi inovador ao inaugurar dois suplementos: “Autores e Livros” sob a direção de Mucio Leão voltado à história da literatura brasileira, outro “Pensamento da América” dirigido por Ribeiro Couto. Pouco tempo depois, Cecília Meireles, planejou A Manhãzinha para crianças, que por motivos de tipo técnico não se realizou (RICARDO, 1970). Com a saída de Múcio Leão do jornal, Jorge Lacerda começou a coordenar também os aspectos literários e fundou e dirigiu a partir de 12.05 de 1946 o Suplemento Letras e Artes. Nas páginas do suplemento contribuíram os mais destacados escritores brasileiros, e conquistou o prestígio, como um dos melhores e influentes meios de difusão da cultura da época, pois representou uma coletânea dos produtos literários e artísticos de maior qualidade. Martins (2002, p. 35) o qualifica como “um dos periódicos literários mais importantes e prestigiosos do período”. Foi decisiva a influência do suplemento na promoção de novos escritores, por meio da instituição dos prêmios nacionais de literatura.

Ao fim de um ano de publicação, em 1947, recebeu algumas gratas felicitações. Guimarães Rosa (1947) o saudou: “Letras e Artes (LA) é a nossa revista literária. Jorge Lacerda melhora mais de uma vez por ano, o seu ‘suplemento’ que está magnífico” (LETRAS E ARTES, 11.05.1947, p. 3). Reuniu neste suplemento os que seriam as expressões principais da intelectualidade brasileira. Pode-se, sem exagero, enumerar algumas das suas qualidades para levar tal empreendimento avante: cativante, empático, comunicador, inteligência lúcida, dotes de uma extrema inteligência, descobridor de talentos artístico-literários e talvez, por último, e não menos importante, - um trabalhador infatigável. Alceu Amoroso Lima (1947, p.3), colaborador assíduo de Letras e Artes, fez-lhe chegar umas linhas: “O melhor de todos os suplementos literários brasileiros, do momento, pelo que receba meus parabéns e de uma independência literária altamente louvável.” Algumas vezes o elogio o toma de surpresa; do amigo Manuel Bandeira (1947, p. 3) recebeu com reservada alegria: “O nosso Rio está presente sem uma boa revista literária. Por isso quem escreve prefere dar

¹² Grifo nosso

matéria aos suplementos dominicais da imprensa diária. Entre estes figura em primeira linha o da A Manhã, tão cuidadosamente organizado por Jorge Lacerda”. O suplemento adquiriu difusão nacional e na edição de 21.03.1948 noticiou-se: “Letras e Artes, órgão de grande penetração hoje em todo país. A Manhã, já por várias vezes tem atingido em sua edição dominical comprovadamente a tiragem de 100 mil exemplares”.

Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Athaide), em fins de janeiro de 1951, assumiu a condição de diretor do departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana em Washington. Tratava de alimentar o intercambio cultural entre as nações americanas; ele mesmo, num ofício¹³ datado de 14.03 de 1951, explicava que:

No caso do Brasil, não obstante as muitas revistas e jornais que recolhemos daí, a nossa informação continua ainda, lamentavelmente incompleta, muito incompleta. Para remediar tão lastimável deficiência, julgamos imprescindíveis os suplementos literários dos principais jornais do Rio, São Paulo e outras capitais, pois só assim poderemos obter dados atuais exatos, quentes ainda, do que vai ocorrendo por aí no domínio da cultura. Venho, portanto, por intermédio da presente, solicitar ao caro Amigo tenha a bondade de enviar regularmente o “Suplemento Letras e Artes” de A Manhã – fonte valiosíssima de divulgação das aventuras intelectuais e espirituais dos brasileiros – à Biblioteca da União Pan-Americana (em inglês, Columbus Memorial Library, Pan American Union, Washington 6, D.C., USA), pois jamais poderíamos encarecer demasiado a sua consulta (LIMA, 1951).

Menotti Del Picchia¹⁴, na edição de LA de 11.05 1952, p.4, relatava no sexto aniversário de LA o seguinte:

Assisti ao nascimento de “A Manhã”, folha surgida sob a inspiração e a direção de Cassiano Ricardo. Dela se gerou o famoso suplemento ‘Autores e Livros’, a que Mucio Leão deu o melhor do seu carinho. Sob bom signo surgiram para a cultura brasileira tais veículos do nosso pensamento. É que, continuando o brilho dessa tradição, Jorge Lacerda nos daria ‘Letras e Artes’ – avatar magnífico de ‘Autores e Livros’ – e Almeida Fischer continuaria a obra de Jorge oferecendo ao Brasil um dos mais modernos, ágeis e informados suplementos literários que circulam entre nós (PICCHIA, 1952, p.4).

Nesta mesma edição encontra-se felicitação da deputada Ivete Vargas recolhendo o sentir da magnitude da obra literária que foi LA naqueles anos, e o quanto promoveu os escritores de valor:

Letras e Artes trouxe um sentido novo à vida intelectual no Rio. Veio enaltecer e consagrar figuras de poetas e escritores do maior mérito, alguns dos quais injustamente esquecidos. Faltava-lhes oportunidade que não raramente se nega ao gênio e ao talento, para que venha enriquecer o patrimônio humano: “Letras e Artes” jamais patrocinou a mediocridade encasacada de alguns figurões. Ele lançou e consolidou valores novos, e tem sido, nesses

¹³ IAFP, n. 711.

¹⁴ Terceiro ocupante da Cadeira 28, eleito em 1º de abril de 1943, na sucessão de Xavier Marques e recebido pelo Acadêmico Cassiano Ricardo em 20 de dezembro de 1943.

<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=523&sid=277> Acesso em 15.02.2008

seis anos, uma tribuna de luta pela arte e pelo belo. Não poderia, pois, o seu aniversário passar, como tantos dias inexpressivos. Esta data promove uma confraternização da gente de espírito, sintonizada na alegria comum dessa conquista do mundo das letras no valor de gente como Jorge Lacerda, que, vencendo a frieza e a desilusão de muitos, consegue criar uma mensagem duradoura e harmoniosa de beleza. Minhas felicitações ao suplemento de “A Manhã”, e de modo especial a Almeida Fischer, legítimo continuador dessa obra (VARGAS, 1952. p.6).

De acordo com Schmitz (2008), referindo-se ao meio cultural catarinense:

O governador Jorge Lacerda, homem muito ligado às letras e que havia dirigido, no Rio de Janeiro, o suplemento Letras & Artes do jornal “Correio da Manhã”¹⁵, garantiu recursos para a publicação da revista¹⁶, de periodicidade trimestral. A primeira edição, de 88 páginas, no entanto, trouxe a nota triste: quando estava praticamente fechada, chegou a notícia da morte do governador, em acidente aéreo, perto de Curitiba, no mesmo vôo em que estavam o ex-presidente da República Nereu Ramos e o senador Leoberto Leal. A tragédia repercutiu também no Rio de Janeiro, onde a morte de Lacerda foi lamentada por gente como Carlos Drummond de Andrade, Dinah Silveira de Queiroz, Otto Maria Carpeaux, Adonias Filho, Manuel Bandeira e Assis Chateaubriand. Explica-se: Lacerda havia feito do Letras & Artes o melhor suplemento cultural do País, o que lhe valera a estima e admiração de intelectuais de renome em todos os estados (SCHMITZ, 2008, p.8).

Sua habilidade em conseguir, pela sua liberalidade, saber dialogar de forma transdisciplinar com autores das mais diversas orientações, levou Carlos Drummond a lembrar-se dele, “dirigindo com bom gosto e habilidade política o suplemento literário A Manhã um jornal que a gente lia aos domingos, por causa do suplemento” (ANDRADE, 1960, p.247). No quinto aniversário de Letras e Artes, na edição de 13 de maio de 1951, Almeida Fischer relatava que “o esforço e dedicação de Jorge Lacerda, sua grande sensibilidade estética e a inegável capacidade que possui de arregimentação e seleção de valores, foram o arcabouço do renome com que os leitores têm honrado Letras e Artes” (FISCHER, 1951, p.15).

Em paralelo às atividades jornalísticas em 1942, JL prestou concurso para médico clínico do SAM – Serviço de Assistência aos Menores”, e sendo aprovado, ao assumir esta atividade teve contato direto com a miserabilidade de muitíssimas crianças e suas famílias. Pouco depois exerceu a direção de uma das divisões do IPASE - Instituto de Pensões e Aposentadoria dos Servidores do Estado. As preocupações, para o aprofundamento das questões jurídicas, o levam a inscrever-se em 1943 “no concurso de admissão à Faculdade de Direito de Niterói, logrou êxito e fez o curso no horário matutino, administrando a seqüência de disciplinas na medida de sua disponibilidade de tempo” (PASSOLD, 1998, p. 88).

¹⁵ O correto é: Jornal A Manhã do Rio de Janeiro.

¹⁶ Revista Litoral, publicada a partir de 1958.

No panorama político nacional, o Estado Novo em 1944 já se encontrava bem debilitado, e por fim se deu a queda de Getúlio Vargas, com a conseqüente reorganização política do país. A partir de 1945, constituíram-se novos partidos, e entre eles, surge o PRP- Partido de Representação Popular impulsionado por Plínio Salgado, reunindo, entre outros, antigos integralistas e simpatizantes desta doutrina. Em dezembro de 1945, JL lançou-se, estimulado por Plínio Salgado, como candidato do PRP a deputado federal por Santa Catarina, porém não conseguiu votação suficiente para a sua eleição.

Adonias Filho¹⁷ recordava, em suas memórias, como depois de um diálogo, brotou o que seria o projeto de vida de JL:

Aqui estamos nós, Jorge Lacerda e este amigo em plena tarde democrática, a discutir o que valia a pena: se a permanência na pobre área das letras ou se a aventura política em todas as suas conseqüências. Foi naquele instante, e assim o admito, que resolveu candidatar-se a deputado federal (ADONIAS FILHO, 1958, p. 63).

O seu lançamento, em 1946, pelo PRP foi uma boa experiência como um ponto de partida, já que o seu partido era muito pequeno, e mesmo não conseguindo eleger-se, obteve uma votação relativamente alta -8.502 votos- para um universo de 248.000 eleitores em Santa Catarina.

Conta Pasold (1998) que JL, prestes a se formar no curso de direito em Niterói, no início de 1949, recebe uma ligação telefônica do chefe do gabinete do Ministro da Justiça, para uma conversa pessoal com o então Ministro Adroaldo Mesquita da Costa, convidando-o para trabalhar em sua equipe. A passagem de JL pelo ministério permitiu-lhe uma atuação mais direta nas questões relevantes para o país, e com isto, uma maior interação com seus conterrâneos em questões de interesse do Estado de Santa Catarina. O fato de ocupar posições de certo destaque, possibilitou conquistar o prestígio para propor-se à candidatura como deputado federal.

A medicina aos poucos foi saindo do cenário da sua atuação e ganhou corpo o humanista, jornalista, intelectual e político. Nunca deixou de correr nas suas veias a inquietação pelas necessidades humanas que lhe proporcionou a vivência na Faculdade de Medicina no contato com as vicissitudes humanas, como alude no discurso de formatura: “Setenta por cento das nossas populações são doentes, além de analfabetos!” (LACERDA, 1937).

¹⁷ Quinto ocupante da Cadeira 21, eleito em 14 de janeiro de 1965, na sucessão de Álvaro Moreyra e recebido em 28 de abril de 1965 pelo Acadêmico Jorge Amado.
<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=17&sid=230> acesso 21.02.2008.

A sua candidatura a deputado federal, em 1950, formalizou-se pela coligação do PRP com a UDN, apoiada por Irineu Bornhausen e por isso foi extremamente profícua, pois obteve uma votação expressiva e com isto foi eleito. Em 1954 é reeleito pela mesma coligação, e sobre a atuação de JL neste período, João Paulo dos Reis Velloso, seu secretário particular avalia da seguinte forma:

Ele era um intelectual na política. Eu me lembro bem de um livro que foi famoso nos anos 30 “A Traição dos Intelectuais”, de Julien Benda que foi relançado atualmente e é de 1926, e mostra que a missão do intelectual é a de difundir os valores universais, então quando eu o reli, faz uma semana, eu liguei ao Jorge. Essa função do intelectual e o que o Benda dizia é que os intelectuais estavam fugindo da sua missão da defesa dos valores universais, que é a tradição greco-romana, cristã, judaica, essa coisa de civilização ocidental. De modo que a gente pode dizer que era um intelectual fazendo política. Só que ele tinha um grande talento político (VELLOSO, 2007, S/P).

O seu talento político também se manifestou na capacidade de entendimento com correntes políticas de interesses diversos. O que permitiu uma grande comunicabilidade entre os partidos, foi o seu espírito conciliador, e uma moral pessoal que tornava acessível o diálogo e, desta forma, ainda Velloso (2007) observa que:

Consegui ser apoiado por uma aliança de partidos sem fazer concessões, porque ele era maior do que os políticos que os estavam apoiando, maior no sentido intelectual, moral, de modo que ele conseguia transitar bem entre dois, três partidos e lá em Santa Catarina era apoiado também pelo PRP, na UDN, era de um partido menor, e a capacidade de ter um índice de rejeição muito baixa, isso o tornou imbatível em termos políticos. Elegeu-se deputado com uma boa votação, trabalhou muito pelo Estado e com isso ele, teve todas as condições para vir a ser governador de Santa Catarina (VELLOSO, 2007, S/P).

Durante estes anos de lides diuturnas atarefou-se em temas extremamente candentes: o problema dos portos brasileiros e da sua dragagem, a questão do Plano Nacional do Carvão e a devastação da zona carbonífera de Santa Catarina. Dirá aos quatro pontos cardeais:

Só no Brasil, desgraçadamente, é que domina uma tal política de imprevidência. Como certos povos primitivos, derrubamos as árvores, para comer-lhes os frutos. Saqueamos a terra, expropriando-lhe as riquezas, sem que nos preocupem as angústias das populações, decorrentes dessa nossa empreitada sinistra, de verdadeiros vândalos do solo” (LACERDA, 1960, p. 86).

Não teve receios em asseverar: “Há dragas na fantasia das nossa autoridades, e mais dragas existem na intimidade inconfessável dos cálculos vorazes dos eternos intermediários dos negócios da República” (LACERDA, 1960, p. 42). Pode-se em sintonia com este discurso, atualizá-lo face aos sucessos da política nacional: “dragas,

sanguessugas e mensalões”, que exaurem a nação das forças do espírito que poderiam nutrir a construção da sociedade e que se tornaram moeda corrente nas práticas políticas, disseminando o cancro da corrupção aos quatro pontos cardeais.

Mesmo no cotidiano da política, não deixou de cultivar o perfil humanista, tendo sensibilidade para os problemas da intelectualidade e da cultura tomando iniciativas em prol da arte e da cultura, é o que Assis Chateaubriand resume quando do seu desejo de adquirir Zola e Aléxis de Cézanne:

Porque o governo federal não daria o Cézanne? Fizemos o projeto e já na Câmara senti que não contava com a boa vontade do Executivo. Era preciso lutar, e lutar de verdade. A esta altura, apareceu Jorge Lacerda, oferecendo-se espontaneamente para pelejar ao lado da causa de Cézanne e do Museu e do Brasil ‘cézannizado’” (CHATEAUBRIAND, 1958, p. 73).

No discurso proferido na Câmara dos Deputados, na sessão de 7 de setembro de 1952, justificando a importância das artes na cultura do nosso povo, exprimiu de forma vivaz:

Nossas preocupações não podem cingir-se, apenas, aos problemas eventuais dos interesses imediatos do país, mas, também, aos da inteligência e da cultura. Para nós, de Santa Catarina, tanto quanto as colheitas, que são efêmeras, interessa, por igual, a glória permanente de um Vitor Meireles. São glórias, como essa, que constituem o patrimônio imperecível dos povos e das civilizações. (...) Que símbolo tão expressivo, para os debates desta hora, nos oferece a vida desse extraordinário arquiteto e estatuário. Se Aleijadinho obedecesse a impulsos imediatistas e utilitários, ter-se-ia recolhido a uma Casa de Misericórdia, para remediar os males dos seus dedos, dilacerados pela lepra. Ao revés, continuou até o fim de seus dias, tristes e agoniados, a plasmar, com sua arte e sua dor, a obra imortal que se ergue nas montanhas mineiras. (...) De nada valem as nações, perante a história, se não souberem legar à posteridade uma luminosa mensagem de cultura! (LACERDA, 1960, p. 90).

No pleito de 1955, para o governo de Santa Catarina, a coligação do PRP poderia ser efetuada com a UDN ou o PSD, porque constituíam os dois partidos mais fortes. A opção pela UDN se deu pelo fato dos correligionários do PRP, a que pertencia JL, não se identificarem com o PSD, porquanto os antigos integralistas ainda se ressentiam em relação a Nereu Ramos, por ter sido interventor federal em Santa Catarina durante a ditadura de Getúlio Vargas. A disputa, entre a UDN e o PSD, pelo governo era muito acirrada, e exigia um candidato que atraísse votos, além da UDN, também dos outros partidos pequenos, de modo a se fazer frente ao PSD. Por decisão da UDN, e com apoio do presidente do partido, Irineu Bornhausen, realizou-se a coalizão UDN-PRP, com a escolha do nome de Jorge Lacerda. A diferença de votos entre os dois candidatos, JL pela coalizão UDN-PRP e Francisco Gallotti

pela do PSD/PTB, foi muito pequena, e JL consegue eleger-se assumindo o governo depois de uma querela jurídica eleitoral em inícios do ano 1956 (CORREA, 1986).

Destes embates políticos, Ungaretti (2007), também faz uma reflexão, que propicia o entendimento da vocação política de JL e da sua capacidade de ater-se às questões em debate mantendo o devido respeito às pessoas:

Jorge não tinha inimigos, ele era um homem bom, nunca fez mal a ninguém, nunca perseguiu ninguém, relacionava-se cordialmente com todas as pessoas, todas as correntes de opinião. Inimigos nunca teve, mas teve adversários, naturalmente, aliás menos adversários dele, do que do grupo político que ele se integrou e pelo qual se elegeu governador. Então as pessoas diziam assim, como uma crítica, não é bem, isso no fundo é até um elogio, porque a falta de outras coisas que pudessem ser ditas, um poeta né, ele vive meio no mundo da lua, mas isso era apenas a impressão de quem não o conhecia e não o observava (UNGARETTI, 2008, S/P).

No plano das eleições para a Presidência da República, os candidatos oficialmente inscritos em 1955 eram: Juarez Távora (coligação UDN, PDC e PL); Adhemar de Barros (PSP); Plínio Salgado (PRP); e Juscelino Kubitschek de Oliveira (PSD e PTB). Elegeu-se Juscelino Kubitschek como Presidente da República, com quem JL tinha bom relacionamento, pois teve oportunidade de conhecê-lo ao visitar por três vezes o Estado de Minas Gerais. A primeira, em missão oficial, como deputado federal, com a finalidade de estudar as questões sobre energia, a segunda em visita a Ouro Preto pelas comemorações em memória de Tiradentes e a terceira em Mariana, quando da inauguração do mausoléu de Alphonsus Guimaraens, cuja construção se deve à campanha nacional promovida por JL, por meio do Suplemento Letras e Artes. Esta sintonia lhe valeu para a criação da Sociedade Termelétrica de Capivari – SOTELCA, em 1957, com o que se estabeleceram as bases para a construção da usina que garantiria a independência energética do Estado de Santa Catarina. Hoje o nome do complexo termelétrico é o de Usina Termelétrica Jorge Lacerda, cuja capacidade de produção de energia é de 854 MW.

As questões nacionais giravam em torno do desenvolvimentismo, e em Santa Catarina, mesmo no período curto de governo de JL, de 1956 a junho de 1958, Piazza (1993) considera JL como governante modernizador. Por outra parte Hungaretti (2007) analisa a gestão de JL da seguinte maneira:

Ele era um homem de grande visão política e também visão administrativa. Tanto que ele deixou, apesar de ter feito um governo breve, 2 anos e 4 meses praticamente, ele deixou duas iniciativas marcantes em Santa Catarina, uma foi a estrada que liga Itajaí à Blumenau, o início do asfaltamento, foi o primeiro asfalto estadual. Quer dizer, já havia asfalto em Santa Catarina, mas na chamada BR 2, que era lá em cima, saía do Rio Grande e atravessava Santa Catarina, pegava o Paraná e ia lá para São Paulo, Rio, fazia do nosso

Estado um corredor. Era federal, mas estradas estaduais asfaltadas não havia, ele que começou a Rodovia que, aliás, hoje, tem o nome dele (...), não chegou a concluir, depois foi o Sr. Heriberto¹⁸ que o sucedeu que concluiu, mas ele fez a maior parte da obra. E a Usina, que hoje também tem o nome dele, a Usina Termoeletrica Jorge Lacerda, no Capivari, hoje está privatizada, mas ela foi criada sob o nome de (...) uma empresa sob o nome de SOTELCA – Sociedade Termoeletrica Capivari. E esta foi uma obra decisiva para o abastecimento de energia elétrica no sul do país. E quando ele constituiu essa empresa, o Estado era o maior acionista individual, o capital era dividido entre o Estado, a União, a Companhia Siderúrgica Nacional e mineradores de carvão (parece), mas a maior parcela individual era do Governo do Estado. E eu, me lembro perfeitamente que ele fez um comentário comigo, não sei também se ele fez em público, eventualmente em algum discurso, não sei, mas a mim ele comentou que com o dinheiro que ele estaria investindo nessa obra, ele faria centenas de outras pequenas obras pelo estado todo, uma ponte aqui, uma escola ali. Mas aquela obra que só ia render dividendos por isso quando ele já tivesse deixado o governo, porque o povo, não ia se perceber da importância da obra em um curto prazo, só depois de construída. Aquela obra era uma obra decisiva para o futuro de Santa Catarina e do sul do Brasil, porque ela, se não fosse ela, haveria problemas sérios de abastecimento de energia elétrica e naturalmente, menos progresso, menos desenvolvimento. E realmente era assim, os fatos confirmaram isso, e tanto que depois, mais tarde até no Governo Federal, a lei, aprovada pelo Congresso, naturalmente, sancionada pelo Presidente, dando o nome dele a essa Usina.

No campo educacional mereceu, da parte de JL, uma atenção especial a extensão da educação às famílias de baixa renda. “Nos seus primeiros onze meses de governo já assinalava a ampliação da rede escolar com a criação de 121 escolas reunidas e 12 grupos escolares, com o atendimento de 15.000 crianças” (PIAZZA, 1993, p. XXIX). Uma característica, em termos de prioridades de governo, pode ser verificada pelo montante das despesas na área educacional, que correspondiam na época a 24% da arrecadação do Estado. No final do segundo ano de mandato (1957) conseguiu-se que a rede escolar primária atendesse 285.000 crianças, “numa rede física de 217 grupos escolares, mais de 2.000 escolas isoladas, as quais se somavam 280 escolas reunidas” (*id.*). Por causa da expansão do ensino impulsionou o atendimento das necessidades de formação do professorado, para isto contava com o Instituto Estadual de Educação em Florianópolis, e com a inauguração de “4 escolas normais, 71 cursos normais regionais e, contava-se, também, com 7 escolas profissionais femininas” (*id.*). A preocupação prioritária em relação à educação se reflete em que, ao tomar posse em 27 de março de 1956, fossem aplicadas com toda celeridade as medidas para que se desse a construção do novo Instituto Estadual de Educação, no “largo General Osório, (o antigo ‘Campo do Manejo’” PIAZZA, 1993, p. XXVII).

No que se refere ao ensino superior, de acordo com Teixeira (1989), permanece no Brasil a tendência da constituição de escolas de nível superior, orientadas para a formação de profissionais, e descuidada da construção do conhecimento novo, elaborado pela pesquisa científica sistemática. Predominou a ausência dos estudos desinteressados, os

¹⁸ Heriberto Hülse, vice-governador, assumiu o governo em junho de 1958, após o falecimento de Jorge Lacerda.

que promovem a formação da cultura nacional, em comparação com os estudos utilitários, dirigidos à formação de profissionais. Em 1931, após a revolução, iniciam-se as mudanças em relação ao ensino superior, é neste ano em que se escreve e se promulga o Estatuto das Universidades Brasileiras. Pouco tempo depois se funda a Universidade de São Paulo em 1934, quase ao mesmo tempo a Universidade do Distrito Federal e em 1937 a Universidade do Brasil. O ensino superior no Brasil, desde a independência, resumiu-se a implantação de escolas isoladas, como as de direito em 1827 (São Paulo e Olinda) e a Escola de Minas em 1832. Ao longo da história permanece a configuração das escolas isoladas, sem haver um projeto capaz de criar o que se poderia desejar, de acordo com Teixeira (1989), uma universidade que influísse ou desenvolvesse a cultura nacional.

Em 1946, com a abertura democrática, elaborou-se o projeto de lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que somente entrou em discussão na câmara federal em 1961. No período, em que se dá a atuação política de JL, houve uma expansão das escolas de nível superior isoladas, cuja função era a de credenciar pessoas para os cargos e profissões e lhes faltavam a capacidade de desenvolver os “estudos de cultura e do homem brasileiro e das pesquisas para a descoberta e o avanço do conhecimento humano” (TEIXEIRA, 1989, p. 111). As escolas multiplicavam-se por todo país, mesmo com as limitações para a formação de docentes e de recursos financeiros, redundando conseqüentemente na queda da qualidade de ensino, e na deficiência do desenvolvimento da pesquisa científica. “De 1930 a 1945 foram criados 95 novos estabelecimentos, mais do que nos 30 anos anteriores, passando o total a 181. Entre 1945 a 1960 foram criados 223 estabelecimentos, passando o total a 404” (TEIXEIRA, 1989, p. 115).

As providências para a localização da Universidade de Santa Catarina – universidade estadual- ocorreram com a sanção da lei n.º 1.170, de 26 de novembro de 1954, pelo governador de Santa Catarina Irineu Bornhausen e de acordo com Fontes (1960, p. 5):

A fundação da Universidade de Santa Catarina foi instituída pela Lei n. 1.362, de 29 de outubro de 1955, de iniciativa do governador Irineu Bornhausen, sendo os seus estatutos estabelecidos pelo Decreto n. 296-A de 25 de janeiro de 1957 expedido pelo governador Jorge Lacerda (FONTES, 1960, p. 5).

O governo de JL dá-se no período da expansão das faculdades isoladas e do início da discussão sobre a estruturação das universidades brasileiras. No discurso de comunicação na câmara dos deputados, em 15 de dezembro de 1954, o então deputado federal JL expõe a questão da necessidade de se instalar em território nacional mais universidades dado o seu número exíguo em comparação com a população: “O Brasil, conta com 13

Universidades, 7 das quais particulares reconhecidas e equiparadas, e 6 federalizadas, comporta, com seus 50 milhões de habitantes, novos núcleos universitários” (LACERDA, 1960, p. 106).

Os discursos de JL analisados nesta tese ocorreram no período de 1951 a 1958 e o ensino superior em Santa Catarina, de acordo com Thomé (2003), surge em 1919, com a fundação do Instituto Politécnico, que, porém, logo depois foi extinto. Em 1932 é fundada a Faculdade de Direito de Florianópolis, e surgem outras faculdades isoladas, como a de Ciências Econômicas, fundada em 1943, a de Farmácia e Odontologia em 1952, as de Filosofia e Medicina em 1956 e a de Serviço Social em 1958. Estas faculdades isoladas são as que formariam a Universidade de Santa Catarina, mas apesar de todos os esforços, em 1960 será constituída como Universidade Federal de Santa Catarina. Piazza (1997) explica que:

existiam assim as pré-condições para a instalação da Universidade Federal de Santa Catarina. A Lei n.º 3849, de 18 de dezembro de 1960, criava a Universidade Federal de Santa Catarina, a cujo patrimônio, a 28 de fevereiro de 1961, era incorporado o “campus” da Trindade, que o Governo Estadual, desde 1955, preparava para ser de uma Universidade Estadual, que apesar de todos os esforços ficou inviabilizada (PIAZZA, 1997, p.286).

Com exceção da Faculdade de Engenharia de Joinville criada por JL pela lei n.º 1520 de 9 de outubro de 1956 e que teve a sua estruturação ainda no seu governo pela lei n.º 1601 de 14 de setembro de 1956 a interiorização do ensino superior catarinense ocorre após 1960 (PIAZZA, 1993).

Heriberto Hulse, como vice-governador, é quem assume o governo após o falecimento de JL e esclarece, *apud* Fontes (1960), que JL empregou todos os meios para viabilizar a existência da Universidade de Santa Catarina:

O governador Jorge Lacerda, de saudosa memória, procurou por todos os meios ao seu alcance incrementar o desenvolvimento desta obra magnífica. Aprovou o plano da Cidade Universitária, estabeleceu os estatutos da Fundação e, a 31 de janeiro de 1957, deu início aos trabalhos do Plano Viário interno desta cidade, os quais se processaram com rapidez no correr do ano 1958. A elaboração de anteprojetos dos edifícios e do abastecimento de água, cuidadosamente planejada, também se deveu a iniciativa do Governador Jorge Lacerda (HULSE *apud* FONTES, 1960, p. 49).

Com esta perspectiva da trajetória de JL, ao longo da sua vida pública, é possível a compreensão da relevância dos assuntos desenvolvidos nos seus discursos, e ter a dimensão contextualizada das ações que se processaram para efetuar as análises das suas contribuições para a educação.

No percurso da construção deste perfil foi possível a contextualização dos acontecimentos que permearam a vida de Jorge Lacerda. Por meio da leitura dos documentos históricos, que recolhem discursos e narrativas de vida pôde-se verificar que JL, na sua formação pessoal, interessou-se pela história das diferentes regiões do Brasil, especialmente de Santa Catarina. Os constantes contatos de JL pelo interior de SC lhe propiciaram o conhecimento da realidade psico-sociológica das diversas localidades, a sua vocação natural, as suas capacidades distintivas e também as suas vicissitudes. Os seus discursos eram contextualizados, tornando-os mais próximos das realidades palpantes do local. Constata-se este modo de agir no discurso do primeiro aniversário de governo¹⁹, no qual JL destacava:

Os problemas da nossa gente, não os aprendi apenas no convívio dos textos livrescos, nem na intimidade dos gabinetes, mas sim no contato com as nossas palpantes realidades, diretamente com o povo – nas cidades, nas vilas e nos povoados – por todos os quadrantes da nossa terra, que, muito antes de ascender ao Parlamento Nacional, costumava percorrer com a preocupação constante de auscultar as nossas reais necessidades. (...) Essa solicitude pelos nossos problemas, que me dominava o espírito desde a época de estudante, familiarizou-me com as múltiplas questões que mais tarde procurei debater no Parlamento, como intérprete, embora obscuro, de uma geração plasmada à luz crua das ásperas realidades dos novos tempos, e que já – não se comprazia com os devaneios românticos do passado (LACERDA²⁰, 1957).

Enriqueceu suas diversas falas com os aspectos estimulantes das narrativas sobre os primeiros desbravadores ao implantar os fundamentos da nação brasileira. Além dos aspectos históricos, JL tem interesse pelas obras brasileiras como as de Silvio Romero, Oliveira Viana, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda. A leitura, para JL, foi um dos seus hábitos mais característicos e por essa razão Piazza (1958), propôs para perpetuar a memória de JL, que se “erga, na praça fronteira do Palácio da Agrônômica ou no ‘campus’ da futura Universidade, um bronze, que diga aos pósteros quanto Jorge Lacerda foi amigo dos livros e de tudo o que a ele se relacionasse!” (PIAZZA, 1958, p. 46).

O hábito da leitura cresceu durante o curso de medicina em Curitiba e se intensificou quando da atividade como jornalista a partir de 1941. Adonias Filho, na introdução de (DN, 1960), indica alguns elementos para a compreensão da trajetória dos aprofundamentos intelectuais realizados por JL:

Jorge Lacerda jamais pôde esconder a personalidade nacional na inteligência de formação clássica. *Seduzido pelo país — no sentido da conformação histórica, sociológica e cultural —, atento a seus problemas imediatos dos quais alguns se refletem nos discursos, tornou-se inevitável que a brasileira se impusesse como o principal círculo de leitura. Uma experiência teórica, se me permitem a expressão, foi colhida aí. Os cronistas*

¹⁹ Discurso de 31.01.1957.

²⁰ Coleção de discursos reproduzida de textos transcritos por admiradores.

*coloniais, historiadores e biógrafos, economistas e sociólogos — e sempre em leitura crítica — completaram a observação própria auxiliando-o na percepção geral do Brasil.*²¹

Essa percepção seria deficiente, e ele o sabia, não houvesse a cobertura jurídica. É possível que o detalhe explique o ingresso do médico no curso jurídico e sobretudo a preocupação com o Direito Constitucional. Completa a formação que coincide com a redemocratização do país, poderosa era em excesso a vocação política para que Jorge Lacerda evitasse a participação. A ação pública sobrevinha como uma consequência e manifestava-se, por isso mesmo, como uma necessidade (ADONIAS FILHO, 1960, p.15).

Velloso (2004, p. 47), seu secretário, em 1951 confirma que JL era “um excelente humanista, talentoso como diretor do suplemento LA, amigo de todos os escritores de que eu tinha ouvido falar e de todos os jornalistas importantes” e dedicava-se com tenacidade à cultura e a Santa Catarina. Em virtude do seu trabalho com intelectuais desenvolveu as qualidades de um excelente humanista. Amim (1993), ao relatar a iniciativa para favorecer, através do Senado Federal, a edição do Inventário do Fundo Privado do Ex-Governador, lembra da personalidade de JL, e sobre como a leitura se apresentava na intimidade das amizades ou nos contatos com as pessoas com quem convivia, “e ainda hoje recordo o encantamento que em mim produziu a visão do então Governador lendo, em voz alta, com expressão e autenticidade, as cartas do Padre Vieira, na biblioteca de meu pai, seu amigo, diante de um grupo de políticos” (AMIM, 1993, p. XIII).

Empregou o seu talento da escrita e da oratória na atividade política. Velloso (2007) destaca um dos discursos: “O famoso discurso das dragas! Como um assunto como este, da dragagem de portos de Santa Catarina, merecia um tratamento nos jornais? (...) é porque era um discurso literário, ou seja, muito bem escrito sobre um tema, digamos pedestre.”

Ungaretti (1993) comenta que, após assumir o governo de SC, por não poder dedicar tempo às leituras, “o político Jorge Lacerda tinha incurável saudade do intelectual Jorge Lacerda, escreveu alguém por ocasião de sua morte. Era verdade. As absorventes tarefas dos mandatos que exerceu consumiam por inteiro suas horas de trabalho.” Não havia tempo para dedicar-se à leitura, mas sempre impulsionou e inspirou as atividades ligadas à cultura e à educação.

Como resultado deste esforço pelo cultivo intelectual apoiou todos os que desenvolveram iniciativas de caráter científico-cultural e uma mostra clara disto refere-se ao impulso à construção dos museus, o estímulo às bienais e aos concursos literários. Nos seus discursos verifica-se a convicção de que os bens da cultura podem nutrir as aspirações mais

²¹ Grifo nosso.

genuínas da alma humana. É o que se pode destacar como um dos seus princípios de ação: ***“Em última análise, o progresso de um país é condicionado pelo seu desenvolvimento cultural e este, sobretudo, é que vai configurar na história a própria fisionomia da nação. Daí a responsabilidade que pesa sobre o Parlamento Nacional”*** (LETRAS E ARTES de 18.05.1952, p.10).

Considerava que o Homem de Estado não poderia deixar-se conduzir por uma razão puramente utilitária na tomada de decisão sobre os problemas públicos, criando uma dicotomia entre os bens materiais e os bens do espírito e propunha a harmonização entre atividades da inteligência e da política. Para ele o Homem de Estado como representa ***“os interesses totais da nação, tem, por isso mesmo, deveres para com os problemas da cultura, não lhe sendo lícito favorecer o divórcio da ação política com a da inteligência”*** (LACERDA, 1960, p. 89) e norteou o seu trabalho no executivo por uma diretriz de governo modelar, que deixou gravada no discurso da Ordem dos Advogados da seção de Santa Catarina em 17.04.1957 com as palavras: ***“Ao término do meu mandato, menos me lisonjearão as referências a empreendimentos materiais e culturais que lograr concluir, do que as que espero se façam, mercê de Deus, a um governo que prezou a Justiça e defendeu a Liberdade”*** (id. p. 169).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Apoiando-se nos conceitos sobre estudos quantitativos ou qualitativos, Deslandes e Assis (2002) defendem que tanto uma como outra abordagem corresponde a um “modelo de método” que se propõe a uma “representação abstrata dos fenômenos, uma argumentação explicativa incapaz de reproduzi-los, mas que busca representá-los” (DESLANDES; ASSIS, 2002, p.198).

No referente às abordagens qualitativas, Denzin e Lincoln (*apud* DESLANDES; ASSIS, 2002, p.198) as definem como um “conjunto de práticas interpretativas”. O conhecimento é construído por uma tarefa progressiva de interação entre “o sujeito e objeto do conhecimento e que há um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e (inter)subjetivo dos sujeitos” (*id.*). A interação dinâmica é sua característica-chave e se desenvolve dentro das condições mais próximas possíveis da realidade dos acontecimentos. Em situações que não são produzidas pelo pesquisador, “envolvendo a observação de situações reais e cotidianas; trabalha a construção não estruturada dos dados (sem hipóteses feitas previamente) e busca o significado da ação social²² segundo a ótica dos sujeitos pesquisados” (DENZIN; LINCOLN, 1994, p. 199). Bogdan e Biklen (1994, p. 47) indicam algumas das características da pesquisa qualitativa que serão muito úteis para a aplicação nas pesquisas por meio das narrativas, tais como:

1. Na investigação qualitativa a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.
2. A investigação qualitativa é descritiva;
3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos;
4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva;
5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa.

A abordagem de uma pesquisa dependerá fundamentalmente do tipo de fenômeno que se quer estudar e sob que prisma pretende-se aprofundar.

Para dar resposta à questão: **Que contribuições o conhecimento e a pesquisa com narrativa trazem para as pesquisas em educação, tendo como objeto de estudo os discursos e narrativas de vida de Jorge Lacerda?** a abordagem será qualitativa

²² Estes autores trabalham com a visão epistemológica voltada para o campo das ciências sociais.

por se apoiar fundamentalmente em aspectos ligados aos significados e motivações das falas selecionadas por eixos temáticos.

3.2 TIPO DE PESQUISA

No caso da pesquisa a ser realizada, no que se refere aos aspectos teóricos sobre o Conhecimento Narrativo (CN) e a Pesquisa com Narrativa (PN), há revisões da literatura recentes em muitas áreas de aplicação e se verifica que não há convergência conceitual. Quanto ao corpus da pesquisa no aspecto empírico há material abundante, como dados biográficos, discursos e depoimentos de pessoas; no entanto sob o enfoque que se pretende construir o conhecimento ainda não há estudo acadêmico.

A pesquisa enquadra-se como sendo o tipo exploratório por consistir numa reflexão inédita sobre a aplicação da teoria do CN e da PN aos discursos e narrativas da personalidade em questão.

Os estudos exploratórios referem-se a temas pouco estudados em que há idéias muito vagas e desconexas sobre o tema. Comparativamente pode-se pensar em uma viagem a uma cidade ou país, do qual pouco se conhece dos locais turísticos e restaurantes, onde se podem encontrar os fornecedores de determinados serviços ou produtos. Nestas condições, procede-se a um estudo preliminar para se obter o mínimo de informações. Este caso de pesquisa, por sua própria natureza, requer uma metodologia mais flexível que corresponde à de tipo exploratório.

3.3 PESQUISA COM NARRATIVA

As pesquisas qualitativas que buscam uma maior compreensão e abrangência de significados apóiam-se em um conhecimento de tipo narrativo (POLKINGHORHE, 1988). Nas pesquisas em ciências humanas, o tipo de certeza que se busca não é a mesma das ciências naturais. As motivações, as intenções, a relevância de um determinado acontecimento no meio educacional, político, sociológico, apenas pode contar com causas prováveis ou certezas morais. É o que Polkinghorhe (1988, p. 161) afirma: “As ciências humanas não podem apoiar-se somente na procura de certezas matemáticas e lógicas. Ao revés, devem também apontar para a produção de resultados que são prováveis e verossímeis.” Pesquisas relacionadas com os conhecimentos advindos de experiências de vida e das situações reais que impactam na vida de um determinado grupo ou coletividade exigem conhecimento de tipo

narrativo, que podem ter abordagens e metodologias apropriadas, dependendo das finalidades do estudo.

3.3.1 Narrativa e pesquisa moral

Abbà (1996), em sua obra “*Quale impostazione per la filosofia morale?*” destaca que há em pesquisa moral dois modos de analisar as ações, um em primeira pessoa que é a do sujeito vivenciando a própria ação ou por meio de uma narrativa colocando-se no lugar dos personagens, e outra, em terceira pessoa, que corresponde a analisar os problemas morais como um observador externo neutro.

A abordagem em primeira pessoa apresenta vantagens sobre a outra pelo fato de se tornar mais significativa e compreensiva da ação humana, evitando as análises compartimentalizadas. No contexto de um enredo ou trama que possui um começo, meio e fim, ao se relatar as situações reais, que são de forma corriqueira bastante complexas, é possível captar as dificuldades internas e externas do personagem, os seus dilemas e aflições:

A prática moral - ela mesma narrativa e dramática - “se mostra” por aquilo que precisamente é na literatura poética, narrativa e dramática. Aliás, a expressão literária, porquanto rudimentar, é ingrediente necessário da prática moral, na medida em que esta ingressa na consciência moral. Quanto mais consciente for, mais se torna pesquisa sobre resultados, sobre logros, sobre o sentido, sobre a felicidade; por conseguinte, torna-se também — reflexamente — pesquisa do conhecimento de si como autores e como atores e narração da própria história (ABBÀ, 1996, p.19).

Por meio da narrativa dá-se a compreensão das situações vivenciadas pelos protagonistas podendo comprovar a virtude ou a vileza de alguém e conceber as situações ou circunstâncias reais em que se processa uma tomada de decisão difícil. Percebe-se os paradoxos e dilemas que exigem uma postura de convicções e como na sua falta, as pessoas resvalam para o comportamento antiético. Na interação entre os instrumentos de análise que são a AC e PN, procedeu-se à contextualização narrativa de cada discurso de JL de modo que a compreensão e o significado se ampliassem pelas relações estabelecidas entre o discurso e o contexto.

3.3.2 Categorias

Polkinghorne (1988), em seu livro: *Narrative Knowing and the Human Sciences* dedica o capítulo VII às PN e as distingue em duas categorias: “(1) descrever as narrativas já consolidadas por indivíduos ou grupos ou (2) explicar através de narrativa porque algo aconteceu” (POLKINGHORNE, 1988, p. 161). O primeiro tipo de pesquisa é

descritiva e a outra *explicativa*. As pesquisas narrativas de caráter descritivo se preocupam em organizar coerentemente as narrativas já existentes e procuram extrair os significados latentes de todo o material empírico já produzido. Para a avaliação da qualidade de uma pesquisa, neste tipo de abordagem, é necessária a precisão das descrições realizadas pelo pesquisador em função do esquema narrativo que foi adotado para descrever um determinado problema ou questão. Pesquisas narrativas de caráter explicativo visam, sobretudo, à construção de uma narrativa sobre o fenômeno, caso ou história de vida, procurando os motivos das ações humanas que levaram a tais situações, conseqüências, ou foram a gênese de outros eventos.

A pesquisa narrativa descritiva organiza e torna significativo o esquema dos elementos que constituem as histórias, relatos e histórias orais, de modo a obter a compreensão dos eventos passados no contexto em que ocorreram. Ao pesquisador cabe uma estruturação das inúmeras narrativas mescladas e inter-relacionadas, tal como ocorre na vida real e no mundo complexo da trama das atividades que contam com a liberdade humana e as influências ambientais e sócio-políticas. O talento do pesquisador estará fundamentalmente em distinguir, detalhar, conectar e filtrar o que importa do que não importa e conduzir seu esquema narrativo à apropriada compreensão dos assuntos que está buscando elucidar. Apoiando-se nos elementos narrativos escritos, entrevistas não-estruturadas e elementos mais fluidos do contexto social, de ordinário como dados ainda sem forma, dá-lhes um *esquema interpretativo*.

A apresentação dos resultados de pesquisa não consiste em simplesmente transcrever relatos de fontes dos mais diversos tipos. Polkinghorhe (1988) esclarece sobre o necessário rigor da descrição narrativa:

Como na pesquisa científica formal, a pesquisa narrativa descritiva envolve a detecção, seleção e interpretação dos dados, que na narrativa é o texto da entrevista (os pressupostos comuns necessários para sua compreensão). (...) A tese do relatório de pesquisa é que a descrição oferecida com precisão representa as histórias operativas que as pessoas ou grupos empregam para compreender a conexão temporal entre os eventos que eles tiveram experiência e relatar por seus motivos, razões, expectativas e recordações, próprias e de outros. O relato também reconhece como estas histórias têm funcionado (ou falhado em funcionar) para organizar os eventos sob estudo em uma experiência coerente e unificada (POLKINGHORHE, 1988 p. 169-170).

Outro tipo de PN é a explicativa, que difere da análise das causas dos fenômenos como se realizam nas ciências naturais. Ao explicar porque ocorreu uma morte em um acidente automobilístico, podem-se formular hipóteses quanto a condição da pista, a velocidade do automóvel, as condições do motorista e colher os dados físicos que envolvem a

explicação de tal morte. No entanto, para uma morte específica, o porquê exige a pesquisa narrativa explicativa. Na pesquisa qualitativa, por meio da perspectiva narrativa explicativa, pergunta-se sobre estados mais interiores e há um refinamento motivacional e contextual atingindo o âmbito da liberdade das pessoas e dos acontecimentos livres. As explicações de tipo narrativo se preocupam com o porquê dos acontecimentos e uma explicação satisfatória exige uma narrativa explicativa. “As narrativas explicativas são retrospectivas. Nelas escolhe-se da multidão de eventos e decisões, aqueles que estão inter-relacionados (...) selecionando-se aqueles que são significativos” (POLKINGHORNE, 1988, p. 170), a fim de trazer luz à questão em estudo: “Atkinson dá três características do tipo de coerência requerida para o relato narrativo para que seja explanatório: deve ser inteligível em termos humanos, deve ser assunto apropriadamente unificado e deve ser causalmente relacionado” (op.cit., p. 172).

Polkinghorne (1988, p. 172) alerta sobre o significado de “causa” em ciências humanas: “Causa é definida como o ‘constante antecedente’. No uso mais geral, contudo, ‘causa’ significa qualquer coisa que produz um efeito, resultado ou consequência, e pode incluir eventos, ações de pessoas ou outras condições.”

Apropriadas são as distinções que Frankl (2003) emprega a fim de evitar as confusões entre “causas” e “razões” e entre “causas” e “condições”. Estas distinções reforçam a necessidade do saber de tipo narrativo para a compreensão dos fenômenos de caráter tipicamente humanos:

Por um lado, as causas são confundidas com as razões. Por outro, as causas são confundidas com as condições. Qual é então a diferença entre causas e razões? Se vocês descascam cebolas, choram. Suas lágrimas têm uma causa. Mas vocês não têm razão alguma para chorar! O ser humano foi definido como o “ser no mundo”, isto é, na realidade. Ora, a realidade compreende razões e significados. Mas se o homem for tido como um sistema fechado, razões e significados estão excluídos. O que permanece então são as causas e efeitos. Os efeitos são representados pelos reflexos condicionados e pelas respostas aos estímulos. (...) As causas são representadas por processos de condicionamento ou pelas pulsões e instintos. As pulsões e os instintos impulsionam, mas as razões e os significados atraem. Se imaginarmos o homem em termos de um sistema fechado, tomaremos em consideração apenas as forças que impulsionam, mas não os motivos que atraem (FRANKL, 2003, p. 46).

As narrativas de vida de JL, contidas em biografias, entrevistas e crônicas foram analisadas por completo e elaboraram-se descrições e explicações dos contextos dos discursos para os dois eixos temáticos escolhidos para esta tese. As descrições e as explicações foram empregadas com a flexibilidade necessária para a pesquisa de tipo exploratória.

3.3.3 Coleta de dados e narrativas

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas e os documentos constantes do item 3.4.2 “Pesquisa documental. Todos estes elementos serviram para descobrir os traços dos eventos passados que serão úteis para cobrir o estudo que se pretende elucidar. A pesquisa narrativa explicativa baseia-se em pós-fatos. Esta pesquisa assemelhar-se-á ao trabalho de um detetive para saber o que é relevante e o que não é para uma construção narrativo-reflexiva.

A coleta de “fatos” passados e colocá-los em ordem cronológica, ainda que é necessário para uma explicação narrativa, não é suficiente. O pesquisador tem que selecionar da multidão de fatos passados relacionados com o incidente, e a seleção é feita dando suporte à narrativa que está sendo construída. A narrativa pode apresentar brechas de informação e pode conduzir o pesquisador à procura das informações faltantes. Uma explicação narrativa dirige a coleta de fatos passados em conjunto, formando um relato abrangente em que a significação dos fatos em relação ao resultado explicado torna-se claro (POLKINGHORNE, 1988, p. 175).

As narrativas de vida de JL foram coletadas por meio de instrumentos como as entrevistas semi-estruturadas indicadas no item 3.4.1 e a pesquisa documental indicada em 3.4.2.

3.3.4 Validade, significância e confiabilidade

Para a *validade* na pesquisa narrativa, não se pode empregar o mesmo critério das ciências naturais. Neste caso:

o argumento não produz certeza; produz verossimilhança. Neste contexto um argumento é válido quando é forte e tem capacidade para resistir desafios ou ataques. A narrativa não produz conclusões de certeza, que é o ideal da ciência formal, com seus sistemas fechados de lógica matemática e formal (POLKINGHORNE, 1988, p. 176).

Portanto, a validade de uma narrativa está apoiada na sua força de verossimilhança. As conclusões da pesquisa narrativa ficam em aberto esperando novas contribuições e interpretações.

Significância na pesquisa narrativa está mais ligada ao sentido e significado dos acontecimentos, portanto, não se baseia numa significância quantitativa que advém de um contexto estatístico. Um elemento aportado pela pesquisa é significativo se ele tem o caráter de algo importante para a interpretação das “causas” que explicam os acontecimentos.

Confiabilidade nas pesquisas de tipo quantitativo refere-se ao grau de consistência e estabilidade dos instrumentos de medida. Os instrumentos somente são confiáveis se produzem medidas iguais quando as variáveis não sofrem alterações. “Os

estudos narrativos não possuem provas formais de confiabilidade, confiando por sua vez nos detalhes de seus procedimentos para evocar a aceitação da probidade dos dados” (POLKINGHORNE, 1988, p. 177).

3.3.5 Análise dos dados

Ainda apoiado em Polkinghorne (1988), tem-se que:

Os dados coletados resultam em uma coleção de narrativas. O objetivo das análises é descobrir os temas comuns ou enredos nos dados. As análises são elaboradas utilizando as técnicas do círculo hermenêutico para registrar as características subjacentes através de exemplos de histórias (POLKINGHORNE, 1988, p. 177).

A partir dos dados originais, a análise visa a construção de histórias que propiciam uma identificação das narrativas que dão significado às atuações e propiciam o conhecimento dos motivos, preocupações, ideologias e virtudes que nortearam a ação. O círculo hermenêutico nada mais é que a busca da compreensão através dos dados, da expressão, do fenômeno e do discurso. Parte-se do pressuposto de que a ação humana brota de uma consciência pessoal, ainda que esta subjetividade se redesenhe continuamente como ser-em-uma-cultura.

A construção do conhecimento através da experiência possibilita a descoberta de novos horizontes de interpretação da ação, do discurso e interação em sociedade, como fonte promotora de novas realidades, extraindo da experiência do passado os conhecimentos necessários para nortear os passos em direção ao futuro. A pesquisa narrativa, dirigida à busca dos conhecimentos que emanam da experiência de vida individual ou coletiva, permite lançar uma ponte entre o passado e o futuro através do aprendizado histórico-biográfico.

3.4 MÉTODOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

3.4.1 Entrevistas semi-estruturadas

As guias elaboradas para cada um dos entrevistados constam do apêndice, no item 7.

- Engenheiro Constantino Lacerda, irmão do ex-governador;
- Desembargador Norberto Ungaretti, secretário particular durante a gestão como governador de Santa Catarina de 1956 a 1958;

- ex-Ministro João Paulo dos Reis Velloso, secretário particular no período de em 1950- 1955 quando Jorge Lacerda enquanto deputado federal por Santa Catarina;
- Engenheiro Venevêrito da Cunha, calculista do Instituto de Educação de Santa Catarina.

3.4.2 Pesquisa documental

A pesquisa documental iniciou-se através dos elementos históricos disponíveis da trajetória de vida de Jorge Lacerda, entre eles: Livros: Pasold (1998), Lacerda (1960) e (2001), Piazza (1993), Ungaretti (1993), Velloso (2004), Fontes (1963), Martins (2002), Correa (1986), CPDOC/FGV (2007), Ricardo (1970), Jamundá (1970), Souza (2000), Meirinho (1972), Meneses (1969), Richard Neto (1960), Silva (1971), Carneiro (1966), Pitsica (1993), (2003); Discursos: Lacerda (1937), Diário da Câmara dos Deputados (1951 a 1954); Enciclopédias: Grande Encic. Delta 1973); Thiago (1957); Teses e dissertações: Demarchi (1991), Calil (2005); DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO-PÓS 1930 FGV, Entrevista Zigelli (1990), Jornais: A Manhã: Letras e Artes (1946-1955), O Estado de São Paulo (1958), Gazeta do Povo (1958), O Catarinense (1958); Revistas: Revista Litoral (1958) e pesquisa documental realizada com base no Inventário Analítico do Fundo Privado do Ex Governador Jorge Lacerda 1931 a 1973. Cartas e documentos: acervo do Instituto Histórico de Santa Catarina.

3.4.3 Análise de conteúdo e PN

Empregou-se a técnica da Análise de Conteúdo (AC), segundo orientações e perspectivas já fundamentadas por Berelson (1952), Bardin (1979), Krippendorff (1980), também analisadas por Vala (1986). De acordo com Vala:

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de informação, não é um método. Como técnica pode integrar-se em qualquer dos grandes tipos de procedimentos lógicos de investigação e servir igualmente os diferentes níveis de investigação empírica. Quando falamos em procedimentos lógicos de investigação empírica, referimo-nos aos métodos, que podemos classificar em experimental, de medida (ou análise extensiva) e de casos (ou análise intensiva). Quando falamos em níveis de investigação empírica, referimo-nos à hierarquia de objetivos do trabalho de investigação: descrever fenômenos (nível descritivo), descobrir covariações ou associações entre fenômenos (nível correlacional), descobrir relações de causa e efeito entre fenômenos (nível causal) (VALA, 1986, p. 104).

A análise de conteúdo foi empregada para a categorização temática dos discursos de JL. A partir da escolha dos eixos temáticos mais adequados para esta tese, em termos de contribuições para a educação, para cada um dos discursos, dos dois eixos temáticos, foram identificadas as unidades de conceito-chave. Optou-se por não fragmentar os textos para não perder a idéia elocutiva e mobilizadora da fala, deste modo, cada discurso foi dividido em unidades conceituais completas, que traduzem o pensamento essencial de JL sobre o assunto ou tema desenvolvido.

Em conjunto com a análise de conteúdo no aspecto de aprofundamentos sobre as condições em que foram produzidas as falas foi empregada a PN com os conceitos indicados por Polkinghorne (1988).

De forma esquemática, procedeu-se da seguinte forma:

- a) Leitura dos discursos e a classificação por eixos temáticos apropriados para análise de suas contribuições para a Educação;
- b) Análise dos discursos pela identificação dos conceitos-chave por eixo temático e a descrição contextualizada da produção das falas com as narrativas de vida pertinentes;
- c) Análise de contribuições para os eixos: Educação, virtudes e interculturalidade e Universidade;
- d) Análise de contribuições: a partir dos elementos obtidos da análise dos discursos, empregaram-se, para o que se denominou de “análise de contribuições”, três dimensões para cada um dos eixos temáticos: perspectiva narrativa, conceitos replicáveis e diretrizes;
 - Perspectiva narrativa: fez-se a análise narrativo-reflexiva, de modo a se avaliar a dimensão subjetiva do atuar de JL. Recorreu-se aos testemunhos e aos relatos de acontecimentos os quais permitem compreender tanto a sua dimensão motivadora como também as aprendizagens em primeira pessoa, colocando-se na condição de protagonista judicioso;
 - Conceitos replicáveis: corresponde à síntese dos conhecimentos que se apreendeu que são passíveis de aplicação em outras situações;
 - Diretrizes: orientações resumidas provenientes das análises do eixo temático.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE CONTRIBUIÇÕES

4.1 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Todos os discursos de JL, após a sua leitura detalhada, foram incluídos em eixos temáticos. O *corpus* de discursos abrange 57 publicados no diário oficial da Câmara dos Deputados (CD), desde o primeiro registrado em 20.03.1951 ao de número 57 em 16.12.1954. Com relação ao ano de 1955, não temos nenhum registro de seus discursos, o qual corresponde à sua segunda legislatura de apenas um ano, pois renunciou para a disputa ao governo do Estado de Santa Catarina. Saiu vencedor nas eleições de 1955, tomando posse em 1956 como Governador.

Além desta fonte de discursos, outra é a do livro póstumo (DN, 1960), organizado por Nereu Correa que recebeu orientações de JL para realizar tal tarefa; não foi possível, porém sua publicação em vida, em virtude do acidente de aviação. DN está organizado com 3 discursos literários e 32 discursos políticos, sendo 10 enquanto Jorge Lacerda (JL) era Deputado Federal e outros 22 quando esteve no cargo de governador do Estado de Santa Catarina.

Outros três discursos foram incluídos no *corpus*: o da Exposição de Flores em Joinville, o discurso proferido no início da execução do Plano da Cidade Universitária de Santa Catarina em 31.01.1957 e o dirigido à Assembléia Legislativa em 15.04.1958.

Resumindo, dispôs-se de 3 discursos literários, 57 como Deputado Federal e 25 como governador, perfazendo um total de 85 discursos.

A partir da leitura deste material foi possível incluir parte deles em eixos temáticos pertinentes ao campo educativo. Desta classificação resultou um total de 41 discursos, incluídos em oito eixos temáticos que estão indicados nos quadros de números 1 a 8.

Os eixos temáticos em que foram agrupados os discursos foram os seguintes:

- Literários, históricos e relativos à inteligência;
- Arte e cultura;
- Meios de comunicação
- Educação, virtudes e interculturalidade;
- Universidade;
- Visão de governo;
- Nacionalidade e pátria;

- Unidade econômico-sentimental.

QUADRO 1 - Discursos literários, históricos e relativos à inteligência

Ref. ²³	Tema	data
DN	O Espírito dos Lusíadas (orador oficial do I Congresso de História Catarinense)	12.10.1948 ²⁴
CD	Necrológico do Sr. Oliveira Viana (câmara dos deputados RJ)	28.03.1951
CD	Centenário de Silvio Romero	21.04.1951
CD	Segundo Aniversário de “O Jornal de Letras”	22.06.1951
CD	Concurso à Cátedra de Filosofia no Colégio D. Pedro II no Rio de Janeiro pelo filósofo Euryolo Canabrava	17.09.1952
DN	Sob o calor da lareira catarinense (Centro Catarinense do Rio de Janeiro)	29.11.1953
DN	Santa Catarina a Diferente (crônica)	27.10.1957

O Quadro 1 traz sete discursos pertencendo ao eixo temático “Literários, históricos e relativos à inteligência”, sendo três oriundos de DN e quatro da CD proferidos no período de 1948 a 1957.

QUADRO 2 - Discursos relativos à Arte e Cultura

Ref.	Tema	data
CD	Desaparecimento do general Leony de Oliveira Machado	15.09.1951
LA	Premio Nacional de Literatura	18.05.1952 ²⁵
CD	Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro	09.10.1952
DN	O Espírito Eterno da Pátria no Gênio dos Artistas (Construção do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro)	06.05.1953
CD	II Bienal de São Paulo	14.12.1953
DN	Linguagem das Formas e Cores (Museu de Arte de São Paulo)	29.03.1958

No eixo temático “Arte e Cultura”, apresentado no Quadro 2, foram incluídos seis discursos, três deles constando dos anais de discursos da CD, um pronunciamento de parecer nas seções da CD publicado em LA e outros dois oriundos de DN. Estes discursos foram realizados no período de 1951 a 1958.

QUADRO 3 - Meios de comunicação

Ref.	Tema	data
CD	Emenda ao Projeto Bilac Pinto sobre publicidade governamental	26.08.1952
CD	Nota da Associação Brasileira de Imprensa	22.03.1953

²³ CD: Câmara dos Deputados, DN: Democracia e Nação e LA: Letras e Artes.

²⁴ Data deste discurso está errada em Pasold (1998, p. 73) está como 21.10.1948

²⁵ Data de publicação do parecer, apresentado na Câmara dos Deputados, no Suplemento Letras e Artes.

No Quadro 3 incluíram-se dois discursos relativos ao eixo temático “Meios de comunicação” pronunciados na CD no período de 1952 a 1953.

QUADRO 4 - Educação, virtudes e interculturalidade I

Ref.	Tema	data
DN	Intrépidos soldados de Cristo nas rotas ásperas do mundo	17.09.1956
DN	Os incomparáveis mestres da Companhia de Jesus	10.12. 1956
DN	Reconstruir o homem no sentido do espírito	08.12.1957
DN	Aquarelas do Brasil	??.12.1957
DN	Síntese cordial de duas culturas	24.06.1957
DN	Brasil e Inglaterra, dois países unidos na defesa dos direitos e das liberdades humanas.	29.03.1958

O Quadro 4 reúne seis discursos sob a temática “Educação, virtudes e interculturalidade”, todos oriundos de DN proferidos no período de 1956 a 1958. O dia em que foi proferido o discurso Aquarelas do Brasil não consta em DN.

QUADRO 5 - Discursos relativos à universidade

Ref.	Tema	data
DN	Fundação da Universidade de Santa Catarina	15.12.1954
²⁶	Início da execução do plano da Cidade Universitária	31.01.1957
DN	Lição de Liberdade e de Harmonia (II Congresso Estadual de Medicina)	25.04.1957
CD	Primeiro centenário de Orville Dedly	23.07.1951
CD	Concurso do Colégio Pedro II por Euryalo Cannabrava	16.09.1952
²⁷	Festa das Flores em Joinville: Faculdade de Engenharia de Joinville	Gov. SC

No Quadro 5, cujo eixo temático denominou-se “Discursos relativos à universidade”, consta um total de seis discursos do período de 1952 a 1957, sendo que dois deles são provenientes de DN e outros dois dos anais da CD. O que se intitula: “Início da execução do plano da Cidade Universitária” está transcrito nas memórias de Henrique Fontes (FONTES, 1963), e o texto original, datilografado do discurso “Festa das Flores em Joinville”, encontrou-se no IHSC - Instituto Histórico de Santa Catarina.

QUADRO 6 - Discursos relativos à sua visão de governo

Ref.	Tema	data
DN	Discurso de posse como governador de SC	31.01.1956
DN	Na cidade dos príncipes agosto de 1956	08.1956
DN	Os caminhos das nossas riquezas	11.01.1957

²⁶ Fontes (1963, p. 27-28)

²⁷ IHSC sem número.

Ref.	Tema	data
DN	Novo bandeirismo - VI Conferência de Governadores dos Estados da bacia do Paraná	31.03.1957
DN	Governo que preza a Justiça e defende a Liberdade (Discurso na Ordem dos Advogados, Seção Santa Catarina)	17.04.1957
DN	Encontro Brasil – Quarto Congresso Nacional dos Municípios (RJ)	07?.05.1957
DN	Lages – Sentinela da Vanguarda da Unidade Nacional	02.06.1957
²⁸	Prestação de Contas 1956- 1957	15.04.1958
DN	Último discurso	15.06.1958

No Quadro 6, do eixo temático “Visão de governo”, oito dos discursos provêm de DN e o intitulado de “Prestação de Contas 1956-1957” provêm de *compact disk* de discursos recuperados com a voz de JL. Estes discursos são do período de 1957 a 1958.

QUADRO 7 – Discursos relativos à nacionalidade e pátria

Ref.	Tema	data
CD	Amparo aos brasileiros na luta de 1912 a 1915	16.10.1952
CD	Considerações sobre o atentado ao jornalista Carlos Lacerda	05.08.1954
DN	Laguna - Bastião da Nacionalidade (Centenário da Fundação da Comarca de Laguna)	17.04.1956
DN	Adeus a Adolfo Konder	25.09.1956
DN	Sentinela Permanente da Nacionalidade	20.01.1958

Inclui-se no Quadro 7, sob o eixo temático “Nacionalidade e pátria”, cinco discursos no período de 1952 a 1958, entre eles, dois oriundos dos anais da CD, e outros três de DN.

QUADRO 8 – Unidade econômico-sentimental

Ref.	Tema	data
DN	Santa Catarina e Rio Grande — Uma Unidade Econômica e Sentimental	23.11.1956
DN	O destino comum de dois Estados	24.11.1956

O Quadro 8 refere-se ao eixo temático “Unidade econômico-sentimental”, contendo dois discursos provenientes de DN do ano 1956.

Recorte temático

Serão estudados de acordo com a metodologia especificada no item 3 os discursos incluídos nos eixos temáticos: Educação, virtudes e interculturalidade (Quadro 4) e

²⁸ Discurso gravado em coleção de CD, transcrito para esta tese.

discursos relativos à universidade (Quadro 5). Estes dois eixos temáticos foram escolhidos por se dirigirem mais diretamente às questões educacionais.

A questão de pesquisa desta tese, ao procurar as contribuições que o CN e a PN trazem para a educação, se insere na área temática Cultura e Processo de Ensino-Aprendizagem e à linha de pesquisa Cognição, Aprendizagem e Desenvolvimento Humano do Programa de Pós Graduação em Educação - UFPR. As análises efetuadas permitem aprofundamentos sobre a PN e sua aplicação como processo cognitivo e de aprendizagem, a partir de discursos e narrativas de vida. A análise de discursos de JL e as suas contribuições para a educação sob a perspectiva narrativa, conceitos replicáveis e diretrizes, para cada eixo temático, possibilitou a construção de conhecimento que redundava em benefício da comunidade de pesquisadores em educação, professores e alunos de cursos superiores e à sociedade em geral, por meio do resgate da memória e ensinamentos de um brasileiro.

4.2 EDUCAÇÃO, VIRTUDES E INTERCULTURALIDADE

Nesta categoria de análise incluíram-se os três conceitos, pois se constata como elemento comum dos discursos, o desenvolvimento total da pessoa pelos valores morais. Este conceito é essencial nos discursos de JL e muitas vezes se refere às resistências do espírito, como neste trecho:

A história nos ensina que as forças materiais das nações também se nutrem das resistências do espírito, forjadas pela cultura, mercê das quais o seu poder de sobrevivência tem superado o impacto das catástrofes. (...) De nada valem as nações, perante a história, se não souberem legar à posteridade uma luminosa mensagem de cultura! (LACERDA, 1960, p. 92).

Para as análises desta categoria, o conceito de educação que se está empregando é aquele que Lins (2007) define como sendo:

A atividade necessária a todo ser humano para que este venha a se tornar plenamente humano, desenvolvendo suas potencialidades e construindo progressivamente a sua pessoa integral, num contínuo processo de seu aperfeiçoamento inserido num contexto sócio-cultural-político (LINS, 2007, p. 16).

Na concepção aristotélica a realização humana se dá, sobretudo com a virtude, a *arete* tal como no ideal da *paidéia*, e o conceito de virtude de acordo com Rhonheimer (2001),

não expressa o sentido original do grego '*arete*'. Mas sim conserva algo do significado da palavra latina *virtus*. *Arete* significa excelência, capacidade, valia. *Virtus* vem de '*vir*' (varão) e alude em seu sentido original à virilidade, mas também simplesmente à

excelência, à perfeição moral. *Arete* e *virtus* designavam a excelência do homem enquanto homem (RHONHEIMER, 2001, p. 199).

O desenvolvimento das qualidades genuínas humanas exigem um trabalho acurado de cultivo sob duas dimensões: uma sobre como a orientar e outra sobre como desenvolver o melhor que há em cada indivíduo. Evidentemente, não se pode separar esse processo de crescimento da dimensão política. A visão humanista que trouxe a *paidéia* na Grécia clássica depois dará passagem ao que os latinos denominariam de *humanitas*. Este ideal ensina a importância da educação das três dimensões harmonicamente: *Ethos*, *Pathos* e *Logos*. Caráter, emoções e razão. De acordo com a visão aristotélica, todo processo educativo exige ter em conta três condições: a natureza, o hábito e a razão. Conta-se com uma natureza, que será aperfeiçoada pelos hábitos, por uma escolha de meios e fins através da reta razão. É o que esclarece Naval (1995):

Devemos dar mais que um cumprimento a arte e à literatura como depósitos de valores expressivos porque eles podem dar-nos realmente uma profunda visão moral. O *ethos* é o verdadeiro sujeito das humanidades e as ciências sociais; a ética não pode ser somente uma especialidade mais ou um conjunto de procedimentos. Talvez convirá ver a ciência em um marco social que não pode ser divorciado da aprendizagem moral e da imaginação sem o empobrecimento de cada área. A enorme pressão na universidade para descobrir algo novo, revisar a visão recebida, torna perigosamente fácil esquecer que o passado não está superado (Bourne, 1964), e que a assimilação crítica dele é uma tarefa central da educação (NAVAL, 1995, p. 183).

De acordo como Fleuri (2003, p.21), “A noção de interculturalidade, além de expressar a coesão étnica de um grupo social, proporcionando condições para o fortalecimento da identidade cultural, vai também estimular a aquisição do conhecimento cultural de outros povos.” Nos Parâmetros Curriculares definidos pelo MEC (1997) para o Brasil adotou-se a educação em valores através dos temas transversais e entre eles se encontra o da pluralidade cultural. O texto dos parâmetros curriculares esclarece que:

(...) no cenário mundial, o Brasil representa uma esperança de superação de fronteiras e de construção da relação de confiança na humanidade. A singularidade que permite essa esperança é dada por sua constituição histórica peculiar no campo cultural. O que se almeja, portanto, ao tratar de Pluralidade Cultural, não é a divisão ou o esquadramento da sociedade em grupos culturais fechados, mas o enriquecimento propiciado a cada um e a todos pela pluralidade de formas de vida, pelo convívio e pelas opções pessoais, assim como o compromisso ético de contribuir com as transformações necessárias à construção de uma sociedade mais justa (MEC, 1997, p.20).

A educação intercultural, de acordo com Iriarte e Naval (2002), pode ser tipificada em modelos que partem de concepções distintas do que significa cultura, identidade cultural e da possibilidade de entendimento entre culturas. Entre eles estão os modelos: 1) do

entendimento entre culturas ou hermenêutico; 2) Integração; 3) Pluralismo cultural; 4) Educação bicultural ; 5) Transformação ou antirracista e 6) Crítico.

No modelo hermenêutico objetiva-se “ensinar a todos a valorar as diferenças entre as culturas, de maneira que a educação intercultural trataria de enriquecer no aspecto cultural a todos os alunos, com o fim de que compreendam as semelhanças e as diferenças e compreendam a pluralidade” (IRIARTE; NAVAL, 2002, p. 203). O de integração é o que “permite oferecer a todos os grupos étnicos o conhecimento dos elementos culturais comuns a todos” (*id.*, p. 203). Do pluralismo cultural é decorrente da não aceitação, por parte das minorias étnicas, das práticas educativas de assimilação quando se encontram submetidas ao contato com as culturas majoritárias. O da educação bicultural também resulta da rejeição da assimilação por parte dos imigrantes e se propõe manter e preservar a própria cultura adquirindo a cultura dominante como alternativa ou segunda cultura. Na abordagem transformacional ou antirracista as iniciativas encontram-se no âmbito da legislação coibir a discriminação aos grupos minoritários. O modelo crítico de educação intercultural, parte do pressuposto de que as mudanças nos modos de pensar não são capazes de gerar por si próprias mudanças reais na sociedade. Nesta concepção, faz-se necessário solapar as estruturas sociais opressoras e também os seus próprios fundamentos ideológicos.

4.2.1 Visão geral

JL, como jornalista e fundador do Suplemento LA, atuou de forma operosa, influenciando em iniciativas de caráter cultural e educativo. Em 5 de janeiro de 1949 recebeu a Medalha Comemorativa do Centenário de Nascimento de Rui Barbosa, pelos serviços ao Ministério da Educação. De acordo com Piazza (1993), referindo-se à sua atividade como intelectual no Rio de Janeiro, o fato de ter fundado LA em 1946 consistiu no alicerce para uma ação efetiva em prol da educação e cultura brasileiras. Assim:

A par desse trabalho o interesse de Jorge Lacerda pelo desenvolvimento cultural do País e do Estado está manifesto também, em diversas oportunidades e até em pequenos atos. O seu bom relacionamento com intelectuais, quer literatos, quer artistas, da mais variada tendência, foi uma constante. Ao assumir o Governo do Estado preocupa-se com o incremento da atividade cultural. Faz com que a Diretoria de Cultura, então inserida na Secretaria da Educação, tome forma e se desenvolva. Antes de dar-lhe um tratamento, meramente político ou cultural, reuniu, no Palácio do Governo, na ampla sala de reuniões do piso superior, um grupo de intelectuais atuantes, das mais variadas orientações e dos mais diversos matizes, escutando-os, por mais de duas horas, sobre a elaboração de uma política cultural para o Estado (PIAZZA, 1993, p.XXVIII).

A preocupação com a educação foi um dos pilares da sua administração, como

testemunha Zigelli²⁹(2007), então jornalista da Imprensa Oficial do Estado, ao ser o impulsionador do Instituto Estadual de Educação: “o **Instituto de Educação** ³⁰ para a época era coisa que fez e foi ridicularizado pela oposição (...) foi ele (que impulsionou), nós mesmos achávamos que era demais, não sei se era para 5000 ou 7000 alunos. Ele sonhava com esta realização (...). Está hoje lá e é pequeno...”. Piazza (1993), na introdução do Inventário Analítico sobre a vida de Jorge Lacerda, relata que:

No campo educacional dois tópicos mereceram a sua atenção, como homem público: o atendimento à população escolar de classe média e de baixa renda para atingir o ensino de nível médio, que, à época, estava estrangulado na capital, e, de outra parte, a configuração e a instalação de uma universidade em Santa Catarina, notadamente sediada na capital. No que tange ao ensino médio a única escola pública que então havia era o Instituto Estadual de Educação e Colégio Estadual "Dias Velho", localizado no imponente prédio da Rua Saldanha Marinho, onde, em classes saturadas, ocupava-se em três turnos todas as suas dependências. Urgia abrir maiores oportunidades de ingresso aos jovens de classe média e de baixa renda, pois, caso contrário, teriam de enfrentar o ensino pago no Colégio Catarinense ou no Colégio "Coração de Jesus", que, de certa forma, se tornavam seletivos, ou, então, havia, de um lado a Academia de Comércio Santa Catarina e de outro lado o Colégio "Antonieta de Barros", da então Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, recém-fundada, ambos noturnos. Como se vê, as opções para estudos de nível médio eram poucas. A este problema social e educacional Jorge Lacerda foi sensível. Recém-empossado no Governo do Estado providenciou, a 27 de março de 1956 que fosse apreciado um projeto para a construção³¹ do Instituto Estadual de

²⁹ Procurador-geral do Estado de Santa Catarina: “Walter Zigelli, muito moço, foi trazido para Florianópolis pelo então governador Jorge Lacerda, quando soube que ele e o irmão Adolfo (que veio a ser um dos mais competentes e combativos jornalistas da história do Estado) tinham perdido os pais prematuramente. Nestas cinco décadas, exerceu o mandato de deputado estadual, atuou como juiz e advogado, tendo também respondido pela procuradoria geral do Estado. <http://www.an.com.br/columnistas/2008/fev/11/Opri.jsp> acesso 13.02.2008

³⁰ O Instituto Estadual de Educação é uma referência quando se fala em números elevados. É considerado o maior colégio estadual da América Latina. Ali transitam, em média, doze mil pessoas diariamente. São ministradas, nas 56 turmas de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental, 1568 aulas semanais e, nas 76 turmas de ensino médio, 2100 aulas semanais, ou seja, semanalmente são ministradas no Instituto Estadual de Educação 3668 aulas, por cerca de 442 professores Ghizoni (2002, p. 11). As obras da atual sede do Instituto Estadual de Educação levam quase duas décadas para ser concluídas. Elas têm início no governo Irineu Bornhausen, na década de 50, com o projeto do engenheiro José da Costa Moellmann, quando foi lançada a pedra fundamental. A construção merece atenção especial do governo Jorge Lacerda, cujo monumento se alteia junto à entrada principal. Mas é no governo de Celso Ramos, em 1964, que as obras prosperam e que se inaugura oficialmente esse instituto. (id. p. 19) O Instituto Estadual de Educação é uma escola pública estadual, cuja existência tem cento e oito anos. Ele é considerado o maior colégio da rede pública da América Latina. A escola pública caracteriza-se principalmente pelo ensino gratuito para a população e é oferecida nas esferas municipal, estadual e federal. Torna-se importante ressaltar que o IEE, assim como qualquer outra escola pública, laica, surge no Brasil durante o processo de industrialização. Mas, diferentemente das demais escolas, o IEE recebeu atenção especial dos governos passados. (...) O Instituto Estadual de Educação, além de ser uma escola pública estadual, é também uma Coordenadoria Regional de Educação (CRE 00), ao passo que as outras CREs reúnem vários municípios e, conseqüentemente, muitas escolas. Assim, o IEE é a única escola pública diretamente ligada à Secretaria de Educação, o que lhe confere condição ímpar na rede de ensino estadual, porque faz parte da estrutura direta desse órgão. O número de pessoas que transitam nas dependências do IEE gira em torno de 12.076. (id., p. 19) <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0368.pdf>.

³¹ Venevêrito da Cunha, calculista estrutural de renome, foi quem desenvolveu o projeto de cálculo e testemunha que em 1956, Jorge Lacerda tinha vontade firme de cumprir a sua promessa de campanha: “eu recebi no meu escritório, um advogado (...), ele me disse o seguinte: “olha, o Jorge está no Rio, e você tem que ouvir o que ele quer falar com você, à respeito da construção do **Instituto de Educação de Florianópolis** (...) Eu cheguei nessa época no Rio e o Jorge justamente queria que eu entrasse em contato com os arquitetos que estavam fazendo o projeto do **Instituto de Educação de Florianópolis** e trocar idéias, sobre a parte estrutural (...)” (CUNHA, 2006).

Educação, centrada no “Largo General Osório” (o antigo “Campo do Manejo”, onde desde os tempos coloniais se exercitavam as tropas, notadamente o glorioso Regimento de Infantaria de Linha da Ilha de Santa Catarina).

Complementando a idéia, declarou de utilidade pública, pela Lei nº 1.656, de 28 de junho de 1957, bem como autorizou o aludido texto legal a aquisição dos terrenos necessários à construção do novo Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, entre a Avenida Hercílio Luz — um terreno —, à Rua Bulcão Viana — trinta e quatro terrenos — e a Praça General Osório — um terreno —, desaparecendo, então, este logradouro público.

E, a 9 de janeiro de 1958 foi assinado o contrato entre o Governo do Estado e a firma Moelmann & Rau Ltda., para administração das obras de construção do referido Instituto, que Jorge Lacerda não viu concluída (PIAZZA, 1993, p.XXVIII).

Durante o seu governo, entre outras realizações, destaca Piazza (1993) que JL preocupou-se efetivamente com a extensão da escolarização da população infantil, de modo que ampliou a rede escolar, criando no ano 1956, como indicado na tabela 1, 121 escolas isoladas e 12 grupos escolares, chegando a atender 15.000 crianças:

Como tal crescimento exigia o aumento numérico do professorado foram criados quatro cursos normais regionais, além da concessão de mandato para que entidade particular o ministrasse. Paralelamente elevou de 3 para 5 o número de escolas profissionais femininas, mantidas pelo Governo Estadual. A despesa com a área da educação correspondia, à época, mais de 24% da arrecadação do Estado. No final de seu segundo ano de mandato a rede escolar estadual primária atendia 285.000 crianças, numa rede física de 217 grupos escolares, mais de 2.000 escolas isoladas, as quais se somavam 280 escolas reunidas. A fim de atender à formação do professorado, além do Instituto Estadual de Educação, em Florianópolis, contava-se, ainda, com 4 escolas normais, 71 cursos normais regionais e, contava-se, também, com 7 escolas profissionais femininas (PIAZZA, 1993, p.XXVIII).

Apresenta-se, na tabela a seguir um resumo comparativo de instituições educativas que existiam antes do governo JL e o que foi realizado no período 1956-1957:

TABELA 1 Unidades Escolares – Quadro Comparativo

Tipo	Existen-tes em 1950	Existen-tes em 31.12. 1955	Existen-tes em 31.12. 1956	Criadas no Governo Jorge Lacerda			Existen-tes em 31.12. 1957
				1956	1957	Total	
Instituto de Educação	1	1	1	-	-	-	1
Colégios	1	1	1	-	1	1	2
Escolas Normais	3	4	4	-	-	-	4
Cursos Normais Regionais	38	54	58	4	5	9	67
Escolas Profissionais Femininas	1	2	4	2	1	3	7
Cursos Primários Complementares	105	123	124	1	1	2	126
Grupos Escolares	142	177	189	12	16	28	217
Escolas Reunidas	73	197	223	26	16	42	265
Escolas Isoladas	1.352	1807	1928	121	58	179	2107
Escolas Supletivas	13	14	14	-	3	3	17
Totais	1729	2380	2546	166	101	267	2813
Totais criadas		651			267		

FONTE: ORIGINAL IHSC

A Tabela 1 mostra que embora tenha havido investimentos em relação às unidades escolares no período que antecede a atuação de JL, com ele, em dois anos, só não houve aumento das Escolas Normais. Percebe-se um grande investimento na criação de novas unidades principalmente de grupos escolares, escolas reunidas, escolas isoladas e, embora em menor número, de escolas supletivas que, desde 1955 não sofriam acréscimo. No último discurso, JL em 15.06.1958, refere-se às palavras elogiosas do então ministro da educação sobre “um verdadeiro recorde em construção de grupos escolares, isto é, 27³² em dois anos de governo” (LACERDA, 1960, p. 233).

TABELA 2 Bolsas escolares – Comparativo 1950 – 1957

Anos	Bolsas concedidas e homologadas	Auxílios concedidos e homologados	Matrículas Concedidas e homologadas		Escola Industrial de Florianópolis	Total de alunos	Despesa em Cr\$
			c/ ônus	s/ ônus			
1950	41	4	69	50	48	212	776.983,00
1951	46	4	81	56	48	235	857.672,00
1952	83	38	219	-	48	388	1.891.650,00
1953	81	73	283	95	52	584	2.368.210,00
1954	78	128	351	69	52	678	3.747.483,00
1955	72	130	540	56	50	848	5.562.000,00
1956	102	196	936	52	62	1348	9.879.600,00
1957	80	170	908	26	50	1234	12.175.136,00

FONTE: ORIGINAL IHSC

A Tabela 2 inclui, para os anos de 1956 e 1957, nas linhas em cor cinza, o número total de bolsas concedidas e homologadas, os auxílios concedidos e homologados, as matrículas concedidas e homologadas e as bolsas para a Escola Industrial de Florianópolis. Analisando o número total de alunos beneficiados em 1956 e 1957, respectivamente 1348 e 1234 alunos, também se verifica um crescimento em relação ao período que antecede à sua atuação.

JL, como a seguir analisa-se em um dos seus discursos, atuou como homem de governo com a idéia de “*que o futuro será o que a educação entender que ele seja*”³³. Deste modo, a atenção à formação dos professores e a extensão da educação às classes de mais baixa renda veio a ser um dos seus projetos com visão de estadista.

³² Na tabela 1 constam 28 no total.

³³ Extrato de discurso às educadoras, fotografado e transcrito pelo autor desta tese, obtido no Instituto Histórico de Santa Catarina (IHSC).

Como uma amostra da sua preocupação pela educação, no discurso realizado na Assembléia Legislativa em 15.04.1957, apresentou um relatório útil para penetrar no modo como encarava o tema da educação no seu governo:

Nos domínios da Educação, procedeu o Governo, logo no começo do exercício, a uma reforma nos órgãos diretores, em face da necessidade de descentralizar os serviços que estavam a cargo do antigo Departamento de Educação. A rede escolar foi acrescida de 167 novos estabelecimentos de ensino. Com a manutenção de cozinhas escolares, despendeu o Estado Cr\$ 2.300.000,00 e elevou para Cr\$ 9.879.600,00 a importância destinada a bolsas e auxílios a estudantes pobres. Com o INEP assinei dois acordos para a construção de 7 Grupos Escolares e 3 Escolas Isoladas. O Governo do estado celebrou convênio com o Ministério da Educação para a manutenção de cursos de educação de surdos-mudos, com o aproveitamento de 4 professores normalistas, que fizeram curso especializado na Capital da República. Dei início do Plano Viário da Cidade Universitária. Outro acontecimento, no terreno da educação superior, foi a fundação da Faculdade de Medicina, à qual não faltei com o meu apoio, doando 10.000 apólices do Tesouro, no valor de Cr\$ 10.000.000,00. (LACERDA, s/d, item 10).

A educação para JL é fundamental para o desenvolvimento cultural e foi esta a sua grande meta. Sem descuidar da viabilização dos empreendimentos na área econômica e de infra-estrutura, alavancou a educação no Estado de SC. As iniciativas voltadas à educação e, sobretudo à formação dos professores, nortearam as ações como dirigente do executivo. O Instituto Estadual de Educação, a expansão do ensino público e o impulso à universidade e aos cursos superiores representam a materialização da sua concepção de desenvolvimento integral da pessoa.

4.2.2 Análise dos discursos

QUADRO 9 - Educação, virtudes e interculturalidade

N	Ref.	Tema	data
1	DN	Intrépidos soldados de Cristo nas rotas ásperas do mundo	17.09.1956
2	DN	Os incomparáveis mestres da Companhia de Jesus	10.12. 1956
3	DN	Reconstruir o homem no sentido do espírito	08.12.1957
4	DN	Aquarelas do Brasil	12.1957
5	DN	Síntese cordial de duas culturas	24.06.1957
6	DN	Brasil e Inglaterra, dois países unidos na defesa dos direitos e das liberdades humanas.	03.1958

Os seis discursos do Quadro 9, todos oriundos de DN, contêm os conceitos chave para a interpretação do pensamento e prática de governo de JL no campo educativo no período de 1956 a 1958, que, ao mesmo tempo, não se separa de uma visão holística, pois entende a realidade educativa como fonte de desenvolvimento humano e sócio-cultural.

1- Intrépidos soldados de Cristo nas rotas ásperas do mundo

Este discurso se deu no Teatro Álvaro de Carvalho em Florianópolis, ao haver a sessão solene em comemoração ao cinquentenário de fundação do Colégio Catarinense. O conteúdo desta fala evidencia sua condição de ex-aluno, convidado para dirigir essas palavras ao final do evento comemorativo.

As idéias giram em torno da influência da Igreja Católica nas diretrizes espirituais da nacionalidade, pois esta exerceu uma influência ativa por muitos séculos na formação cristã do povo brasileiro. Desenvolveu, neste discurso, a tese da atuação da Companhia de Jesus como “os consolidadores da unidade física e espiritual do Brasil”. Manifestou por experiência própria, como ex-aluno do Colégio Catarinense, a influência da formação humanística que o ajudou a se aprofundar nas raízes gregas, dedicando-se à literatura. Constantino Lacerda³⁴, em entrevista sobre os aspectos formativos proporcionados pelo Colégio Catarinense, esclarece que:

O ginásio (Colégio) Catarinense tinha o nível mais elevado possível. Além de ser equiparado ao Colégio Pedro II, ele dava uma formação religiosa muito forte. (...). Agora, o melhor e maior de todos (professores) foi o de português, o nome dele era Fernandes, Odilon Fernandes. Esse, então inspirou Jorge a entrar na literatura (LACERDA, 2007, s/p).

De certo modo, JL deu seu testemunho, agora alçado à condição de governador, destacando os elementos-chave do sucesso da formação proporcionada pelo Colégio Catarinense: ***“Que se realce, ainda, a obra que os vinculou à formação humanística das elites brasileiras pelo ensino das disciplinas clássicas, de que foram mestres incomparáveis, dos maiores do seu tempo, nos colégios, nos ginásios e nos seminários que multiplicaram pelo território pátrio”*** (LACERDA, 1960, p.121).

No nascedouro da Universidade de Santa Catarina, a primeira faculdade foi a Faculdade de Filosofia, com o impulso dos professores do Colégio. Como autêntico cristão, inspirado nos ensinamentos dos seus mestres, disse: ***“faça descer as verdades serenas do espírito, aquelas mesmas que recolhemos de vós outros — ó mestres queridos! — vivos ou mortos, porque só elas poderão restituir aos povos a paz autêntica, que se funda na caridade, no amor, na justiça e na liberdade”*** (LACERDA, 1960, p.124). Estas palavras não são uma frase solta nos seus discursos. Este sentido profundo de espiritualidade e de paz, como fruto de um trabalho interiorizado, foi o eixo de uma visão de mundo, que influenciou as suas ações de forma natural e quase que espontânea, sem violentar os outros, com uma

³⁴ Entrevista realizada para esta tese em 2007

marca característica da persuasão, através de argumentos sólidos, apoiados numa visão universalista da ética e dos valores humanos.

QUADRO 10 - Intrépidos soldados de Cristo nas rotas ásperas do mundo

Unidade	Conceitos
1	E que contribuição admirável nos trouxeram para a evolução social e o progresso espiritual de nossa Pátria! Plasmaram a alma nascente da Pátria, <i>fixando-lhe as diretrizes espirituais que configuraram os destinos da nacionalidade.</i>
2	No continente novo, celebraram as núpcias das raças, oferecendo ao mundo o espetáculo inédito da confraternização dos homens de todas as origens! <i>Foram os consolidadores da unidade física e espiritual do Brasil!</i>
3	Que se realce, ainda, <i>a obra que os vinculou à formação humanística das elites brasileiras pelo ensino das disciplinas clássicas</i> , de que foram mestres incomparáveis, dos maiores do seu tempo, nos colégios, nos ginásios e nos seminários que multiplicaram pelo território pátrio.
4	<i>Poderia referir-me, detidamente, às figuras eminentes que se projetaram no cenário estadual e da Nação.</i> Hoje, entretanto, naquela comovente reunião confraternizadora dos ex-alunos do querido educandário, os oradores oficiais salientaram, com brilho singular, os vultos representativos das turmas que saíram dos bancos do Ginásio.
5	Sob os influxos benéficos da sua influência, abriu-se entre nós o caminho para a fundação da Faculdade de Filosofia, que conta com a colaboração da experiência e saber dos seus mestres. Por tantos títulos, é credor de nosso reconhecimento o legendário Ginásio Catarinense. Como Governador do Estado, renovo, nesta hora, o compromisso de não faltar com o meu apoio e a minha solidariedade para o crescente desenvolvimento de tão benemérita instituição, que tanto honra a nossa terra.
6	Na hora grave que vive o mundo moderno, diante das vozes pessimistas dos profetas da decadência, na iminência de uma crise universal em que se ameaçam os direitos imprescritíveis da pessoa humana; diante do trabalho surdo e diabólico dos laboratórios, em que se vão gerando os fantasmas do Apocalipse, roguemos à Providência para que, sobre a cidade inquieta dos homens, <i>faça descer as verdades serenas do espírito, aquelas mesmas que recolhemos de vós outros — ó mestres queridos! — vivos ou mortos, porque só elas poderão restituir aos povos a paz autêntica, que se funda na caridade, no amor, na justiça e na liberdade.</i>

O Quadro 10 foi elaborado a partir do discurso citado, destacando e recortando ao longo do discurso as unidades conceituais-chave que encerram as idéias que fundamentam a fala. Destacaram-se, em *italic* negrito, os aspectos aos quais o próprio JL deu maior ênfase sob a forma de proposições.

2 - Os incomparáveis mestres da Companhia de Jesus

O discurso foi pronunciado, como paraninfo, na formatura dos alunos do Colégio Catarinense em 10.12.1956. Observa-se que JL procurou, já no início desta elocução, apoiar-se na esperança que produz a juventude pelo seu ímpeto empreendedor: **“Sinto, na verdade, entre vós, o frêmito acalentador da esperança, pois representais a própria encarnação do futuro, que se desenha fecundo na pujança da vossa mocidade, no ardor dos vossos sonhos e na elevação dos vossos ideais”** (LACERDA, 1960, p.141). Aconselhou os seus afilhados à busca e conquista dos valores perenes: **“onde a vitória digna e imperecível há de ser do mais apto no sentido dos valores do espírito, que são eternos e que modelam o destino dos indivíduos e dos povos”** (LACERDA, 1960, p.142).

Entre outras idéias, assentou a educação numa forte aspiração à melhoria das virtudes que fortalecem o caráter de modo que sejam **“portadores de uma mensagem renovadora, que se fundamente na restauração da austeridade de costumes”** (LACERDA, 1960, p.142). Chama a atenção a idéia que aplicou de forma esperançada e não negativa como havia empregado Rui Barbosa³⁵, com a seguinte formulação: **“Mas não haveis de saber jamais de quem se arrependesse da prática da virtude, de que os bons se lamentassem de tê-lo sido, de que a honra fosse causa de escândalo ou de que a dignidade envergonhasse os que dela se não afastam”** (LACERDA, 1960, p.142).

Lembrou o princípio clássico da educação moral apoiada em ideais de superação e cultivo das virtudes: **“porque o grande heroísmo do homem é justamente manter-se de pé no fragor das batalhas a que se vê lançado, como aqueles carvalhos majestosos em meio à fúria das tempestades que se abatem sobre as florestas”** (LACERDA, 1960, p.143).

Neste discurso JL destacou a importância da vivência das virtudes que elevam o ser humano a um nível maior de dignidade. Parte da concepção de que a prática dos hábitos bons aperfeiçoam a natureza e forjam o caráter. Neste discurso é recorrente a sua preocupação em alentar à gente mais jovem a aspirar uma condição de excelência no comportamento, estimulando-os ao comprometimento, de modo que o medo e a inibição, não os afastem desta aspiração aos bens árduos que são as qualidades da alma.

³⁵ Frase de Rui Barbosa: “De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto” (Senado Federal, RJ. Obras Completas, Rui Barbosa. v. 41, t. 3, 1914, p. 86).

QUADRO 11- Os incomparáveis mestres da Companhia de Jesus

Unidade	Conceitos
1	<p>Ao homem público, que vive absorvido nas preocupações e nos misteres do governo, é sempre confortador participar de solenidades como esta, que nos tonificam as energias, revigoram o ânimo e fortalecem a coragem, porque transmitem uma mensagem de fé na juventude e, por conseqüência, nos destinos gloriosos da Pátria.</p> <p><i>Sinto, na verdade, entre vós, o frêmito acalentador da esperança, pois representais a própria encarnação do futuro, que se desenha fecundo na pujança da vossa mocidade, no ardor dos vossos sonhos e na elevação dos vossos ideais.</i></p>
2	<p>Ireis, agora, defrontar-vos com os inquietantes problemas da vida, <i>onde a vitória digna e imperecível há de ser do mais apto no sentido dos valores do espírito, que são eternos e que modelam o destino dos indivíduos e dos povos.</i> Para isso vos prepararam os vossos dedicados mestres, esses mesmos que há cinqüenta anos vêm lavrando as almas e as inteligências, desenvolvendo nelas as nobres virtudes e os generosos sentimentos que engrandecem o homem, predispondo-o ao conhecimento da verdade e ao exercício do bem.</p>
3	<p>Deveis fazer-vos — vós que iniciais, apenas, o longo e incerto jornada da vida — <i>portadores de uma mensagem renovadora, que se fundamenta na restauração da austeridade de costumes,</i> da rigidez moral, da solidez da fé cristã, comprometida pelo surto materialista do nosso século, da elevação dos princípios, da inflexibilidade do caráter, da exemplar conduta em todos os setores de atividade e do fiel cumprimento dos deveres para com Deus, para com a Pátria e para com a Sociedade.</p>
4	<p>A todo momento sabereis de criaturas que se perderam e se aniquilaram a si próprias, nos descaminhos sombrios dos erros. Fascinados pela roupagem pomposa que, não raro, as tentações revestem, deixaram-se arrastar pela ilusão sempre fugaz das coisas fáceis, na louca avidez das conquistas efêmeras, não hesitaram em pactuar com as forças negativas empenhadas no triunfo do mal.</p> <p><i>Mas não havereis de saber jamais de quem se arrependesse da prática da virtude, de que os bons se lamentassem de tê-lo sido, de que a honra fosse causa de escândalo ou de que a dignidade envergonhasse os que dela se não afastam.</i></p>
5	<p>Seja esse pensamento presente sempre em vosso espírito, e que dele não vos desvieis em qualquer circunstância, <i>porque o grande heroísmo do homem é justamente manter-se de pé no fragor das batalhas a que se vê lançado, como aqueles carvalhos majestosos em meio à fúria das tempestades que se abatem sobre as florestas.</i></p>

No Quadro 11 segue-se o mesmo sistema de destaque das unidades conceituais-chave e as proposições-chave em *italic* negrito.

3 - Reconstruir o homem no sentido do espírito

Pasold (1998) descreve que o discurso se deu no dia 8 de dezembro de

1957, na Catedral Metropolitana em Florianópolis, ao participar da “sagração do Cônego catarinense Wilson Schmidt como Bispo e, no momento devido, autorizado pelo presidente da cerimônia, o também catarinense Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, (...) (JL) proferiu este discurso (PASOLD, 1998, p. 175).

Em virtude de sua formação humanística compreende que o desenvolvimento do ser humano deva ser harmônico, tanto na sua esfera material e pragmática como no seu desenvolvimento espiritual, empregou a idéia ao modo de diagnóstico da realidade social como o de **“construir uma civilização desumanizada por uma técnica sem alma”** (LACERDA, 1960, p.192).

A filosofia do êxito resume-se em que a finalidade do ser humano se restringe ao sucesso no plano dos valores puramente materiais. Nesta fala JL expressou que a finalidade da vida humana não se resume à sua condição corpórea, apenas orientada por valores utilitários, que no seu modo de entender deturpam as finalidades precípua da vida humana. Por isso propôs os valores perenes do espírito, com a seguinte formulação:

Uma filosofia do êxito esquece a destinação última do homem, que não é apenas um ser social, mas um ser espiritual. Engenhos modernos procuram devassar o segredo do cosmos, mas se apequenam em face da eternidade, que se ilumina, entretanto, pelos mistérios da fé (LACERDA, 1960, p.142).

Compartilhou com todos os que ali participam da sagração, uma mesma fé e, sobretudo, destacou o papel da Igreja Católica naquele momento histórico: **“Reconstruir o homem no sentido do espírito, eis o grande papel que se reserva a Igreja em nossos tempos”** (LACERDA, 1960, p.193).

É recorrente, em sua visão da nação brasileira, a convicção de que esta possui condições excepcionais para exercer um papel destacado no orbe, em face das suas raízes cristãs e de sua espontânea integração racial que se faz num ambiente de paz e cordialidade: **“Foi a Cruz — símbolo da redenção do homem — a construção pioneira que se ergueu na terra virgem, assinalando a predestinação cristã da pátria nascente”** (LACERDA, 1960, p.193).

O título deste discurso é sugestivo, pois encerra um dos princípios norteadores da visão de mundo de JL, em que a prioridade se dá aos valores do espírito, comparativamente aos valores materiais. Esta prioridade não releva a uma condição dicotômica de uma ou outra coisa, porém a uma harmonização entre espírito e matéria. No seu modo de ver, os bens do espírito devem guiar a dimensão material procurando, sobretudo, a

prática das qualidades humanas mais genuínas; caso contrário seria **“construir uma civilização desumanizada por uma técnica sem alma”** (LACERDA, 1960, p.192). Esta expressão em formas análogas aparece com freqüência nos discursos, pois estava convencido do mito do progresso material ou da técnica como solução dos problemas humanos e sociais. Por si só a técnica é cega e não atende às necessidades humanas mais profundas de realização. Somente a bondade do coração, o sentido de justiça e o amor à liberdade com responsabilidade podem gerar uma sociedade mais justa.

QUADRO 12- Reconstruir o homem no sentido do espírito

Unidade	Conceitos
1	<p>Não foi o próprio Deus feito homem, Ele mesmo, um palmilhador de caminhos e que outro pouso na terra não pretendeu senão o coração das criaturas? E o admirável converso de Damasco, o grande Apóstolo da gentilidade, não se fez itinerante, para que em todas as latitudes se pudesse ouvir a palavra do Evangelho? Pois assim são aqueles que transmitem o verbo salvador: combatentes vigilantes, renovando posições no campo da luta, que é este vasto mundo, obstinado, infelizmente, em construir uma civilização desumanizada por uma técnica sem alma.</p>
2	<p>Aspera a tarefa da Igreja no mundo moderno! Uma filosofia do êxito esquece a destinação última do homem, que não é apenas um ser social, mas um ser espiritual. Engenhos modernos procuram devassar o segredo do cosmos, mas se apequenam em face da eternidade, que se ilumina, entretanto, pelos mistérios da fé. Assinalava, com acerto, o pensador, que “o homem perdeu o endereço de Deus”. E Xavier de Maistre observara: “Espectador efêmero de um espetáculo eterno, o homem eleva um instante os olhos para o céu e os cerra para sempre; mas, nesse instante fugaz que lhe foi outorgado de todos os pontos do céu e do universo, um de luz consoladora desce até ele e fere-lhe as pupilas para adverti-lo de que há uma relação entre ele e o infinito, e que está associado ao eterno.”</p>
3	<p>Reconstruir o homem no sentido do espírito, eis o grande papel que se reserva a Igreja em nossos tempos; a Igreja, que atravessou, triunfante, vinte séculos da história, e se nos afigura, aos olhos desencantados dos homens, mas esperançados de Deus, como aquela mesma barca de Simão Pedro, cumprindo o seu itinerário, recolhendo os naufragos da presunção humana e levando-os aos caminhos da eternidade.</p>
4	<p>A Igreja marcou sua presença na história do Brasil desde o primeiro instante da nacionalidade. Foi a Cruz — símbolo da redenção do homem — a construção pioneira que se ergueu na terra virgem, assinalando a predestinação cristã da pátria nascente. Dos tempos iniciais da nossa vida, foi o Padre José de Anchieta a mais alta expressão humana, misto de apóstolo e desbravador. No Império, como na República, continuou a Igreja, que configurara a formação espiritual do nosso povo, a impor-se como força atuante na consciência nacional, pela influência da sua doutrina e pelo trabalho dos seus ministros.</p>

Destacaram-se, no Quadro 12, quatro unidades conceituais-chave, as quais permitem descobrir a espinha dorsal do encaminhamento das idéias. Em negrito chama-se a atenção àqueles conceitos que representam as elocuições mobilizadoras ou proposições.

4 - Aquarelas do Brasil

Este discurso foi proferido no Colégio Coração de Jesus, em dezembro de 1957, como paraninfo da “turma de normalistas formandas daquele ano. “Jorge viu naquela circunstância a oportunidade de voltar a expor, de forma sucinta, as suas concepções sobre educação” PASOLD (1998, p. 176).

A missão educativa, de acordo com a sua convicção, não se resume aos conhecimentos que possam desenvolver os educandos,

porque educar, no amplo sentido da palavra, não é apenas comunicar aos pequeninos discípulos as noções didáticas em que se alicerçará a sua formação intelectual, mas também inculcar no espírito da criança os elementos fundamentais do caráter. Só assim a educação se completa, porque criará os valores básicos da personalidade” (LACERDA, 1960, p.196).

Preocupação esta que se centra nos valores morais e na formação da personalidade. Ao identificar as competências-chave do educador, visualiza que ***“a educadora deve ser dotada daquele instinto maternal que tão encantadoramente a distingue entre os que se empregam nos múltiplos misteres humanos. Assinalara alguém, com real propriedade, que o futuro será o que a educação entender que ele seja”*** (LACERDA, 1960, p.196).

JL lembrou o ideal clássico da educação moral, com a formulação do poeta grego Píndaro: “Torna-te o que és”. De acordo com as escolhas pessoais revela-se o ser tal como está chamado a ser. Desde esta perspectiva educativa propõe o ideal de professor, com um texto precioso: ***“Assim como o escultor que liberta da matéria morta as formas invisíveis que nela dormem, ides reproduzir, de certa maneira, esse milagre de criação, modelando a personalidade da criança (...)”*** (LACERDA, 1960, p.196).

Num primor poético, lança a imaginação dos ouvintes ao rumor das vozes caladas do labor diuturno de tantas pessoas que, no silêncio do seu trabalho, fecundam as realidades correntes da vida. O Brasil faz-se, no tecer do trabalho e na transformação da natureza, nas condições mais comuns:

Colemos os nossos ouvidos ao chão da terra generosa. Rangem à distância, no Hinterland, os rústicos carros de bois, como monótona melodia tropical dos sertões; e os tropeiros conduzem as

vagarosas e lentas boiadas pelas estradas poeirentas; e os velhos rios interiores, e solenes, que entoam a canção das águas; e as cachoeiras tombam nos desmaios das quedas com a graça de um bailado festivo no espaço largo dos abismos; e os sinos das capelas ressoam nos povoados e nas vilas, no alto das colinas(...) (LACERDA, 1960, p.197).

JL atuou convicto da fecundidade das obras do espírito que devem governar as técnicas para que resultem no bem do homem, pois a tecnologia está para o homem e não o contrário:

E o Brasil há de comparecer diante dos povos, para que o mundo não seja apenas unificado pela técnica, mas pelo espírito! O espírito cristão dos nossos maiores, que há de vincular a consciência de harmoniosas forças de uma nação que surge das águas e das matas, sob a luz dos trópicos, como exemplo para o mundo” (LACERDA, 1960, p.198).

Sua concepção de educação é análoga à definição: “atividade necessária a todo ser humano para que este venha a se tornar plenamente humano, desenvolvendo suas potencialidades e construindo progressivamente a sua pessoa integral” (LINS, 2007, p. 16). Aplica essa idéia à ação educadora dos professores no aspecto mais profundo como é a educação dos valores morais e, ao empregar a metáfora do escultor comparando a ação do cinzel à libertação das formas da matéria, alude à educação como arte que exige grande habilidade e responsabilidade por parte dos professores (as). A idéia final tem características positivas e alentadoras, sobre a dotação brasileira em relação à interculturalidade, como propôs o MEC: “o Brasil representa uma esperança de superação de fronteiras e de construção da relação de confiança na humanidade. A singularidade que permite essa esperança é dada por sua constituição histórica peculiar no campo cultural” (MEC, 1997, p.20).

QUADRO 13- Aquarelas do Brasil

Unidade	Conceitos
1	<p><i>Sim, porque educar, no amplo sentido da palavra, não é apenas comunicar aos pequeninos discípulos as noções didáticas em que se alicerçará a sua formação intelectual, mas também incutir no espírito da criança os elementos fundamentais do caráter. Só assim a educação se completa, porque criará os valores básicos da personalidade.</i> Nem foi em outro sentido que se estabeleceram os postulados da moderna ciência pedagógica. Para bem exercê-la, não vos faltarão, por certo, os recursos técnicos indispensáveis que vos proporcionaram os estudos ora concluídos, tampouco aquela vocação natural e tão necessária — potencial efetivo que se traduz no amor das criancinhas e no interesse de prepará-las para a vida. Nem outra é a missão da escola, que divide com o lar as graves responsabilidades da formação da criança. <i>Por isso mesmo a educadora deve ser dotada daquele instinto maternal que tão encantadoramente a distingue entre os que se empregam nos múltiplos misteres humanos. Assinalara alguém, com real propriedade, que o futuro será o que a educação entender que ele seja.</i> Não pode haver responsabilidade mais digna de meditação e de temor.</p>

Unidade	Conceitos
2	<p>Ah! O mister delicado de suscitar no âmago do ser as energias com que Deus dotou cada criatura para as grandes realizações da vida. <i>Assim como o escultor que liberta da matéria morta as formas invisíveis que nela dormem, ides reproduzir, de certa maneira, esse milagre de criação, modelando a personalidade da criança</i> segundo os altos padrões morais que recolhestes no convívio com essas santas mulheres que vos assistiram durante tantos anos, e que na terra continuam trabalhando na vinha do Senhor, multiplicando-se em sacrifícios nessa tarefa em que a linguagem do Céu, muitas vezes, não encontra acústica na cidade dos homens. Levais em vossas almas, pois, a augusta flama da fé, que acendeu nos sacrários dos nossos templos as chamas votivas e que iluminou os caminhos da história pela projeção excelsa dos Santos.</p>
3	<p><i>Colemos os nossos ouvidos ao chão da terra generosa. Rangem à distância, no Hinterland, os rústicos carros de bois, como monótona melodia tropical dos sertões; e os tropeiros conduzem as vagarosas e lentas boiadas pelas estradas poeirentas; e os velhos rios interiores, e solenes, que entoam a canção das águas; e as cachoeiras tombam nos desmaios das quedas com a graça de um bailado festivo no espaço largo dos abismos; e os sinos das capelas ressoam nos povoados e nas vilas, no alto das colinas,</i> como a advertirem que, mais alto do que a precária presunção humana, reside o Verbo eterno do Criador de todas as coisas; e a Nação marchando, nas montanhas, nos vales e nas planícies; e o Amazonas, lá longe, esculpindo a fisionomia definitiva da terra, à sombra úmida das florestas milenares; e lá, no extremo Sul, recolhereis os rumores dos ginetes que desafiam os ventos na cavalgada dos pampas.</p>
4	<p>Este é o Brasil! O Brasil dos heróis e dos santos e dos pensadores que estarão presentes como numes tutelares da nacionalidade, vigilantes, a ditar-nos sempre os rumos luminosos dos nossos destinos.</p> <p><i>E o Brasil há de comparecer diante dos povos, para que o mundo não seja apenas unificado pela técnica, mas pelo espírito! O espírito cristão dos nossos maiores, que há de vincular a consciência de harmoniosas forças de uma nação que surge das águas e das matas, sob a luz dos trópicos, como exemplo para o mundo.</i></p>

As quatro unidades-chave indicadas no Quadro 13 permitiram destacar alguns conceitos mais marcantes da fala que propiciaram material para buscar as contribuições de JL para a educação.

5 - Síntese cordial de duas culturas

Pasold (1998, p. 172) relata sobre o evento a que se refere o discurso como tendo ocorrido “em 24 de junho no Palácio do Governo, e à noite, em jantar, no Palácio da Agrônômica, cumprindo compromisso protocolar, recebeu o Embaixador da Alemanha Sr Werner Dankwort, esposa e comitiva.”

JL desenvolveu esta fala sobre a interculturalidade, destacando a influência da cultura alemã na colonização do sul do país, *“pelo inestimável concurso dos filhos, que nos ajudaram, em épocas difíceis, e à custa de sacrifícios penosos e trabalhos ingentes, a levantar os alicerces morais e materiais da Pátria brasileira”* (LACERDA (1960, p.188). Recordando alguns elementos históricos resgatou a memória de grandes desbravadores e colonizadores com a expressão: *“avultam figuras de projeção universal, como o sábio Fritz Müller³⁶, cognominado por Darwin como “Príncipe dos Observadores”, ou um homem do porte do Dr. Hermann Blumenau”³⁷* (LACERDA, 1960, p.189). Estes exemplos destacam o papel dos colonizadores e a influência notória desta cultura em Santa Catarina.

JL referiu-se ao atrativo da paisagem da região, que lembra em muitos aspectos as regiões de origem dos colonizadores, que os fez se radicar nesta terra: *“Na verdade, vivemos numa terra em que não só a paisagem, mas também a gente, lembram as características do velho Mediterrâneo”* (LACERDA, 1960, p.189).

O núcleo conceitual deste discurso se apóia na convicção que JL tem sobre o papel da linguagem e das tradições na formação cultural dos povos. Desenvolveu a tese da interculturalidade como possível roteiro de pesquisas mais aprofundadas:

Por singular coincidência, foi nesta pequena Santa Catarina que vieram conviver duas culturas européias separadas por tão grandes fronteiras: a mediterrânea e a germânica que se encontraram numa terra em que a pluralidade de traços geográficos, ao invés de segregá-las, favoreceu-lhes a comunhão, promovendo a síntese cordial de duas culturas marcadamente diversas nas suas matrizes profundas: a que se nutriu de Sófocles, de Horácio, de Dante, de Cervantes, ou de Camões, e a que nos veio de Kant, de Goethe, de Bach, de Plank. (...) O Brasil, de resto, é isso: reproduz e amplia esse fenômeno não só pelo encontro das mais diversas culturas, como também pelo consórcio das raças que, confluindo do Velho Continente, elaboram, à luz dos trópicos, o perfil original de uma nova Humanidade (LACERDA, 1960, p.189).

Referiu-se à condição propícia para o caldeamento de diferentes povos no Brasil, possibilitando a formação de *“uma nova humanidade”* (LACERDA, 1960, p.190), tornando-se uma matriz fecunda para a concórdia entre os povos. Disto decorre a sua visão

³⁶ Uma figura singular participa deste processo, o alemão, que se fez brasileiro, Dr. Fritz Müller, filósofo (formado aos 22 anos), naturalista e evolucionista, mas sobretudo zoólogo, colaborador e correspondente do inglês Charles Darwin (1809-1882) e do alemão Ernst Haeckel (1834-1919). Vindo em 1852 para a então recém fundada colônia alemã de Blumenau, se transferirá em 1856, quatro anos depois, para a capital da Província, Desterro (Florianópolis desde 1894), como professor de matemática e ciências naturais. A presença deste imigrante permitiu ao meio intelectual de Santa Catarina viver a contemporaneidade da ciência e da filosofia evolucionista dos centros mais avançados da Europa.

<http://www.cfh.ufsc.br/~simposio/Catarinense/FRITZMUL.html> acesso 17.11.2007.

³⁷ No dia 2 de setembro de 1850 chegaram à região do Vale do Itajaí os primeiros 17 colonos alemães, liderados por Hermann Blumenau. Esta é a data oficial, na qual se comemora a fundação da cidade.

<http://www.guiacatarinense.com.br/blumenau/blumenau.htm> acesso em 17.11.2007.

positiva sobre o papel do Brasil no cenário das Nações, pois afirmou: “*aqui se confraternizam* (culturas distintas), *sob as altas inspirações dos ideais de fraternidade e de amor* (LACERDA, 1960, p.190). Propugnou a missão do Brasil na configuração de um mundo mais humano: “*Esse é o mundo com que sonhamos, esse é o mundo que estamos erguendo, e para o qual contamos com a participação fecunda dos descendentes da Pátria de Vossa Excelência, (...)*” (LACERDA, 1960, p.190).

No Quadro 14, com a mesma metodologia indicam-se as unidades conceituais-chave e os destaques conceituais correspondentes em negrito.

QUADRO 14- Síntese cordial de duas culturas

Unidade	Conceitos
1	(...) reconhecimento e a real estima do Governo e do povo catarinense à nobre Nação alemã, <i>pelo inestimável concurso dos filhos, que nos ajudaram, em épocas difíceis, e à custa de sacrifícios penosos e trabalhos ingentes, a levantar os alicerces morais e materiais da Pátria brasileira.</i>
2	Mas também não podemos deixar de testemunhar os nossos sentimentos de alto apreço àquele que representa a Pátria de origem dos bravos imigrantes do século passado, entre os quais <i>avultam figuras de projeção universal, como o sábio Fritz Müller, cognominado por Darwin como “Príncipe dos Observadores”, ou um homem do porte do Dr. Hermann Blumenau</i> , o grande colonizador que fez de sua missão, não uma simples aventura, mas um alto e nobre ideal, esmaltado pelas virtudes da raça e pela tenacidade de autêntico paladino.
3	<i>Na verdade, vivemos numa terra em que não só a paisagem, mas também a gente lembram as características do velho Mediterrâneo.</i> Mas, aqui estamos apenas em face de certo ângulo da geografia física e humana de Santa Catarina. É o litoral marcado pela influência do açorita do século XVIII. Entretanto, se percorrermos o interior encontraremos, igualmente, a reprodução de um daqueles vales típicos da Europa central, banhados pelo Reno ou pelo Danúbio.
4	<i>Por singular coincidência, foi nesta pequena Santa Catarina que vieram conviver duas culturas européias separadas por tão grandes fronteiras: a mediterrânea e a germânica que se encontraram numa terra em que a pluralidade de traços geográficos, ao invés de segregá-las, favoreceu-lhes a comunhão, promovendo a síntese cordial de duas culturas marcadamente diversas nas suas matrizes profundas: a que se nutriu de Sófocles, de Horácio, de Dante, de Cervantes, ou de Camões, e a que nos veio de Kant, de Goethe, de Bach, de Plank.</i>
5	<i>O Brasil, de resto, é isso: reproduz e amplia esse fenômeno não só pelo encontro das mais diversas culturas, como também pelo consórcio das raças que, confluindo do Velho Continente, elaboram, à luz dos trópicos, o perfil original de uma nova Humanidade.</i>
6	São povos que procedem de mundos destroçados pela voragem cíclica das forças implacáveis do destino e <i>aqui se confraternizam, sob as altas inspirações dos ideais de fraternidade e de amor.</i>

Unidade	Conceitos
7	<i>Esse é o mundo com que sonhamos, esse é o mundo que estamos erguendo, e para o qual contamos com a participação fecunda dos descendentes da Pátria de Vossa Excelência</i> , netos de imigrantes, que hoje se orgulham de ser brasileiros, sem desdenhar as tradições herdadas dos seus antepassados,

6 - Brasil e Inglaterra, dois países unidos na defesa dos direitos e das liberdades humanas.

Este discurso foi proferido em março de 1958, “entre os compromissos protocolares, destacando-se que na primeira quinzena de março o Estado de Santa Catarina foi visitado por Sir Geoffrey Wedgewood Harrison. Embaixador da Inglaterra no Brasil” (PASOLD, 1998, p. 194).

JL elogiou o espírito de moderna diplomacia pelo fato dessa visita visar o aprofundamento no conhecimento da cultura brasileira. JL ressaltou a necessidade deste estreitamento de relações, pois

têm ainda o mérito de evitar os juízos apressados, os equívocos, tão freqüentes, sobre homens e coisas do Brasil, partidos muitas vezes de espíritos argutos, mas que não penetraram na intimidade dos nossos problemas ou nas linhas demarcantes da nossa maneira de ser” (LACERDA, 1960, p. 225).

Citou, no corpo da fala, um pensamento que resume um critério básico de qualquer relacionamento intercultural: ***“muito mais do que os indivíduos, os povos gostam de que se lhes apontem os defeitos ou os erros, quando a crítica não lhes sonega o reconhecimento dos seus méritos”*** (LACERDA, 1960, p. 226).

A citação que fez de um autor brasileiro (não identificado) permitiu estimular a necessidade de estreitar os laços de amizade com outras culturas, lembrando seus aspectos positivos, os seus méritos e virtudes, as suas características distintivas, a fim de que o diálogo possa se desenvolver:

(...) o milagre da Inglaterra é o seu constante equilíbrio entre a tradição e a renovação. Ali, por toda a parte, o passado nos acompanha os passos e o futuro nos atrai os olhos — dos austeros monumentos seculares aos risonhos cottages com cheiro de tinta ainda fresca, desde as usinas de poderoso trabalho aos belos parques de jogos infantis — em tudo o estrangeiro respira este maravilhoso dom da vida britânica: a faculdade de imprimir ao que é antigo a frescura de uma alma sempre nova e intrépida, e de dar ao que é realmente novo a aparência de coisas vindas de longe, conservadas pela experiência e pela tradição (LACERDA, 1960, p. 226).

Considerou a atuação diplomática de Sir Geoffrey Wedgwood Harrison como sendo: ***“um lídimo representante do espírito e da cultura inglesa, essa cultura e esse espírito que hoje palpitam nas obras de alguns dos nossos maiores escritores e vivem nas fórmulas jurídicas em que se fundam as instituições democráticas em nosso País”*** (LACERDA, 1960, p. 227). JL, por ser um intelectual e conhecedor da literatura universal, articulou a cultura com o discurso político, como lembra Velloso³⁸ (2007): “canalizou a (sua) intelectualidade para as funções públicas que exerceu para o cargo de deputado. Discursos que na verdade eram discursos de um escritor e para esse trabalho no Suplemento (Letras e Artes)”.

Reforçou alguns pontos comuns entre as duas culturas e suas influências benéficas, centrando-se no que propicia o diálogo:

que tanto inspirou os nossos estadistas do Segundo Reinado, e a colaboração, sob todos os títulos admirável, de um espírito do porte de Lorde Cochrane, na formação de nossa Marinha de Guerra; foi a Inglaterra que nos ajudou a lançar os alicerces da nossa economia, estendendo trilhos pelo Hinterland brasileiro, iluminando as nossas cidades, construindo portos ao longo da nossa Costa” (LACERDA, 1960, p. 227).

Caracterizou a interculturalidade como apoiando-se em aspectos comuns e na construção de um estreitamento das relações:

Ligados por tão profundos vínculos materiais e espirituais, unidos, mais de uma vez, na defesa dos direitos e das liberdades humanas, de que a Grã-Bretanha se tornou líder incontestável nos conselhos internacionais e exemplo inigualável de resistência nos duros anos de guerra” (LACERDA, 1960, p. 227).

O destaque aos direitos humanos inalienáveis traduz a perspectiva democrática e universalista do espírito de JL. No Quadro 15 indicam-se as unidades-chave deste discurso, bem como suas idéias norteadoras destacadas em negrito.

³⁸ Entrevista realizada para esta tese.

QUADRO 15- Brasil e Inglaterra, dois países unidos na defesa dos direitos e das liberdades humanas.

Unidade	Conceitos
1	Tais contatos, sobre permitirem uma visão abrangente da consciência coletiva e das determinantes da nossa vida econômica, <i>têm ainda o mérito de evitar os juízos apressados, os equívocos, tão frequentes, sobre homens e coisas do Brasil, partidos muitas vezes de espíritos argutos, mas que não penetraram na intimidade dos nossos problemas ou nas linhas demarcantes da nossa maneira de ser.</i>
2	Já houve quem dissesse que, <i>“muito mais do que os indivíduos, os povos gostam de que se lhes apontem os defeitos ou os erros, quando a crítica não lhes sonega o reconhecimento dos seus méritos”.</i>
3	Trilhando os novos caminhos da diplomacia, para uma comunhão mais íntima com o povo e as autoridades do País, Vossa Excelência está confirmando aquela observação de ilustre estadista brasileiro, para o qual <i>“o milagre da Inglaterra é o seu constante equilíbrio entre a tradição e a renovação. Ali, por toda a parte, o passado nos acompanha os passos e o futuro nos atrai os olhos — dos austeros monumentos seculares aos risonhos cottages com cheiro de tinta ainda fresca, desde as usinas de poderoso trabalho aos belos parques de jogos infantis — em tudo o estrangeiro respira este maravilhoso dom da vida britânica: a faculdade de imprimir ao que é antigo a frescura de uma alma sempre nova e intrépida, e de dar ao que é realmente novo a aparência de coisas vindas de longe, conservadas pela experiência e pela tradição.”</i>
4	(…) não vemos em Vossa Excelência apenas um dos principais artífices das difíceis negociações sobre Trieste, justamente agraciado com o título de <i>“Knight Commander”</i> da Ordem de São Miguel e São Jorge; mas aqui o temos, também, ao lado de todos esses títulos, que tanto o enobrecem e o exaltam, <i>um lídimo representante do espírito e da cultura inglesa, essa cultura e esse espírito que hoje palpitam nas obras de alguns dos nossos maiores escritores e vivem nas fórmulas jurídicas em que se fundam as instituições democráticas em nosso País.</i>
5	Para mostrar quão profundos e antigos são os laços que nos prendem à pátria de Vossa Excelência, basta dizer que dela não recebemos apenas as sábias lições da sua experiência política, <i>que tanto inspirou os nossos estadistas do Segundo Reinado, e a colaboração, sob todos os títulos admirável, de um espírito do porte de Lorde Cochrane, na formação de nossa Marinha de Guerra; foi a Inglaterra que nos ajudou a lançar os alicerces da nossa economia, estendendo trilhos pelo Hinterland brasileiro, iluminando as nossas cidades, construindo portos ao longo da nossa Costa.</i>
6	<i>Ligados por tão profundos vínculos materiais e espirituais, unidos, mais de uma vez, na defesa dos direitos e das liberdades humanas, de que a Grã-Bretanha se tornou líder incontestável nos conselhos internacionais e exemplo inigualável de resistência nos duros anos de guerra,</i> nada mais justo que rendamos, na pessoa de Vossa Excelência, as nossas homenagens à gloriosa Nação que não poupou “sangue, suor e lágrimas” para livrar o mundo da escravidão totalitária.

4.2.3 Contribuições

4.2.3.1 Perspectiva narrativa

JL fundamentou o existir em um corpo de convicções que vão foram amadurecendo ao longo da vida, as quais permitem, dentro das limitações das narrativas disponíveis, considerar como um todo coerente. Uma manifestação disto é a unidade da dimensão intelectual, política e pessoal, em que a unidade narrativa se dá por meio de um fio condutor que são os valores éticos de tradição moral cristã, que assimilou tanto no âmbito familiar, como especialmente na sua formação no colégio catarinense. Apoiou-se, também, na tradição clássica grega da *paideia*. Convém destacar algo relatado em Pasold (1998) sobre as suas leituras no Colégio Catarinense:

Leu, então, estimulado pelos professores, os principais clássicos, dedicando atenção especial para dois gregos, Platão (nos “Diálogos”, com ênfase para o “III - A República”) e Aristóteles (este no “A Política” e no “A Ética”), e para um romano, Cícero (no “Da República”).

Do romano, a frase que Jorge sublinhou com maior ênfase e dizia sempre que alguém estivesse disposto a ouvir (e Luiz de Souza se dispunha!), com especial dicção e de memória, nos corredores do Catarinense, foi:

“A pátria não nos gerou nem educou sem esperança de recompensa de nossa parte, e só para nossa comodidade e para procurar retiro pacífico para a nossa incúria e lugar tranquilo para o nosso ócio, mas para aproveitar, em sua própria utilidade, as mais numerosas e melhores faculdades das nossas almas, do nosso orgulho, deixando somente o que a ela possa sobrar para nosso uso privado” (PASOLD, 1998, p. 31).

O cultivo da filosofia, especialmente da ética, levou JL durante os anos do ensino colegial a ter uma visão do cultivo das virtudes conforme o modelo grego. As suas leituras foram perfilando o seu pendor pela política. Seus professores visualizavam o desabrochar de uma liderança, é o que Pe. Schrader comentava, na presença de seus colegas:

Tenho percebido que cultivas a tríade da magnífica filosofia que pontificou na antiguidade grega: **etos, patos e logos**. Em **etos** se enfatiza a integridade e a competência que o homem deve ter e demonstrar, com o que adquire a credibilidade perante as pessoas; com **patos** se privilegia o sentimento e, graças ao equilíbrio deste, a empatia - tão essencial à compreensão dos outros; e **logos** dita a lógica do pensamento e da comunicação. Saibas e não esqueças nunca, contudo, que este tripé de vida útil e profícua não se sustenta sem que tenha uma base sólida de valores que privilegiem o homem na sua condição de Ser único e especial da Criação (PASOLD, 1998, p. 33).

Em um discurso de formatura dirigido a educadoras, do qual não foi possível identificar a data, capta-se algumas idéias educativas de JL. Depois de comentar sobre a importância dos estudos no desenvolvimento da sua atividade profissional ele destacou o papel do prolongamento do professor no aluno, assinalando a responsabilidade dos

professores na sua trajetória de vida, pois podem produzir marcas indeléveis na personalidade dos estudantes, tanto positivas como negativas:

Esse prolongamento do professor no aluno vem mostrar quão grave é a responsabilidade do mestre perante essas pequenas criaturas cuja formação lhe foi confiada. Ensinar, não é ensinar para o momento que passa; mas para toda a vida. Filipe, rei da Macedônia, ao participar a Aristóteles o nascimento do seu filho Alexandre, rende graças aos deuses não só por lhe terem dado um filho, mas, sobretudo, por o haverem feito nascer no século de Aristóteles, permitindo-lhe, assim, a sorte de o ter por mestre. E Alexandre, mais tarde, já no fastígio da glória, declarou-se mais devedor ao seu mestre do que a seu pai, porquanto, se este lhe dera a vida, ensinára-o aquele a bem viver (LACERDA, s/d).

Para JL os exemplos de vida são fundamentais na educação, pois considera a adolescência como a idade da imitação (LACERDA, IHSC, s/d). Aplica esta idéia às futuras professoras, colocando-as na condição de modelos e, portanto, com a responsabilidade no desenvolvimento integral dos seus alunos. Os modelos influenciam tanto para bem como para mal, por isso JL lembrou a importância das virtudes pessoais do educador a fim de que represente um modelo adequado. Ainda, no discurso, disse que o adolescente“(…) procura o seu modelo e para isso, escolhe um herói ou uma heroína de verdade ou do cinema! Devemos aproveitar essa tendência natural de mimetismo. Encaminhá-la para o bem, e não para o mal” (*id.*).

Outro aspecto do modo de pensar de JL, que norteia o pensamento sobre educação que se reflete nas suas falas é o do caráter único de cada ser humano, que não pode ser considerado uma máquina, ou um objeto de produção seriada. Proferiu Lacerda (s/d) que: “O mestre deve considerar cada criança como um mundo inteiramente novo. A disciplina, que é boa para determinado aluno, pode ser ineficiente ou nociva para outro”.

Cada pessoa necessita ser formada de acordo com as suas características próprias naturais. Pensa também que a realidade transborda da teoria, isto é, um modelo ou teoria não é capaz de representar ou dar conta de toda a realidade, sempre será limitado. Por esta razão o educador deve saber olhar para a realidade, para uma narrativa de vida com as suas peculiaridades e adequar o método a tal realidade.

JL resume esta idéia da seguinte maneira:

E, por falar em método, não pensem as futuras professoras que me refiro a receitas pedagógicas previamente preparadas, para serem aplicadas na hora. Esses casos que fogem à regra também transbordam dos métodos. E é aí que deve entrar o mestre com a sua habilidade pessoal, com a sua argúcia psicológica, com a sua benignidade, com todos esses instrumentos de precisão de inteligência e amor, para melhor compreender esses pequeninos seres humanos nas suas diversidades, nos seus modos de ser, nos seus pendores naturais. “Antes de tudo, a pessoa é um caráter, é um temperamento, é uma unidade irreduzível a outras unidades – diz um grande mestre da moderna pedagogia. Esse elemento

temperamental faz com que não existam dois adolescentes perfeitamente iguais. Estamos sempre em face de unidades irreduzíveis. Cada pessoa é um fato novo. E tem de ser tratada como tal. Essa é a primeira condição para conhecer, para lidar, para educar, para compreender e agir sobre o adolescente, sobre o filho ou sobre o aluno (LACERDA, IHSC, s/d).

Este discurso permite discernir a visão educativa, sob o aspecto da profunda dignidade da pessoa humana e o seu caráter único; levando a ação educativa ter em conta as peculiaridades do ser humano. Define muito bem o aspecto artesanal a que se deve ater o educador para evitar a rigidez em um método pedagógico específico. A idéia da realidade ou natureza, que transborda do conceito, refere-se ao método, que não pode espartilhar a realidade. Esta idéia está presente no discurso na OAB em SC, na qual manifesta a visão humanista da justiça fundamentada no direito natural; de forma análoga diz JL aos advogados que: “a vida transborda do conceito. (...) A norma, com efeito, não poderá estrangular a vida, antes deverá afeiçoar-se a esta, para que não se cristalize nos formalismos estéreis” (LACERDA, 1960, p.168).

4.2.3.2 Conceitos replicáveis

Nos seus discursos relativos à Companhia de Jesus, JL realçou o papel formador dos jesuítas na cultura brasileira e apresentou um quadro instigante para os pesquisadores da área educativa sobre a formação nos colégios de orientação jesuítica. Exemplificou sua fala com testemunhos históricos sobre os aspectos positivos da influência educativa do colégio catarinense na preparação de pessoas para todo o Estado. Por outro lado, o fato de provir de uma família de imigrantes de poucas posses e poder estudar neste colégio era uma aspiração grande e exigiu da sua família um grande sacrifício para a continuidade dos estudos. O acesso à educação para as camadas mais pobres da população era muito limitado e por este motivo JL estimulou durante toda a sua trajetória política a educação pública e o acesso das pessoas mais pobres aos bens da cultura.

De acordo com Piazza (1993), JL ao assumir o executivo catarinense, impulsionou de forma vigorosa o ensino básico, e ao mesmo tempo promoveu o aumento do programa de bolsas de estudo a fim de dar acesso escolar a muitos estudantes carentes. JL empregou sistematicamente a expressão “valores do espírito” ou “valores que modelam o destino dos indivíduos e dos povos” como uma maneira de instigar os seus ouvintes para a transcendência da vida do ser humano. Tinha uma postura universalista e prezava valores como o direito à vida, à liberdade, à informação verídica, ao respeito e à não discriminação.

Advogou a formação do caráter, pois tinha a convicção de que o desenvolvimento das virtudes é condição para a realização e felicidade pessoais. JL afirmou que:

educar, no amplo sentido da palavra, não é apenas comunicar aos pequeninos discípulos as noções didáticas em que se alicerçará a sua formação intelectual, mas também inculcar no espírito da criança os elementos fundamentais do caráter. Só assim a educação se completa, porque criará os valores básicos da personalidade (LACERDA, s/d).

A abordagem fundamentalmente apóia-se no desenvolvimento das virtudes clássicas como são as da prudência, justiça, fortaleza e temperança, tal como desenvolvidas na *Ética a Nicômaco* e na *Ética a Eudêmio* de Aristóteles a. C. (1941). Proporcionando aplicações nos meios educativos como os trabalhos de Pieper (1980), no que se refere à educação das virtudes, Lickona (1991), sobre a educação do caráter e Garcia Hoz (1987) sobre a educação fundamentada na obra bem feita.

O discurso sob o título “Reconstruir o Homem no Sentido de Espírito” (LACERDA, 1960, p.191) gira em torno do conceito de homem, não apenas como um ser social, sobretudo como um ser dotado de natureza corpóreo-espiritual. Esta condição exige os cuidados de uma formação integral, não puramente pragmática ou para o êxito profissional, mas para o bem viver como JL assume:

Ensinar, não é ensinar para o momento que passa; mas para toda a vida. Filipe, rei da Macedônia, ao participar a Aristóteles o nascimento do seu filho Alexandre, rende graças aos deuses não só por lhe terem dado um filho, mas, sobretudo, por o haverem feito nascer no século de Aristóteles, permitindo-lhe, assim, a sorte de o ter por mestre. E Alexandre, mais tarde, já no fastígio da glória, declarou-se mais devedor ao seu mestre do que a seu pai, porquanto, se este lhe dera a vida, ensinára-o aquele a bem viver (LACERDA, IHSC, s/d).

JL, ao prognosticar “que o futuro será o que a educação entender que ele seja”, estimulou a concretização de políticas públicas que favoreçam a promoção da educação da cultura humanística em todos os níveis. Logicamente é necessário aliar os aspectos técnicos, mas sem perder de vista a finalidade da educação que, de acordo com Naval (1995), é educar para a vida e isto exige a educação das virtudes. As dimensões do *Ethos*, *Pathos* e *Logos* eram os aspectos da educação clássica grega, visavam a educação do caráter, dos sentimentos e emoções e da inteligência. A harmonia das três dimensões permite uma proposta de educação moral para a sociedade multicultural atual.

Para JL a condição necessária para a democracia é o desenvolvimento da liberdade pessoal e coletiva. No entanto, a liberdade se abre à atuação concreta e não apenas no âmbito hipotético. É uma liberdade para ser empregada no desenvolvimento pessoal e

coletivo; no entanto, cabe a possibilidade de maus empregos da liberdade, com a conseqüente perda da *eudemonia*³⁹. As limitações da liberdade podem ser encaradas como regras de conduta para não ferir a liberdade dos outros ou como um bem intrínseco do homem. A prática da virtude, de acordo com a proposta aristotélica, é o que leva à felicidade do homem. Para que haja virtude a liberdade deve se completar com a responsabilidade individual e social. Liberdade e responsabilidade constituem duas qualidades que se requerem mutuamente. JL costumava destacar, como lema político, a expressão: “um governo que prezou a Justiça e defendeu a Liberdade” (LACERDA, 1960, p.169). Prezar significa ter grande apreço, considerar ou estimar, e estes significados aplicados à justiça, entendida como o dar a cada um o que é devido, corresponde à virtude da responsabilidade tanto individual como coletiva.

O outro elemento é a defesa da liberdade; sem o uso da liberdade não há ação virtuosa. Defender a liberdade é uma tarefa permanente, para que possa, no processo educativo, haver motivações de caráter interior e adesão pessoal ao que se escolhe. O característico da virtude é a ação livre em busca do bem. Na concepção de JL destacam-se entre as virtudes individuais e sociais, o respeito e a responsabilidade. Aplicando à concepção de ser humano como ser político, a democracia se sustenta através da participação respeitosa e responsável dos cidadãos na construção de uma sociedade justa. Seria uma contradição pretender a democracia sem o exercício da liberdade com responsabilidade.

JL destaca o que Gilberto Amado já havia escrito: o Brasil como sendo “a primeira grande experiência que faz na história moderna a espécie humana, para criar um grande país independente, dirigindo-se por si mesmo, debaixo dos trópicos” (FREYRE, 1964, p. 131). Com esta perspectiva e de acordo com a sua percepção, pensa que

o Brasil há de comparecer diante dos povos, para que o mundo não seja apenas unificado pela técnica, mas pelo espírito! O espírito cristão dos nossos maiores, que há de vincular a consciência de harmoniosas forças de uma nação que surge das águas e das matas, sob a luz dos trópicos, como exemplo para o mundo” (LACERDA, 1960, p.198).

As condições naturais para o diálogo intercultural ocorrem devido ao matrimônio de culturas, gerando, por sua vez, as condições para o enriquecimento do homem na sua humanidade, através da fraternidade e da cooperação.

No Brasil confluíram culturas de diversas etnias e cada uma delas com tradições distintas, JL observa que o fator possibilitador da interculturalidade foi a

³⁹ De acordo com Aristóteles a *eudemonia* é a ‘vida feliz’ proveniente da prática das virtudes.

convivência e o diálogo entre estas etnias, que “favoreceu-lhes a comunhão, promovendo a síntese cordial de duas culturas marcadamente diversas nas suas matrizes profundas: a que se nutriu de Sófocles, de Horácio, de Dante, de Cervantes, ou de Camões, e a que nos veio de Kant, de Goethe, de Bach, de Plank” (LACERDA, 1960, p.189).

A convivência das diferentes culturas, sobretudo pelos vínculos familiares, originou um novo ser-em-sociedade cuja experiência foi ímpar: “O Brasil, de resto, é isso: reproduz e amplia esse fenômeno, não só pelo encontro das mais diversas culturas, como também pelo consórcio das raças que, confluindo do Velho Continente, elaboram, à luz dos trópicos, o perfil original de uma nova Humanidade” (LACERDA, 1960, p.190). JL, em sua concepção intercultural, é bastante positivo e tende à classificação das abordagens da educação intercultural a que se refere o item 4.2, sobre o modelo hermenêutico, cujo objetivo é o de compreender e valorizar as diferenças e buscar o enriquecimento cultural mútuo.

JL propõe, na interação de culturas distintas, o cuidado em

evitar os juízos apressados, os equívocos, tão freqüentes, sobre homens e coisas do Brasil, partidos muitas vezes de espíritos argutos, mas que não penetraram na intimidade dos nossos problemas ou nas linhas demarcantes da nossa maneira de ser” (LACERDA, 1960, p.226).

Outro princípio orientador marca o respeito às outras culturas, destacando os seus aspectos positivos: *“muito mais do que os indivíduos, os povos gostam de que se lhes apontem os defeitos ou os erros, quando a crítica não lhes sonega o reconhecimento dos seus méritos”* (LACERDA, 1960, p.226).

4.2.3.3 Diretrizes

As diretrizes a seguir indicadas foram obtidas a partir da análise do item anterior em que se adotou a forma de orientações;

- Formação humanística através das disciplinas clássicas. Ensino de filosofia especialmente por meios das leituras dos clássicos;
- Papel crucial do ensino de filosofia na universidade;
- Desenvolvimento dos valores do espírito, de forma particular o cultivo do caráter, através das virtudes democráticas do respeito e da responsabilidade;
- Construção de uma civilização a partir de um projeto educativo dando prioridade aos valores do espírito sobre os da técnica;

- Ensino tendo em conta os valores universais, e a condição transcendente da pessoa humana, não subordinando a pessoa a fins utilitários;
- Educação que tenha em conta as peculiaridades de cada ser humano desenvolvendo-se harmonicamente nas dimensões do *Ethos, Pathos e Logos*;
- “Assim como o escultor que liberta da matéria morta as formas invisíveis que nela dormem, ides reproduzir, de certa maneira, esse milagre de criação, modelando a personalidade da criança (...)” Lacerda (s/d).
- Difusão dos valores universais da convivência e cooperação, fruto da interação cultural gerada no Brasil.
- Aprofundamento nas raízes culturais originárias das diversas etnias visando fomentar o diálogo e a convivência;
- Valorização da pluralidade de costumes fundados numa base universalista e democrática.

4.3 UNIVERSIDADE

Nesta categoria, para se proceder às análises, ter-se-á como idéias subjacentes algumas das concepções mais influentes de JL sobre a missão da universidade, pois todos os discursos deste eixo temático apresentam contribuições para a missão da universidade.

Wilhelm Von Humboldt iniciou a Universidade de Berlin em 1808 e foi um dos precursores mais influentes da concepção da universidade tal como ela é atualmente. Como esclarece Rocha (1997), na concepção de Humboldt cabia à universidade a missão de enriquecimento da cultura moral da nação, da formação da personalidade e do espírito dos estudantes para o fortalecimento da noção de Estado-Nação. Hoje, apesar do conceito de Estado-Nação ter perdido força, na avaliação de Casper (1997) é o melhor momento para se refletir sobre as “formulações humboldtianas com olhos livres”. As contribuições do filólogo alemão são esclarecedoras para uma discussão sobre a missão da universidade no mundo atual, sendo encontradas no texto: “Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim” (HUMBOLDT, 1997).

Gerhard Casper, reitor da Universidade de Stanford, analisa as contribuições de Humboldt no ensaio: *Um Mundo sem Universidades?* (CASPER, 1997, p. 35) e divide as formulações de Humboldt em oito categorias: 1) Unidade entre Pesquisa e Ensino; 2) A Autonomia da Ciência; 3) Autonomia em Relação à Dispersão; 4) Interdisciplinaridade; 5) A

Universidade e a Formação Profissional; 6) A Massificação da Universidade; 7) Autonomia Administrativa e 8) A Universidade como Lugar.

A proposta de modelo universitário do filósofo espanhol Ortega y Gasset (1999) distancia-se do vigente na Espanha na sua época, inspirada na Universidade de Salamanca, que por sua vez seguia o da Universidade de Bolonha, dirigida para a formação das profissões de direito, medicina e engenharia. Afasta-se também do modelo humboldtiano que conhecia de perto, por ter estudado na Universidade de Berlim, que dava prioridade à pesquisa. Ortega y Gasset não propõe uma simbiose entre os dois modelos, mas outro modelo de universidade capaz de dar resposta aos problemas da massificação de comportamentos, propondo a formação da cultura geral do estudante. A crítica de Ortega y Gasset ao modelo universitário refere-se à formação excessivamente especializada das profissões, com a consequente perda da visão geral necessária ao intelectual para que possa influenciar a sociedade pela cultura.

Ortega y Gasset vê o intelectual como quem pertence a uma cidade, possuindo responsabilidade social, e pensa que somente uma formação cultural ampla pode proporcionar a abertura da mente ao todo. A formação do aluno, em termos de cultura, tal como propunha, não é o que hoje se intitula de “estudos culturais” e tampouco entendia como sendo simplesmente conservar a cultura clássica. Para ele, a formação cultural correspondia, sobretudo, em “passar uma visão completa das idéias da época e, sobretudo, do sistema vital que as integra” (ORTEGA Y GASSET 1999, p.25). Na quinta conferência na Universidade de Madrid explicou o seu conceito de cultura:

Cultura é o sistema de idéias vivas que cada época possui. Ou melhor, o sistema de idéias a partir das quais o tempo transcorre. Porque não há jeito nem evasão possível: o homem vive sempre a partir de algumas idéias determinadas, que constituem o chão onde apóia a sua existência. Essas, que eu chamo de “idéias vivas ou de que se vive”, são, nem mais nem menos, o repertório de nossas efetivas convicções sobre o que é o mundo e o que são nossos semelhantes, sobre a hierarquia de valores que as coisas e as ações têm: ora mais valiosas, ora menos (ORTEGA Y GASSET, 1999, p.99).

Ortega y Gasset propunha que houvesse na universidade uma Faculdade da Cultura, “como eixo central da universidade moderna, cujas prioridades se refletiriam nas diferentes áreas específicas e na formação tanto do cientista pesquisador quanto do profissional” (ORTEGA Y GASSET 1999, p.25). O filósofo espanhol propõe um modelo de universidade que visa “formar uma pessoa culta, autônoma, que se media e se sobrepunha ao seu tempo, podendo impulsionar criativamente o destino político do país”. Apresenta o universitário com uma responsabilidade de caráter social especial, de modo que a sua

formação seja uma força renovadora espiritual da sociedade: “Contrapondo-se ao poder da imprensa, à frivolidade, estupidez e autoritarismo, assumindo a missão de elevar e enobrecer o destino do mundo civilizado” (ORTEGA Y GASSET 1999, p.25).

Ortega y Gasset (1999) descreve a cultura como:

(...) o sistema vital de idéias em cada época. Importa muito pouco que essas idéias ou convicções não sejam, nem em parte, nem totalmente, científicas. Cultura não é ciência. É traço de nossa cultura atual que grande parcela de seu conteúdo proceda da ciência; mas em outras culturas não foi assim, nem está escrito que na nossa o seja sempre na mesma medida de agora (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 63).

O ensino universitário na perspectiva de Ortega y Gasset (1999) tem três funções integradas: 1) transmissão da cultura; 2) o ensino das profissões e 3) a pesquisa científica e formação de novos homens de ciência. Aplica analogamente o conceito de escassez da economia, que trata da otimização dos recursos escassos para atender às necessidades humanas. Na analogia, o recurso escasso é a capacidade de aprendizagem dos estudantes e os conhecimentos das diversas profissões aumentam progressivamente, não havendo currículo que dê conta de tudo o que se deve saber. Portanto, é necessária uma escolha adequada do que aprender. “A escassez, a limitação na capacidade de aprender, é o princípio da instrução. É preciso preocupar-se em ensinar exatamente na medida em que não se pode aprender” (ORTEGA Y GASSET 1999, p.80). Por isso conclui:

O princípio de economia não sugere apenas que é necessário economizar, poupar nas matérias ensinadas, mas sim que implica também o seguinte: *na organização do ensino superior, na construção da Universidade, urge partir do estudante, não do saber, nem do professor. A Universidade tem de ser a projeção institucional do estudante*, cujas duas dimensões essenciais são: uma, o que ele é – escassez de sua faculdade aquisitiva de saber - ; outra, o que ele precisa saber para viver (ORTEGA Y GASSET, 1999, p.84).

Ter-se-á em conta também algumas tendências como a de Antonio Celso Alves Pereira⁴⁰ integrante da delegação brasileira que participou da Conferência Mundial sobre Educação Superior, realizada em Paris em outubro de 1998. Em seu discurso esclarece que dentro da universidade não cabe a oposição entre a formação técnica e a aquisição do conhecimento desinteressado. Na sua avaliação, a universidade deve ser “capaz de formar seus alunos no rigor da técnica, na compreensão da cidadania e no compromisso com a qualidade de vida da população” (PEREIRA, 1999, p. 17-18). Também destaca, em sua fala, “que o futuro de nosso país, de nossos filhos e das gerações vindouras, se forja a partir de

agora”, defendendo a posição de que é “preciso uma opção clara e nítida pela Universidade pública e de qualidade” (PEREIRA, 1999, p. 18).

Frederico Mayor (1999)⁴¹, no discurso de abertura da referida Conferência Mundial destaca que a universidade cumpre a sua missão ao “formar os cidadãos do mundo de amanhã, cidadãos autônomos, críticos, polivalentes, criativos, capazes, em uma palavra, de discernir os múltiplos desafios que o século XXI certamente trará. Dotar a todos de meios para formar tais cidadãos: eis a missão dessa conferência” (MAYOR, 1999, p. 24).

Em outra fala, Eduardo Portella, então presidente da Biblioteca Nacional, sugeriu que a universidade tem o compromisso com a reinscrição do homem na cidade e destaca:

O impasse relacional, a fragilidade cidadã, cresceram, na escola, na família, na representação política, no espaço público enfim, porque as esferas da subjetividade e da objetividade se desgarraram uma da outra, sem a menor complacência, o menor pudor ou o mais mínimo arrependimento. Isto quer dizer que o trabalho de reconstrução histórica, inclusive do próprio trabalho; o novo perfil do desenvolvimento (...) A terceira universidade moderna, necessariamente cidadã, ancorada, se não no coração, nos pulmões poluídos da cidade de urgência, tem diante de si o desafio ecumênico: o reconciliar o homem com a urbes e com a natureza (PORTELLA, 1999, p. 51-52).

O documento final intitulado “Declaração mundial sobre educação superior no século XXI: visão e ação” descreve as missões e funções da educação superior. Destacam-se como elementos para análise deste eixo temático os artigos: I – Missão de educar, capacitar e desenvolver pesquisas; II - Papel ético, autonomia, responsabilidade e prevenção; III – Igualdade de acesso e artigo X- Profissionais de educação superior e estudantes como protagonistas.

4.3.1 Visão geral

Serão estudados nesta categoria alguns discursos que valorizam o papel da universidade no desenvolvimento social e como marco para a inteligência e a cultura. Estes textos são importantes para se inferir o papel de JL na promoção do ensino superior em SC.

QUADRO 16- Discursos relativos à universidade

	Ref.	Tema	data
1	CD	Primeiro centenário de Orville Derby	23.07.1951
2	CD	Concurso do Colégio Pedro II por Euryalo Cannabrava	16.09.1952

⁴⁰ Reitor da Universidade do Rio de Janeiro, Presidente do Fórum de Reitores das Universidades do estado do Rio de Janeiro, vice-presidente do conselho de reitores das universidades brasileiras

⁴¹ Diretor geral das Organizações das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura.

	Ref.	Tema	data
3	DN	Fundação da Universidade de Santa Catarina	15.12.1954
4	⁴²	Início da execução do plano da Cidade Universitária	31.01.1957
5	DN	Lição de Liberdade e de Harmonia (II Congresso Estadual de Medicina)	25.04.1957
6	CD	Festa das Flores em Joinville: Faculdade de Engenharia de Joinville	Gov. SC

Os discursos do Quadro 16 contêm os conceitos chave para a interpretação do pensamento de JL no que se refere à universidade. O discurso mais antigo na CD Câmara dos Deputados, pelo primeiro centenário de Orville Derby (1951), permite, já desde o seu primeiro mandato como deputado federal, perceber a sua preocupação com o desenvolvimento científico brasileiro e o papel da pesquisa na universidade. Conscientiza seus pares na câmara para a responsabilidade governamental em subsidiar as publicações de verdadeiro valor para o progresso da ciência que redundam em bem da ou para a sociedade.

O discurso da cátedra do Colégio D. Pedro II é motivo para salientar o papel da pesquisa especulativa no campo da filosofia. Destaca as contribuições do intelectual Euryalo Cannabrava, de notório saber, como referência para a produção científica nacional. Os discursos da “Fundação da Universidade de Santa Catarina”, do “Início da execução do plano da Cidade Universitária”, o intitulado como “Lição de Liberdade e de Harmonia” realizado no II Congresso Estadual de Medicina e o da “Festa das Flores em Joinville” referindo-se à Faculdade de Engenharia de Joinville são marcos-chave para delinear o pensamento de JL sobre a missão da universidade na sociedade.

4.3.2 Análise dos discursos

1 - Primeiro centenário de Orville Derby

Orville Derby é considerado na atualidade o pai da geologia. Em 23 de julho de 2001, na sede da Academia Brasileira de Ciências, comemorou-se o sesquicentenário do

⁴² Encontra-se em Fontes (1963).

nascimento de Orville Adelbert Derby (1851-1915), destacando os numerosos préstimos realizados pela ciência no Brasil, de acordo com Tosatto (2001):

O importante legado que Derby deixou no Brasil é evidenciado e reconhecido, não só pelos importantes estudos geológicos e paleontológicos que ele aqui realizou desde sua juventude, cerca de 173 trabalhos, mas também pela valiosa contribuição que ele prestou na organização e construção de importantes entidades de técnico-científicas brasileiras (TOSATTO, 2001, S/P).⁴³

No discurso de JL, destacam-se as atividades e produções científicas do notável geólogo americano, naturalizado brasileiro, cuja vida foi inteiramente dedicada à geologia do Brasil. Em 29.04.1951 em Letras e Artes (LA), há uma notícia que permite contextualizar esta fala e seu objetivo:

A Comissão de Educação e Cultura, em dia da semana finda, manifestou sua solidariedade à iniciativa das comemorações do centenário de nascimento do geólogo brasileiro Orville Derby. A idéia foi levada àquele órgão técnico da Câmara pelo escritor Augusto Meyer⁴⁴. (...) O Deputado Jorge Lacerda, pedindo a palavra, congratulou-se com o escritor Augusto Meyer, pela iniciativa, fazendo ao mesmo tempo o elogio do serviço que o Instituto Nacional do Livro tem prestado à cultura brasileira LA (1951. p.11).

QUADRO 17- Primeiro centenário de Orville Derby

Unidade	Conceitos
1	Havia em Derby o idealismo dos grandes investigadores, e a flama que o animava, de bem servir o Brasil. <i>E tal era nele, o sentimento de amor à nossa Pátria, que não quis morrer sem antes naturalizar-se brasileiro, como que buscando a ratificação de um título que já lhe estava assegurado, tão significativos haviam sido os seus serviços prestados em uma terra.....</i>
2	É oportuno assinalar que esta casa não se esqueceu de reverenciar a memória de Orville Derby da forma que se nos afigurou o mais justa e a mais expressiva: <i>a Comissão de Educação e Cultura, faz algumas semanas, deliberou, unanimemente, recomendar aos nobres pares, através de lei, de que fui obscuro relator, a edição de suas obras completas.</i>
3	Do alto espírito de Orville Derby, recolherão as gerações uma lição dignificante e comovedora. <i>Porque em todo seu esforço de investigação de pesquisa e de estudo, se evidenciava, igualmente a preocupação, bem viva, de acelerar as etapas do desenvolvimento nacional.</i> Através desse levantamento mais exato das nossas realidades, estava Derby, sem dúvida, colaborando para imprimir um sentido econômico à evolução brasileira.

O Quadro 17 referente ao discurso por ocasião do primeiro centenário de Orville Derby contém três unidades conceituais em que se destacam as idéias que norteiam a

⁴³ Corresponde a informativo que consta do sítio do CPRM - Serviço Geológico do Brasil:

<http://www.cprm.gov.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=528&sid=8>

⁴⁴ Também colaborador de LA.

sua fala. Que visava a conscientização dos outros deputados federais para o valor das deliberações da Comissão de Educação e Cultura de que fazia parte.

“ E tal era nele, o sentimento de amor à nossa Pátria, que não quis morrer sem antes naturalizar-se brasileiro, como que buscando a ratificação de um título que já lhe estava assegurado, tão significativos haviam sido os seus serviços prestados em uma terra (...)” (LACERDA. 1951, p. 5559). É possível verificar que JL quer destacar o sentido de amor à pátria, de alguém de outra naturalidade, que assume a vida do país e o ama de forma cabal, com sentido de patriotismo. Evidencia a preocupação da Comissão de Educação e Cultura em difundir as obras de relevo e que de fato hoje se configuram em riqueza do nosso conhecimento. Fica patente o verdadeiro sentido da pesquisa científica, que era muito rudimentar no país, e a importância da universidade na construção e na difusão do conhecimento, tendo em conta as necessidades de caráter social. O próprio Derby (1883), em artigo publicado na revista *Science*, relata:

Os últimos dez ou quinze anos testemunharam um acentuado despertar do Brasil para a importância da pesquisa científica e a inauguração do que pode ser chamado com justiça de um novo movimento, do qual - pelo que sabemos - nenhuma divulgação foi até agora feita para o mundo exterior; enquanto os próprios brasileiros, em sua maioria, talvez ainda desconheçam a importância e a promessa da atividade científica desenvolvida em seu meio por um pequeno grupo de trabalhadores dedicados. [...] Os brasileiros, com poucas e honrosas exceções, se satisfazem em receber de segunda mão os conhecimentos da história natural de seu próprio país, e raramente se empenham por conta própria em suplementar e corrigir o trabalho dos naturalistas estrangeiros, em grande parte necessariamente incompleto e incorreto. O governo, até recentemente, também não assegurou ajuda bem dirigida e regular para as investigações científicas; embora tenha mantido por muitos anos, com despesa considerável, departamentos científicos em todas as instituições superiores do saber e em estabelecimentos como o Observatório Nacional e o Museu Nacional [...] Devido à má organização ou apoio insuficiente, os resultados científicos de todos esses esforços foram, contudo, de pouco valor. [...] Por longo período, o que passava por ciência no Brasil era caracterizado por uma quase total ausência de investigação; e embora houvesse muitos nomes com uma reputação local e mesmo nacional como professores ou escritores de assuntos científicos, era difícil encontrar qualquer contribuição sólida tanto no campo das ciências físicas como no das ciências naturais. Hoje ainda há muitas reputações que não têm como base um trabalho original de mérito (DERBY, 1883, p.214-221).

O discurso evidencia o caráter de incentivo ao ideal de pesquisa como contribuição à nação e a exemplaridade deste pesquisador que hoje é considerado o “Pai da Geologia Brasileira”.

2 - Cátedra de Filosofia no Colégio Pedro II conseguida por Euryalo Cannabrava

Euryalo Cannabrava (1908 – 1981) foi um filósofo brasileiro, natural de Cataguases-MG. Em 1952, defendeu sua tese para o concurso da cátedra de filosofia no Colégio Dom Pedro II no Rio de Janeiro. JL empregou a expressão de que o referido

intelectual não era “*um inquilino eventual do território da filosofia*” (LACERDA, 1951, p. 9578). As pesquisas o levaram a ser reconhecido internacionalmente através das suas publicações. Independentemente de sua linha ideológica e questões de interesse, promoveu o desenvolvimento da pesquisa nesta área do conhecimento.

Ainda este discurso trata dos problemas da Inteligência no Brasil, em que o destaca como exemplo ímpar: “*diante da nossa reconhecida penúria no campo especulativo, consola-nos a presença entre nós de figuras como a de Cannabrava*” (LACERDA, 1951, p. 9578).

Destaca-se o valor histórico deste discurso pelo seu caráter de impulso à produção intelectual e pelos apartes de outros deputados na seção da Câmara de 16.09.1951, como, por exemplo, os comentários de Afonso Arinos de Melo Franco:

Todos aqueles que se interessam pelos estudos de psicologia, da lógica e da filosofia em nosso país terão tido sob sua respeitosa atenção o nome deste grande intelectual mineiro que acaba, com honra para o Colégio Pedro II, de ganhar as provas do concurso realizado (FRANCO, 1951, p. 9578).

Carvalho Neto, outro parlamentar, faz comentários do mesmo teor sobre as qualidades do filósofo e de suas contribuições para a cultura: “que acaba de demonstrar os seus vastos e altos conhecimentos de filosofia, no concurso que, com tanta cultura realizou, há pouco nesta Capital” (CARVALHO NETO, 1951, p. 9578). O objetivo deste ato de fala é a valorização do capital intelectual e estímulo a seus pares à consciência da necessidade de se promover a inteligência e a cultura no Brasil

Também convém deixar transcrito um testemunho de Euryalo Cannabrava sobre a personalidade de JL, publicado no Jornal O Globo e reproduzido na Revista Litoral (1958):

Lembro-me bem de que, em um dos nossos últimos encontros, Lacerda deixou os políticos e amigos no amplo salão de um apartamento, refugiando-se comigo em um canto da sala. Tinha a curiosidade em saber quais as conclusões do meu ensaio sobre estética e arquitetura, crivando-me de perguntas acerca dos problemas que ainda não conseguira esclarecer de forma satisfatória. Fiquei embaraçado com os seus comentários, mas compreendi que as artes plásticas representavam para esse homem preocupação dominante e que seu temperamento era muito mais de um esteta do que de um político (REVISTA LITORAL, 1958, p. 70).

JL era muito ativo nas comissões do Ministério da Educação e sua presença é manifestada pela participação em eventos de importância para a educação. Na pesquisa documental referida em 3.4.2 e nos discursos constata-se a sua identificação com a promoção

da ciência, da cultura, da arte, através do incentivo às publicações, prêmios para artistas, escritores e cientistas.

3 - Fundação da Universidade de Santa Catarina

Este discurso ocorre como uma comunicação para que conste dos anais da Câmara dos Deputados devido à sanção da Lei 1179 de 26.11.1954, por parte do governador em exercício Irineu Bornhausen, que determina providências para a localização da futura universidade de Santa Catarina. O discurso encerra algumas teses sobre a missão da universidade na sociedade, podendo-se destacar as idéias-chave no seguinte quadro:

QUADRO 18- Fundação da Universidade de Santa Catarina

Unidade	Conceitos
1	O destino das nações, o seu desenvolvimento técnico e cultural é de certo modo configurado pelo poder criador de seus centros universitários, <i>que difundem e enriquecem a cultura, estimulam a investigação científica e organizam o sistema das idéias vivas dos nossos tempos.</i>
2	<i>Nem se diga que o Brasil dispensa a instalação de novas Universidades.</i> A Suíça, com menos de 5 milhões de habitantes, apresenta 7 Universidades. A Bélgica, com 8 milhões e 500 mil habitantes, 5. A Itália, com 46 milhões de habitantes, 26. A Espanha, com menos de 30 milhões de habitantes, 12. A França, com 41 milhões de habitantes, 16. Portugal, com pouco mais de 8 milhões de habitantes, 4. A Inglaterra, com 47 milhões de habitantes, 18. A Rússia, com cerca de 200 milhões de habitantes, 29. Os Estados Unidos, com 180 milhões de habitantes, 163 Universidades.
3	O Brasil, que conta com 13 Universidades, 7 das quais particulares reconhecidas e equiparadas, e 6 federalizadas, comporta, com seus 50 milhões de habitantes, novos núcleos universitários.
4	As primeiras providências tomadas pelo governo catarinense para localização da futura Universidade de Santa Catarina, devem ser anunciadas — <i>nesta hora tão impregnada de utilitarismo, em que são desdenhados os valores do espírito — como auspicioso marco no território da inteligência e da cultura.</i>

No Quadro 18 indicam-se quatro unidades de conceito mais significativas do conteúdo do discurso em que se destaca em negrito os argumentos que fundamentam a promoção da Universidade de Santa Catarina.

A necessidade da universidade para a promoção da cultura e da inteligência é algo que faz parte do núcleo da mensagem de JL. Depois da introdução do discurso, em que se refere à sanção da Lei, enuncia o princípio da necessidade vital da universidade para enriquecer a cultura da sociedade, o estímulo à pesquisa e à organização do sistema vivo de

idéias, de acordo com a concepção de missão da universidade como defendia Ortega y Gasset (1999, p. 63).

A argumentação se fundamenta em um comparativo entre população e o número total de universidades dos diversos países. Constitui um argumento irretorquível para a implantação de novas universidades no Brasil, o que ocorre especialmente em SC, pois ainda não contava com a sua universidade. O desfecho do discurso reforça a contribuição para a formação universitária de caráter universalista e humanístico. Argumenta contrariamente à tendência ao tecnicismo, reforçando as iniciativas em SC que “*devem ser anunciadas — nesta hora tão impregnada de utilitarismo, em que são desdenhados os valores do espírito — como auspicioso marco no território da inteligência e da cultura*” (LACERDA, 1960, p. 107).

JL, em sua concepção de universidade, aponta para a dimensão de instrumentalidade da técnica aos bens do espírito. No contexto geral dos discursos realizados por JL, é a virtude que está em foco neste apelo aos valores éticos. Compartilha a concepção de cultura de Ortega y Gasset como o sistema de idéias vivas que influenciam a sociedade e nesta concepção, os intelectuais têm um papel de ajuda para a promoção do bem humano e social.

4 - Início da execução do plano da Cidade Universitária

Encontra-se referência a este discurso em matéria do Diário Oficial do Estado de Santa Catarina:

Assim, nas comemorações do primeiro aniversário de seu Governo, Jorge Lacerda assistiu ao início do trabalho de implantação do sistema viário do Plano de Urbanização da Cidade Universitária, onde declarou: "Assim vos afirmarei que nada me poderia ser mais grato em meu governo de que estar hoje neste local para iniciar os trabalhos de que vai surgir a Cidade Universitária de Santa Catarina (DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO, Florianópolis, ed. de 4-2-1457, p.3. XXVIII).

O ato em que ocorre o discurso foi presidido por Henrique da Silva Fontes, que exerceu a função de Diretor da Faculdade Catarinense de Filosofia desde a sua fundação em 1951. Foi posteriormente incorporada à Universidade de Santa Catarina em 1961. Henrique Fontes⁴⁵ foi incumbido dos estudos para a criação da Universidade de Santa

⁴⁵ Desembargador do Tribunal de Justiça de Santa Catarina, cargo em que se aposentou (1937 a 1946); Professor de Economia Política da Faculdade de Direito de Santa Catarina, de cuja fundação participou, colaborando com o Desembargador José Artur Boiteux (1932-1957); nesse cargo foi aposentado, ao ser federalizada a Faculdade; Diretor, por duas vezes, da mesma Faculdade, tendo-a, na primeira gestão, deixado instalada em prédio próprio (1933-1935 e 1942-1945); Diretor da Faculdade Catarinense de Filosofia, desde a sua fundação, a 8 de setembro

Catarina, como previsto na Lei Estadual n. 1.362, de 29 de outubro de 1955, art. 9º, e a Faculdade de Filosofia exerceu o papel integrador dos diversos campos do conhecimento. Tanto assim que a pedra fundamental do primeiro edifício da Cidade Universitária foi um dos blocos da Faculdade de Filosofia, lançada a 5 de julho de 1959 (FONTES, 1963). Neste evento o governador Heriberto Hulse, que sucedeu JL, refere-se no seu discurso às obras de início da universidade:

O governador Jorge Lacerda, de saudosa memória, procurou por todos os meios ao seu alcance incrementar o desenvolvimento desta obra magnífica. Aprovou o plano da Cidade Universitária, estabeleceu os estatutos da Fundação e, a 31 de janeiro de 1957, deu início aos trabalhos do Plano Viário interno desta cidade, os quais se processaram com rapidez no correr do ano 1958. A elaboração de anteprojetos dos edifícios e do abastecimento de água, cuidadosamente planejada, também se deveu à iniciativa do Governador Jorge Lacerda (*apud* FONTES, 1963, p. 49).

Destacam-se no Quadro 19, alguns conceitos da fala de Jorge Lacerda, empregando-se o mesmo procedimento da análise dos outros discursos, em que se destacam quatro unidades conceituais e em *italic* negrito estão as idéias força desta elocução.

QUADRO 19- Início da execução do plano da Cidade Universitária

Unidade	Conceitos
1	Coube-me continuar este trabalho, amparando quanto me foi possível todas as iniciativas culturais tomadas num ambiente já de certo modo universitário e <i>ajudando as Escolas a manter o nível econômico sem o qual é impossível existir qualquer produção intelectual de verdadeiro valor; decidindo, quanto à Cidade Universitária, que o Governo tomaria sobre si todos os encargos que poderíamos chamar de estrutura básica</i> , por exemplo, o do sistema viário, que hoje vamos iniciar; finalmente, assinando os Estatutos da Fundação que vai gerir os recursos postos à disposição da Universidade e de cujo Conselho Diretor fazem parte representantes das Escolas Superiores, representantes das profissões liberais e, <i>inovação de que muito nos devemos orgulhar, representantes do Comércio e da Indústria.</i>

de 1951, até ser incorporada na Universidade de Santa Catarina, a 15 de setembro de 1961, tendo-a deixado instalada em prédio próprio, que inaugurou Cidade Universitária de Santa Catarina; Encarregado dos estudos da criação da Universidade de Santa Catarina, na conformidade da Lei estadual n. 1.362, de 29 de outubro de 1955, art. 9º., cargo de exercício gratuito, de cujo desempenho apresentou relatório, que está publicado no 2º. caderno de "Pensamentos, palavras e obras" (1955-1961).

<http://www.henriquefontes.pro.br/index.php?codwebsite=&codpagina=00006269> Acesso em 13.03.2008.

Unidade	Conceitos
2	<i>Universidade não é apenas, como tantas vezes se julga, uma coleção de Escolas ligadas por um Estatuto impresso. Universidade, quando existe como profunda realidade, é uma só Escola em que as especialidades várias estão ligadas, fundidas entre si por aquele Estatuto muito mais importante que se escreve nos corações pelo milagre diário da colaboração e da convivência de homens de tão diferentes temperamentos, de tão diversas tendências, de tão vários interesses. Existe entidade universitária quando os homens, pela convivência diária, se tornaram real humanidade; e quando essa humanidade, transcendendo-se, se torna a um tempo amor e pensamento.</i>
3	Finalmente vos direi que a estes dois sentidos do coletivo, o de continuar uma obra que de trás vem e o de aperceber o que vai ser o núcleo íntimo e o ideal de nossa Universidade, outro se junta que porei ainda como de maior importância; e vos concito a que, comigo, nele penseis; e mais: <i>vos concito a que vos transformeis neste momento naquela idéia de coletivo futuro, que reputo a mais importante; desejo que neste instante, como a mim é dado, vos seja dado a vós todos contemplar com olhos de inteligência, de imaginação e de criador afeto aquelas gerações futuras de estudantes, e digo só “de estudantes” porque o verdadeiro mestre é estudante sempre, aquelas futuras gerações de estudantes que virão aqui, muito depois que tenhamos desaparecido, para aprender, acima de todos os misteres, o mister de Homem. Mas que dependerão para o fazer, porque a História é implacável, de pureza, de sinceridade, da clara razão e do amor sem mácula que púnhamos no erguer de nossa Universidade.</i>
4	Tudo o que até hoje se fez neste campo se encontra nitidamente marcado por tal espírito. Estou inteiramente convencido de que, se continuarmos no mesmo rumo, teremos, sob o ponto de vista material, uma das mais belas e acolhedoras Universidades do Brasil e do mundo; e que, <i>sob o ponto de vista espiritual, ela será a instituição em que, a par de todo o progresso científico que a pesquisa, em que essencialmente, se deve fundar, lhe poderá trazer, atingirá a mais perfeita forma aquele profundo sentido de fraternidade humana que constitui o maior dos tesouros do nosso Brasil e poderá um dia fazer dele o condutor dos Povos.</i>

Neste discurso percebe-se o modo de pensar de JL ao proporcionar as condições básicas para implantação da universidade,

ajudando as Escolas a manter o nível econômico sem o qual é impossível existir qualquer produção intelectual de verdadeiro valor; decidindo, quanto à Cidade Universitária, que o Governo tomaria sobre si todos os encargos que poderíamos chamar de estrutura básica (LACERDA, 1963, p. 27).

Em 1.03.1957 o professor Henrique Fontes, na elocução de abertura do curso da Faculdade de Filosofia no seu terceiro ano de funcionamento, cita a aprovação dos estatutos da Fundação Universitária de Santa Catarina e explica que:

a Fundação ficará não só a cargo dos representantes do magistério superior, mas também de representantes de outras atividades liberais e ainda de atividades econômicas, numa demonstração de que o ensino, em todas as suas modalidades, e principalmente na sua síntese, que é a Universidade, é assunto do mais entranhado interesse social e que, por isso, na sua solução dos problemas do ensino, deve haver a colaboração de quantos trabalham, produzem, pensam e sonham acordados (FONTES, 1963, p.23).

Deste modo, Fontes (1963) destaca a inovação no conselho diretor da Fundação que contaria com representantes do comércio e da indústria e em outro momento da fala, Henrique Fontes descreve que a “Fundação terá recursos fornecidos pelo Estado, que, este ano, já subirão a uns quinze milhões de cruzeiros” e a seguir cita o “auxílio de quatrocentos milhões de cruzeiros em dez parcelas anuais”, provenientes do governo federal, (*id.* p.23).

JL desenvolve o conceito de interdisciplinaridade universitária apoiada na cooperação entre as diversas faculdades, como diz em suas próprias palavras, “*fundidas entre si por aquele Estatuto muito mais importante que se escreve nos corações pelo milagre diário da colaboração e da convivência de homens de tão diferentes temperamentos, de tão diversas tendências, de tão vários interesses*” (LACERDA, 1963, p. 28). O espírito universitário desenvolve-se, de acordo com JL, no âmbito do amor à verdade que não se pode separar do sentimento, pois se referindo a Pascal: “*Penso, porém, e com a mesma segurança, que tinha razão Pascal quando afirmou, ele, o geômetra e o físico, que há razões de sentimento que a razão, no sentido de inteligência, não pode conhecer*” (LACERDA, 1963, p. 27).

De forma análoga ao pensamento de Pascal, realiza-se o compromisso universitário com a ciência pela argumentação, pelo aspecto racional e as disciplinas não podem se isolar em compartimentos estanques. As disciplinas através dos seus professores devem estar abertas ao diálogo. JL concebe a entidade universitária da seguinte forma: “*Existe entidade universitária quando os homens, pela convivência diária, se tornaram real humanidade; e quando essa humanidade, transcendendo-se, se torna a um tempo amor e pensamento*” (LACERDA, 1963, p. 28).

JL está convencido de que a formação do homem deve ser completa e não pode se reduzir a aspectos tecno-científicos, devendo completar-se com os conhecimentos de caráter transcendente, pois os estudantes e professores devem se abrir à totalidade da realidade. Alude à missão transcendente da universidade, de modo que

sob o ponto de vista espiritual, ela será a instituição em que, a par de todo o progresso científico que a pesquisa, em que essencialmente, se deve fundar, lhe poderá trazer,

atingirá a mais perfeita forma aquele profundo sentido de fraternidade humana que constitui o maior dos tesouros do nosso Brasil e poderá um dia fazer dele o condutor dos Povos (LACERDA, 1963, p. 28).

Para JL, a missão da universidade não se restringe às funções de educação e de pesquisa como compromisso com a ciência e a correspondente difusão do conhecimento na sociedade. Considera, como condição-chave do espírito universitário, que este seja capaz de promover a convivência e a interação das pessoas de diferentes áreas do saber e modos de ser, em função do ideal de serviço ao bem comum. Através deste discurso, percebe-se a concepção de missão institucional universitária como a sua identidade, e que deve ser uma contribuição a todos e cada um dos implicados com sua atividade. Uma missão institucional, para ser realizada coletivamente, necessita ser conhecida, assimilada e desdobrada entre todos os seus membros e participantes através da cooperação, convivência e compartilhamento de ideais.

5 - Lição de Liberdade e de Harmonia

Este discurso é realizado no II Congresso Estadual de Medicina em Florianópolis. JL foi convidado para proferir o discurso de encerramento. “Na ocasião, relatou o decidido apoio e as providências concretas de seu governo para a concretização da Faculdade de Medicina⁴⁶, empreendimento da Associação Catarinense de Medicina” (PASOLD, 1998, p. 164). Desta fala apreende-se o estímulo ao debate livre das teorias para o aprofundamento das questões possibilitando a aplicação dos conhecimentos que redundem em benefício de toda a sociedade.

Agora como governador, impulsiona aquilo que sempre o preocupou, desde a sua condição de Deputado Federal: a educação universitária. Piazza (1993), no texto introdutório do Inventário Analítico do Fundo Privado do ex-Governador Jorge Lacerda, explica que além, dos esforços pelo ensino básico (fundamental e médio) impulsionou o ensino superior. Ele mesmo, sendo de família relativamente modesta teve que estudar fora do seu Estado. Esta situação mantinha o desenvolvimento de Santa Catarina muito deficiente. As iniciativas para a implantação da Universidade de Santa Catarina já começaram no governo

⁴⁶ No seu discurso à Assembléia Legislativa em 15.04.1957, relata sobre a fundação da Faculdade de Medicina: “Outro acontecimento marcante, no terreno da educação superior, foi a fundação da Faculdade de Medicina, à qual não faltei com o meu apoio, doando 10.000 apólices do Tesouro, no valor total de Cr\$ 10.000.000,00.”

anterior, com Irineu Bornhausen, e tendo como encarregado oficial dos estudos o professor Henrique Fontes.

JL destaca o papel decisivo da universidade no desenvolvimento social e deve contar com ensino de qualidade e pessoal preparado, considerando a “*indispensável autoridade científica*” dos professores. Advoga o princípio do estudante na centralidade do processo educativo e da finalidade da universidade, citando Ortega y Gasset (1997) que propunha: “*na organização do ensino superior, na construção da Universidade, temos de partir do estudante*” (LACERDA, 1960, p.172). Apóia-se para isto nas conferências realizadas por Ortega y Gasset na Universidade de Madrid, em que as idéias principais foram resumidas no item 4.3.

Aborda a questão da dissociação crescente entre a atividade política e as da inteligência, pois entende que na condução da atividade pública não se pode dissociar as questões imediatas ou materiais das de mais longo prazo, como são os assuntos referentes aos bens da cultura e da educação. Em alguns dos discursos destacava que os representantes na Câmara dos Deputados tinham que representar os interesses totais da nação e zelar para o que JL considera:

(dos) deveres para com os problemas da cultura, *não lhe sendo lícito favorecer o divórcio da ação política com a da inteligência*⁴⁷. Nossa missão, nesta Casa, não se limita, apenas, é óbvio, às atividades políticas, nem cessam os nossos compromissos nas fronteiras dos problemas materiais, mas se desdobram e ampliam, transcendendo essa área efêmera e limitada, para também se vincular com os superiores objetivos da cultura (LACERDA, 1960, p.92).

Por isso, no extrato do discurso aos médicos apresentado a seguir lembra a mesma idéia, de modo que a ciência e a cultura não se divorciem da atividade política e, por sua vez, afaste os cientistas ou intelectuais das atividades políticas. Este é o sentido que se apreende do trecho:

Permiti-me, senhores, que, neste instante, não apenas como colega, mas como alguém eventualmente elevado às responsabilidades de uma função pública, assinala a dissociação crescente que se verifica entre a política e a inteligência. É verdade que as tristes realidades, que se repetem na vida pública, não são de molde a fascinar os homens voltados para a ciência e para a cultura (LACERDA, 1960, p. 174).

É dentro desta perspectiva de valores morais universais que JL visualiza a contribuição da universidade, na formação de pessoas, ao atuar empregando a ciência para a construção de uma sociedade mais justa. Destaca especialmente que:

⁴⁷ Grifo nosso

O Governo deseja a colaboração ativa de todos os interessados e quer fazer da Universidade, como ela deve ser, a expressão máxima da atividade cultural do Estado e, ao mesmo tempo, um organismo perfeitamente sensível a todos os problemas de caráter técnico e de caráter social (LACERDA, 1960, p.173).

A atividade universitária culmina com a contribuição ao seu entorno, seja pelos conhecimentos que dissemina como também pelas pesquisas que se orientam para o bem do homem.

QUADRO 20- Lição de Liberdade e de Harmonia (II Congresso Estadual de Medicina)

Unidade	Conceitos
1	Não é demais, neste instante, que exalte a significação de reuniões desta natureza, pois a ciência, hoje, se faz pela colaboração íntima dos que a ela se devotam, pela discussão de todas as teorias e de todos os problemas, <i>através do debate livre e do confronto fecundo e cooperador das opiniões e conclusões individuais.</i>
2	E, para mim, esses mesmos pioneiros são os que têm por várias circunstâncias, <i>maiores possibilidades de concretizar, no silêncio das províncias, se lhes não faltarem os instrumentos adequados, os sonhos que ardem no pensamento dos cientistas.</i>
3	Desejamos, efetivamente, Senhores Congressistas, que a nossa Faculdade se revista, à luz daquelas lições, <i>da indispensável autoridade científica</i> , sem a qual nada é possível fazer.
4	Uma instituição, já nos ensinava Ortega y Gasset, é uma máquina; e toda a sua estrutura e funcionamento deverão ser prefixados pelo serviço que dela se espera. E acentuava que a raiz de qualquer reforma universitária está em acertar plenamente com a sua missão. <i>Na organização do ensino superior, na construção da Universidade, temos de partir do estudante.</i> A Universidade deve ser a projeção institucional do aluno. <i>O ensino superior tem por objetivo a transmissão de cultura, o ensinamento das profissões e a investigação científica.</i>
5	colaborar Professores universitários, representantes das profissões liberais, do Comércio e da Indústria, e a publicação, que se fará em breves dias, dos atos de designação dos membros desse Conselho, além da destinação específica de uma dotação orçamentária já fixada, <i>são garantias de que o Governo deseja a colaboração ativa de todos os interessados e quer fazer da Universidade, como ela deve ser, a expressão máxima da atividade cultural do Estado e, ao mesmo tempo, um organismo perfeitamente sensível a todos os problemas de caráter técnico e de caráter social.</i>
6	É oportuno que se realce o papel das Universidades no destino do mundo moderno. <i>Sofre muito a Humanidade de dois males: o dos homens bons, que não têm noção alguma das técnicas que deveriam empregar para que se torne mais eficiente a sua bondade, e o dos técnicos, em que se abalaram ou em que quase se perderam as qualidades humanas.</i>

Unidade	Conceitos
7	Palpita uma grande inquietação por toda a parte, não obstante o progresso vertiginoso da ciência e da técnica. <i>Cada vez mais penetramos nos segredos recônditos da natureza, e à medida que nela mais nos aprofundamos, mais se agigantam perante nós o drama, o desespero e o temor, pois o homem, pelo domínio das forças íntimas da matéria, constrói sóis e os faz explodir à superfície da Terra, oferecendo ao mundo atônito a pompa luminosa de um crepúsculo trágico.</i>
8	<i>Ah! se pudéssemos colocar sob o domínio do espírito as conquistas modernas que derivam das idealizações dos sábios! Ah! se pudéssemos prevenir a grave crise em perspectiva, impedindo assim que o homem se converta em satélite de suas próprias criações!</i>
9	<i>(...) dissociação crescente que se verifica entre a política e a inteligência. É verdade que as tristes realidades, que se repetem na vida pública, não são de molde a fascinar os homens voltados para a ciência e para a cultura.</i>
10	No mundo contemporâneo, observa-se a ascensão, no cenário político, de personagens novas, que surgem do seio anônimo das massas, não raro ainda pouco esclarecidas, mas com a intuição clara e nítida da marcha inexorável das transformações sociais. <i>Cabe às elites o papel de intérpretes desses anseios surdos que fremem no âmago da sociedade moderna, para que se convertam em autênticos guias e verdadeiros arquitetos do futuro.</i>

A partir das unidades-conceituais e idéias-chave destacadas no Quadro 20, apreende-se o relevo, a propósito desta fala, que dá à interação e à interdisciplinaridade, fomentando a troca de experiências pelo “*debate livre e do confronto fecundo e cooperador das opiniões e conclusões individuais*” (LACERDA, 1960, p.170).

Os pioneiros, como sugere, são aqueles que podem concretizar os anseios de cientistas para as transformações no contato direto com os problemas, desde onde eles surgem. É o conhecimento que se socializa. Constrói-se conhecimento através do diálogo entre correntes de idéias e experiências diversas. Convencido estava da capacitação em alto nível dos docentes para o cumprimento da missão universitária: “*O ensino superior tem por objetivo a transmissão de cultura, o ensinamento das profissões e a investigação científica*” (LACERDA, 1960, p.172), sendo para isto indispensável a autoridade científica.

Mostra identificação com a discussão, ainda muito atual, proposta por Ortega y Gasset (1997) que emprega nas suas conferências a figura da economia do conhecimento em que a sua aquisição é limitada pela capacidade de assimilação do alunado. O conhecimento construído e explicitado é crescente, as profissões progressivamente requerem maior extensão de conhecimentos; no entanto, o recurso escasso é a capacidade e o tempo que dispõe o estudante universitário para a assimilação dos conteúdos. Esta escassez de assimilação – como limitação humana - exige uma atenção especial à centralidade

institucional da universidade no aluno, de acordo com Ortega y Gasset, como a projeção institucional do aluno.

Identifica a necessária integração/interação dos atores sociais de modo a atender “*com o seu Conselho Diretor, em que são convocados a colaborar Professores universitários, representantes das profissões liberais, do Comércio e da Indústria*” (LACERDA, 1960, p.172). JL exalta a um modo de dirigir a instituição com instrumentos que:

são garantias de que o Governo deseja a colaboração ativa de todos os interessados e quer fazer da Universidade, como ela deve ser, a expressão máxima da atividade cultural do Estado e, ao mesmo tempo, um organismo perfeitamente sensível a todos os problemas de caráter técnico e de caráter social” (LACERDA, 1960, p.172).

Descreve os dois males que ainda permanecem no seio da nossa sociedade: em um extremo, a dos técnicos competentes pouco sensíveis às necessidades humanas e despreparados ético-politicamente. No outro extremo, situam-se os que têm certa boa vontade, no entanto, não têm os conhecimentos e habilidades para fazer com que os seus desejos de melhoria da sociedade possam se realizar, pois se exige deles competência político-administrativa.

Durante a guerra fria sentia-se palpitar as inquietações de uma possível destruição da humanidade. Hannah Arendt (1997) em suas avaliações, no pós-guerra, diagnostica o pessimismo global que repercutiu entre os filósofos e os pensadores, porquanto o progresso e a ciência apenas conseguiram produzir bem estar material, mas não trouxeram felicidade às pessoas.

O projeto ideal, de acordo com JL, é:

Ah! se pudéssemos colocar sob o domínio do espírito as conquistas modernas que derivam das idealizações dos sábios! Ah! se pudéssemos prevenir a grave crise em perspectiva, impedindo assim que o homem se converta em satélite de suas próprias criações! (LACERDA, 1960, p.173).

Outro tema candente que JL aborda refere-se à pouca atratividade que as pessoas de cultura e inteligência têm para a carreira política. Assim como naquela época, hoje talvez mais grave ainda, verifica-se o desprestígio dos políticos, devido aos casos deploráveis de corrupção da atualidade.

Pasold (1998) interpreta o pensamento de JL, neste discurso sobre o papel das elites, da seguinte forma:

Ao encerrar, pediu licença para manifestar a sua preocupação com a “*dissociação crescente que se verifica entre a política e a inteligência*”, pela forma irresponsável com que certas pessoas que detêm privilegiadas condições culturais, sociais e econômicas não atentam devidamente para as tristes realidades do mundo contemporâneo e os seus apelos procedentes. Este fenômeno, a seu juízo, deveria ser imediatamente detido através de uma urgente consciência das elites, quase sempre tão omissas, no sentido de que sejam, o quanto antes, “*intérpretes desses anseios surdos que fremem no âmago da sociedade moderna, para que se convertam em autênticos guias e verdadeiros arquitetos do futuro*” (PASOLD, 1998, p.165).

Na concepção de JL, o essencial à tarefa universitária é saber a que ciência dirigir-se e como desenvolvê-la, porquanto a ciência não pode estar descolada da realidade. A tendência dos professores é a de fecharem-se na sua ciência e não encontrarem um modo de conectá-la à realidade social, podendo assim cair em dois possíveis males. Um deles é o abstracionismo e o outro é proveniente do pensamento weberiano: o tecnicismo, que busca apenas a adequação dos meios a fins utilitários, escapando da sua compreensão qualquer fim transcendente da vida humana.

6 – Festa das Flores em Joinville

A este evento esteve presente o Ministro da Educação e Cultura, Clóvis Salgado da Gama e o discurso refere-se à antiga FEJ, Faculdade de Engenharia de Joinville. Piazza (1993), destaca que JL propôs a criação da Faculdade de Engenharia de Joinville por meio da Lei n^o 1.520, de 9 de outubro de 1956 e “teve a sua estruturação, quanto à denominação, nomeação do diretor pelo Governador do Estado e a sua manutenção, ainda no seu Governo (Lei n^o 1.601, de 14 de setembro de 1956)” (PIAZZA, 1993, p.XXVIII).

Schulz (2004) confirma que o Centro de Ciências Tecnológicas foi chamado de Faculdade de Engenharia de Joinville (FEJ). A FEJ nasceu no mandato de JL em 9.10.1956 por meio da Lei N^o 1520/56 instituindo o curso de engenharia implantando-se no Estado. Foi a primeira iniciativa para a interiorização do ensino superior, pois era restrito às capitais dos estados. “O primeiro curso de engenharia foi criado em 1956, quando a UDESC ainda era Faculdade de Engenharia de Joinville – FEJ, sendo consolidada a primeira faculdade pública no interior de Santa Catarina” (SCHULZ, 2004, p. 22).

Chama a atenção Thomé (2003) para o atraso que havia no sistema de ensino superior de Santa Catarina:

Refletindo o atraso do seu sistema educacional em relação aos outros Estados do Sul, Santa Catarina somente viria a dispor de Ensino Superior em 1919, através de Instituto

Politécnico, que desapareceu em seguida e, em 1932, quando da fundação da Faculdade de Direito em Florianópolis. A Universidade Federal de Santa Catarina foi criada em 1960, formada na Capital pelas faculdades de Direito (de 1932), Ciências Econômicas (de 1943), Farmácia e Odontologia (de 1952), *Filosofia e Medicina (1956)*⁴⁸, Serviço Social (de 1958) e Engenharia Industrial (de 1960). Com exceção da Faculdade de Engenharia de Joinville criada em 1956, que se incorporou a outras faculdades, de Lages (1965) e de Florianópolis (1964), para constituir a Universidade Estadual em 1965, a Educação Superior somente foi interiorizada em Santa Catarina a partir dos anos 1960, na maioria dos casos por iniciativas comunitárias municipais (THOMÉ, 2003, p.4).

Neste discurso JL estimula a cooperação e a integração entre a iniciativa da comunidade e de todos os interessados para a criação dos cursos superiores, o que é coerente com a sua preocupação em reorganizar a Secretaria da Educação para atender as necessidades educativas de forma eficiente e eficaz pela abordagem participativa da sua gestão. JL dizia que “jamais tomamos medida capaz de sufocar a livre iniciativa individual, de matar dentro de cada homem a profunda vocação do seu espírito, de impedi-lo a que transmita aos outros a mensagem da sua inteligência criadora” (LACERDA, s/d).

Outro elemento importante nesta fala é a que se refere à Faculdade de Engenharia de Joinville, em que mostra o espírito com que entende a interação entre Governo e a sociedade organizada na promoção e desenvolvimento do ensino superior:

Creio que nenhuma outra iniciativa documentará melhor o que acabamos de afirmar do que a criação da nossa Universidade. Nenhuma das escolas superiores que a formarão surgiu, por assim dizer, de um impulso administrativo do Governo. Todas têm sido oferecidas ao poder público, para que este se ajuste na sua existência e as condicione para os seus triunfos. Mesmo a mais recente, em seu projeto, a Faculdade de Engenharia de Joinville, foi de iniciativa particular, logo apoiada por uma deliberação da Assembléia Legislativa. Nenhuma Escola deixou de ser amplamente e democraticamente discutida; nenhuma Escola deixou de contar, a par das subvenções do Estado e das subvenções do Governo Federal, estas, Senhor Ministro, sempre demasiado escassas – com rendimentos próprios (LACERDA, s/d).

JL introduziu no aspecto educativo uma dinâmica que contribuiu para a disseminação do ensino superior em SC e, ao mesmo tempo impulsionou os inícios da Universidade de Santa Catarina juntamente com outras personalidades da época como elemento-chave para o desenvolvimento social.

⁴⁸ Citada a criação da faculdade de medicina no discurso de JL, Lição de Liberdade e de Harmonia no II Congresso Estadual de Medicina.

QUADRO 21- Exposição de Flores em Joinville

Unidade	Conceitos
1	No longo e penoso esforço do desbravamento, apesar de todas as precauções tomadas, não se pôde evitar <i>o processo histórico em que primeiro se destrói para que mais tarde e mais amplamente se possa reconstruir. Como nos poemas de Milton, os paraísos também se perdem</i> , mas depois se reconquistam (...) No esforço sem par na história do mundo foi a construção do Brasil, arrancado à selva e, também, por que não dizê-lo? – arrancado à história, as nossas matas rarearam cada vez mais, as nossas floradas foram perdendo o viço dos primeiros tempos e a salsugem estéril do mar triunfou sobre o longo e denso jogo de perfumes.
2	Quisemos, igualmente, numa época em que as coletivizações estão em moda, afirmar claramente que a sobrevivência última deve ser do espírito, no que ele tem de mais individual e ao mesmo tempo de mais familiar. <i>O artesanato é, para nós, como que o símbolo da resistência do indivíduo feito à imagem e semelhança de Deus, o símbolo da sã resistência mais essencial a todas as forças que tentam atraí-lo para a massa comum.</i>
3	Isso, de nenhum modo, significa que ignoramos o que a coletividade deve ao indivíduo e em que medida ela o deve proteger. O que afirmamos é que <i>nenhuma iniciativa dos poderes públicos deve sufocar o indivíduo</i> e fazer dele uma simples peça de máquina, sobretudo no que respeita à sua educação.
4	Tão logo assumimos o Governo mandamos introduzir, na Secretaria da Educação e Cultura do Estado, um plano de organização verdadeiramente modelar. <i>Jamais tomamos medida capaz de sufocar a livre iniciativa individual</i> , de matar dentro de cada homem a profunda vocação do seu espírito, de impedi-lo a que transmita aos outros a mensagem da sua inteligência criadora.
5	Nenhuma das escolas superiores que a formação surgiu, por assim dizer, de um impulso administrativo do Governo. Todas têm sido apresentadas e oferecidas ao poder público, para que este as ajude na sua existência e as condicione para os seus triunfos. (...) <i>Nenhuma Escola deixou de ser amplamente e democraticamente discutida; nenhuma Escola deixou de contar, a par das subvenções do Estado e das subvenções do Governo Federal, estas, Senhor Ministro, sempre demasiado escassas – com rendimentos próprios.</i>
6	(...) procuramos marcar nitidamente esse caráter de independência, de autonomia em face do Estado, mesmo no que respeita aos fundos fornecidos pelo erário público, criando uma Fundação que administrará os juros das apólices que lhe foram doadas, as terras destinadas à Construção da Cidade Universitária e a própria dotação anual fixada em um por cento sobre a receita ordinária do Estado que, igualmente, lhe foi atribuída. Fundação cujos estatutos <i>promulgaremos dentro de alguns dias e que será soberana no tocante aos fundos universitários</i> , devendo receber, por certo, do Governo Federal, o auxílio a que tem direito.

Unidade	Conceitos
7	Porque além de tudo, Senhor Ministro, não há nenhum mestre e nenhum aluno das nossas escolas superiores que não tenha sobre a nossa futura Universidade a idéia nítida de que ela deve ser, quanto possível, <i>a par de um conjunto de Escolas que transmitam conhecimento, um Instituto de Pesquisas voltado para todos os setores do saber humano; de que deve, a cada nova criação, interrogar-se não só sobre o valor científico, mas também sobre as suas condições de existência, sobre as aptidões do local que a requer</i> , em suma, sobre a sua funcionalidade; e de que apesar de dar à sua Cidade Universitária e aos edifícios das Escolas que nela não estiverem localizadas, o máximo da sua atenção, a Universidade acima de tudo será um facho de luz iluminando o espírito das novas gerações.
8	(...) não será em vão tanto trabalho com a visão dos rumos essenciais. (...) É que o grande segredo deste final triunfo, <i>desse paraíso reconquistado</i> , será que nós, tomando-nos como coletividade, conservamos intacta aquela força que, dando vitória aos indivíduos, <i>ao mesmo tempo modela a História</i> .

No Quadro 21, oito foram os destaques em que o respeito à pessoa e aos valores democráticos se sobressaem. As ações práticas, norteadas pelas idéias de JL em relação à universidade, estão embasadas no sentido de envolvimento comunitário, aliadas a uma postura humanista, visto que destacava o papel essencial da filosofia para ampliar a visão de mundo das pessoas na sociedade. Piazza (1993), em suas análises, destaca as iniciativas de JL:

Ainda, na sua visão universalista, o Governador Jorge Lacerda procurou definir, juridicamente, a estruturação da Universidade de Santa Catarina, nomeando pelo Decreto n^o 373-A, de 20 de maio de 1957, o Conselho Diretor da Fundação Universitária de Santa Catarina. E nos fins de julho de 1957, definiu com os arquitetos que projetaram o *campus* universitário a prioridade de construção do primeiro bloco destinado à Faculdade de Filosofia, o que vai ser concretizado pelo seu substituto, Governador Heriberto Hülse (PIAZZA, 1993, p.XXVIII).

Este discurso em Joinville apresenta as linhas mestras da sua visão de universidade e do ensino superior. JL buscou aplicar os princípios de subsidiariedade e participação, de modo que todos os interessados, através do conselho universitário, realizem a gestão dos empreendimentos. Imprimiu o sentido de missão da universidade como difusora do conhecimento, interagindo na sociedade em que está inserida. Empregou a metáfora das floradas que outrora eram exuberantes em Florianópolis e da perda do seu viço, pela necessidade do nascer da Nação, tirada da selva, para depois, por meio da cultura e dos valores, reconstruírem aquilo que aparentemente se havia destruído. Destacou a defesa dos direitos individuais reforçando a necessária contribuição ao bem comum. Desenvolveu o conceito sobre o artesanato, aplicado às atividades do cultivo de flores, como proteção das características pessoais, culturais, locais, em face da massificação.

4.3.3 Contribuições

4.3.3.1 Perspectiva narrativa

Durante o seu curso na Faculdade de Medicina do Paraná JL conviveu com intelectuais de outras áreas do conhecimento e relacionou-se com escritores e políticos. As reuniões e debates em torno dos temas ligados à cultura faziam parte das suas preocupações habituais. Quase no final do curso de medicina, JL foi convidado para fazer o seu primeiro discurso em Florianópolis, por ocasião das homenagens prestadas ao professor catarinense José Arthur Boiteux⁴⁹, na condição de representante dos estudantes que estavam em outros Estados brasileiros. Transcreve-se excerto desta fala e o que se destaca neste discurso é a homenagem sentida ao fundador da Faculdade de Direito de Santa Catarina e promotor da cultura. Disse então JL:

Em nome dos acadêmicos que cursaram os bancos das Academias de outros Estados trago também as nossas homenagens à memória do grande catarinense José A. Boiteux que tanto trabalhou por Santa Catarina, para qual viveu lutando e muitas vezes lutou sofrendo (...) Eu que embalei no meu berço, dorme o sono dos patriotas e dos idealistas! (...) Tu que tanto trabalhaste por mim e que semeaste estátuas, levantaste escolas, estimulaste a minha mocidade, terás teu monumento numa das minhas praças! (REVISTA LITORAL, 1958, p.9).

O curso universitário não se resumia, para ele, ao estudo da medicina. O próprio texto do discurso de formatura, ocasião em que foi orador da sua turma, revela a sua cultura geral abrangente e reflete suas preocupações sobre a cultura, a educação, a saúde, a arte e a política. A análise de conteúdo deste discurso desenvolvida por Sertek e Asinelli-Luz (2006) permitiu concluir que:

(...) os autores citados por JL, no discurso analisado, constituem durante os anos em que estudou medicina na Faculdade de Medicina do Paraná os fundamentos de sua visão como político. Verifica-se a influência das ideologias daquele momento, tais como as de consciência eugênica e de defesa da cultura própria da nação. O estudo revela também a existência de um ambiente social envolvente para idéias que poderiam abrir outros horizontes além da dicotomia entre estado liberal e estado totalitário. A análise de conteúdo traz luz para aspectos tais como: ideologia marcante da época e a profunda erudição adquirida por JL na sua juventude (SERTEK; ASINELLI-LUZ, 2006, p 1).

Correa (1960) comenta que é no período universitário em Curitiba que se

⁴⁹ Em 1920 reuniu em seu gabinete um grupo de intelectuais da terra e fundou a Academia Catarinense de Letras. Outra contribuição de Boiteux durante seus anos de Secretário de Estado foi conseguir, em parte por subscrição pública, erguer a estátua de Fernando Machado e os bustos de Cruz e Souza, Anita Garibaldi, Jerônimo Coelho e Victor Meirelles, além de colocar em locais históricos de Florianópolis algumas placas assinalando o que ali ocorreu de significação para os anais da vida catarinense. A última grande façanha desse homem extraordinário foi a criação, em 1932, da Faculdade de Direito de Santa Catarina. <http://150.162.138.13/outros/historico.asp> Acesso em 15.02.2008: Fundação Boiteux.

deram os seus primeiros contatos com a política e a literatura. Começou a conviver com escritores como Augusto Frederico Schmidt, San Tiago Dantas, António Gallotti, Adonias Filho e Otávio de Faria. Constantino Lacerda recorda que seu amigo Heitor Lisboa de Araújo, com quem convivia no Rio de Janeiro, se correspondia com um juiz amigo seu em Curitiba que admirava os discursos de JL e isto logo depois da sua formatura, em 1937.

A vocação de JL era política, tanto assim que as suas leituras e estudos foram se expandindo para as obras referentes à cultura brasileira. JL sentia-se atraído pelas questões histórico-sociais, que acabavam se manifestando nos seus discursos e de acordo com Adonias Filho (1960):

tornou-se inevitável que a brasileira se impusesse como o principal círculo de leitura. Uma experiência teórica, se me permitem a expressão, foi colhida aí. Os cronistas coloniais, historiadores e biógrafos, economistas e sociólogos — e sempre em leitura crítica — completaram a observação própria auxiliando-o na percepção geral do Brasil (ADONIAS FILHO, 1960, p. 15).

Contudo, Adonias Filho (1960) avalia no prefácio de *Democracia e Nação* (DN, 1960), que JL deu-se conta da necessidade dos estudos jurídicos para completar a sua formação e ter um conhecimento mais profundo do Direito Constitucional, de forma a tornar mais eficaz a sua ação política, e por esta razão, resolveu ingressar na Faculdade de Direito de Niterói.

A fundação do suplemento LA permitiu o contato freqüente com os escritores de renome da época, adquirindo prestígio entre eles. De acordo com *Letras e Artes* (1948), JL participou do I Congresso de História Catarinense,⁵⁰ “como representante do Ministro Adroaldo Costa, titular da pasta da Justiça” e proferiu em 12.10.1948 o discurso “O Espírito dos Lusíadas”. Velloso (2007) confirma que JL foi conhecido no Rio de Janeiro como o intelectual catarinense mais influente em âmbito nacional, tendo sido convidado para ser o orador oficial do fechamento do congresso promovido por Henrique Fontes e com a participação do ilustre filólogo Paiva Boléo da Universidade de Coimbra. O suplemento LA noticiava este evento na semana do congresso:

Está-se realizando em Florianópolis o Primeiro Congresso de História catarinense, conclave que faz parte dos grandes festejos com que se comemora, na capital barriga verde, o 2º Centenário da Colonização Açoriana no Brasil. O importante certame reuniu em

⁵⁰ “Nesses mesmos anos quarenta, outro evento agitou o estado. Foi o I Congresso de História Catarinense, comemorativo do II Centenário da Colonização Açoriana (SILVA, 2004, p.66).

Florianópolis grande número de intelectuais brasileiros e estrangeiros, entre estes últimos o notável filólogo português, Manuel de Paiva Boléo, ilustre professor de Universidade de Coimbra. Vários escritores e folcloristas patricios enviaram teses ao primeiro Congresso de História Catarinense, entre eles Joaquim Ribeiro, Pedro Calmon e Luiz da Câmara Cascudo (LETRAS E ARTES, 1948, p.12).

Jamundá (1958, p. 21) já conhecia JL, mas lhe faltava oportunidade para aprofundar a amizade. Relata que “aconteceu a conversa mais demorada durante a realização do I Congresso de História Catarinense. Ele presidiu uma das missões, e dela fui membro ativo”, e notou que pela sua capacidade intelectual e o dom da palavra era a pessoa que mais se destacava naquele ambiente.

JL elegeu-se deputado federal em 1951 e começou a participar das comissões parlamentares do Ministério de Educação e Saúde. Sobre elas Velloso (2007) comenta que JL fazia todo possível para que aumentassem as verbas para a educação:

para que houvessem bons programas, não havia ainda ênfase, depois passou a haver no ensino superior, mas havia no que, naquela época chamava primário, ginásio e clássico e científico. Depois veio a febre de ensino superior no Brasil, querer conquistar uma vaga na universidade, mas realmente eu percebi a dificuldade que ele tinha de fazer acontecer as coisas acontecerem (VELLOSO, 2007).

Havia nas universidades reivindicações para o aumento de vagas, isto porque muitas famílias queriam que seus filhos estudassem. De acordo com Velloso (2007):

Um dos problemas que tive quando participei do grupo de reforma universitária, daquele movimento estudantil (...) e a grande reivindicação deles era mais vagas na universidade, a história dos excedentes, alunos que passavam, mas não eram classificados, porque não havia vagas. Toda a idéia era de vagas, vagas e mais vagas. Preocupação pelas vagas! (A) preocupação pela qualidade de ensino não! Para Jorge ter a universidade lá em Santa Catarina era importante para atender as reivindicações, lutas. Que ai realmente acabou se conseguindo duas coisas: conectar-se ao mundo e conectar-se ao Brasil.

Segundo Piazza (1993, p.XXVIII), para JL, além do problema com o ensino básico (infantil, fundamental e médio), “a outra ponta do problema educacional catarinense que o interessava vivamente era a implantação da Universidade.” É o que mais dificultava a formação dos intelectuais e “que de certa forma era um convite à imigração das melhores inteligências, desfalcando, assim, o meio catarinense de ótimas cere-brações” (PIAZZA, 1993, p.XXVIII).

A fundação da Universidade de Santa Catarina vinha amadurecendo desde o governo de Irineu Bornhausen sob a orientação do Prof. Henrique da Silva Fontes e foi impulsionada através das obras de infra-estrutura promovidas no início do governo de JL. É o que

relata Ungaretti⁵¹ (2007):

Irineu constituiu uma comissão, presidida pelo saudoso e benemérito catarinense, Desembargador Henrique da Silva Fontes, e essa comissão entrou a trabalhar, e trabalhou muito e no final do governo, do seu quinquênio, que seria do Jorge Lacerda, estava terminado e foi inaugurado o primeiro prédio da Universidade, a primeira Faculdade que seria de Filosofia, Ciências e Letras, ainda existe lá o prédio, que tem outra destinação naturalmente. E é claro que durante todo o governo do Jorge Lacerda, essas providências foram tomadas, animadas e estimuladas, senão não se teria chegado ao final (...) com esse excelente resultado, porque não foi só a construção do prédio, foram obras de infraestrutura, saneamento, canalização de água, e uma porção de coisas, porque aquilo era uma fazenda, criação de gado (UNGARETTI, 2007).

JL, como deputado federal eleito em 1951 e pertencendo à comissão permanente de Educação e Saúde do MEC, esteve presente nas discussões sobre o futuro da universidade e atuante na implantação da Universidade de Santa Catarina. De acordo com Schoreder (1969) e Scheibe (1993), a Faculdade Catarinense de Filosofia criada em 1951, por professores do Colégio Catarinense, estava no centro de articulação das demais faculdades para a constituição da universidade estadual.

As necessidades do ensino superior começaram a ser atendidas por meio da descentralização com

a criação da Faculdade de Engenharia de Joinville (Lei nº 1.520, de 9 de outubro de 1956), que teve a sua estruturação, quanto à denominação, nomeação do diretor pelo Governador do Estado e a sua manutenção, ainda no seu Governo (Lei nº 1.601, de 14 de setembro de 1956) (PIAZZA, 1993, p.XXVIII).

Ainda de acordo com este autor, JL manifestou sua visão universalista ao definir “juridicamente, a estruturação da Universidade de Santa Catarina, nomeando pelo Decreto nº 373-A, de 20 de maio de 1957, o Conselho Diretor da Fundação Universitária de Santa Catarina” (*id.*).

Ungaretti (2007) lembra-se que JL “durante todo o (seu) governo, deu inteiro apoio a isso, e investiu muito nisso, então a Universidade deve a ele também, esse impulso, essa continuidade das obras, do projeto que ele encontrou iniciado e que deu seguimento”, tornou-se de fato um verdadeiro sonho a realização do empreendimento que já em 1954 tinha sido objeto do discurso de JL na Câmara dos Deputados.

Outra observação de Piazza (1958) é a de que JL era amigo da juventude universitária e também dos livros, aos quais tinha verdadeira afeição. “Foi pela sua paixão, pelas coisas da Cultura, que sem sentir, fui envolvido por Jorge Lacerda, no seu afã de dar, ao

⁵¹ Entrevista realizada pelo autor desta tese em 2007.

nosso Estado, maior amplitude e melhor ressonância no cenário cultural da Pátria Brasileira” (PIAZZA, 1958, p.47).

4.3.3.2 Conceitos replicáveis

O desenvolvimento social para JL deve se dar através de políticas públicas, para que os aspectos técnicos e culturais melhorem a qualidade de vida do povo. Este desenvolvimento se configura por meio dos centros universitários que difundem e enriquecem a cultura, estimulam a investigação científica e organizam o sistema de idéias vivas dos nossos tempos. Empregou as idéias de Ortega y Gasset (1999) sobre a missão da universidade e destacou o papel preponderante do cultivo das humanidades. Reflete-se nas suas falas o papel da universidade em resposta às questões suscitadas no território dos valores do espírito ou da inteligência. Distingue as dimensões da cultura daquelas que focalizam os aspectos puramente pragmáticos, como fruto do emprego da tecnologia. À universidade cabe formar e ampliar os âmbitos de harmonia entre a cultura e a técnica.

Visualizou a missão da universidade em permanente ligação às questões da sociedade, seja de forma especulativa como de forma mais prática. A universidade tem um papel chave; *“nesta hora tão impregnada de utilitarismo, em que são desdenhados os valores do espírito — como auspicioso marco no território da inteligência e da cultura”* (LACERDA, 1960, p. 107). A visão do Estado na promoção da cultura o levou a seguir um critério: *“O Governo deseja a colaboração ativa de todos os interessados e quer fazer da Universidade, como ela deve ser, a expressão máxima da atividade cultural do Estado e, ao mesmo tempo, um organismo perfeitamente sensível a todos os problemas de caráter técnico e de caráter social”* (LACERDA, 1960, p.173)

O desafio permanente para a universidade, em qualquer campo do saber, é a reta orientação dos estudos, a sensibilidade à verdade em função do bem do homem ou o bem da humanidade. Em outras palavras, a subordinação dos implementos técnicos ao bem do homem. Esta concepção leva à questão bastante debatida sobre os aspectos éticos na pesquisa. É o que se registra em uma das falas: *“Ah! se pudéssemos colocar sob o domínio do espírito as conquistas modernas que derivam das idealizações dos sábios! Ah! se pudéssemos prevenir a grave crise em perspectiva, impedindo assim que o homem se converta em satélite de suas próprias criações!”* (LACERDA, 1960, p.173). Sob outra perspectiva, propõe a constante atualização do direito em face das mudanças sociais;

Daí o completar-se a ação dos advogados com a dos juízes, na humanização das normas contra a petrificação das leis. Nem se compreenderia que, na vertigem do mundo moderno, se convertessem em satélites submissos dos textos mortos e não em criadores corajosos do Direito vivo. E ganha oportunidade a velha advertência de Santo Tomás de Aquino, segundo a qual “a vida transborda do conceito” (LACERDA, 1960, p.168).

A lamentável situação da política, que se tornou a quinta essência da astúcia; uma atividade que se assemelha ao jogo entre facções iletradas no aspecto moral, o levou a, sistematicamente chamar a atenção para um critério-chave, para a atuação do Homem de Estado ou do político, de modo que:

Representando os interesses totais da nação, tem, por isso mesmo, deveres para com os problemas da cultura, não lhe sendo lícito favorecer o divórcio da ação política com a da inteligência. Nossa missão, nesta Casa, não se limita, apenas, é óbvio, às atividades políticas, nem cessam os nossos compromissos nas fronteiras dos problemas materiais, mas se desdobram e ampliam, transcendendo essa área efêmera e limitada, para também se vincular com os superiores objetivos da cultura (LACERDA, 1960, p. 89).

A universidade na sua função de pesquisa, através dos seus especialistas e através de trabalhos interdisciplinares, tem as condições de interpretar e formalizar o conhecimento e difundi-lo na sociedade. JL lembra que não deve acontecer o que Velloso (2007) adverte: a traição dos intelectuais, ao se omitirem na tarefa de difundir os valores universais. Ao intelectual cabe o papel de refletir a partir das experiências e problemas sociais, dar um tratamento científico para estas questões, difundi-las no seio da sociedade, de modo a fazer frutificar suas idéias e concepções como soluções para os problemas cruciantes da sociedade.

No mundo contemporâneo, observa-se a ascensão, no cenário político, de personagens novas, que surgem do seio anônimo das massas, não raro ainda pouco esclarecidas, mas com a intuição clara e nítida da marcha inexorável das transformações sociais. Cabe às elites o papel de intérpretes desses anseios surdos que fremem no âmago da sociedade moderna, para que se convertam em autênticos guias e verdadeiros arquitetos do futuro (LACERDA, 1960, p.174).

JL empregou o termo “elites”, referindo-se aos que, dotados do conhecimento formalizado na sua ciência, e conhecedores das metodologias para a construção científica do conhecimento, são capazes de difundi-lo eficazmente nos diversos fóruns da sociedade. Também são os protagonistas da difusão do conhecimento pela docência e publicação das suas pesquisas e têm papel fundamental para o progresso social. Lembrou a todos as palavras de Silvio Romero para quem “O Brasil social é que deve atrair todos os

esforços dos seus pensadores, dos seus homens de coração e de boa vontade, todos os que têm um pouco de alma para devotar à pátria” (ROMERO, 2007, p. 172).

Expressou preocupação pelas atividades políticas que não atraem, em geral, os que se dedicam às atividades intelectuais por causa da “*dissociação crescente que se verifica entre a política e a inteligência*. E logo a seguir lamentou: *É verdade que as tristes realidades, que se repetem na vida pública, não são de molde a fascinar os homens voltados para a ciência e para a cultura*” (LACERDA, 1960, p.174).

Outro critério-chave, de valor inestimável, é o papel social do conhecimento produzido na universidade, que deve ser a linha orientadora dos projetos de pesquisa:

*a par de um conjunto de Escolas que transmitam conhecimento, um Instituto de Pesquisas voltado para todos os setores do saber humano; de que deve, a cada nova criação, interrogar-se não só sobre o valor científico, mas também sobre as suas condições de existência, sobre as aptidões do local que a requer, (...)*⁵² (LACERDA, s/d).

Concebe a gestão universitária como sendo fruto da participação dos diversos atores sociais integrando o conselho universitário de modo que: “*Jamais tomamos medida capaz de sufocar a livre iniciativa individual, de matar dentro de cada homem a profunda vocação do seu espírito, de impedi-lo a que transmita aos outros a mensagem da sua inteligência criadora*” (LACERDA, s/d).

Estas motivações encontram-se nos inícios da Escola de Engenharia de Joinville, que depois, juntamente com outras faculdades daria origem à UDESC – Universidade Estadual de Santa Catarina:

Nenhuma das escolas superiores que a formação surgiu, por assim dizer, de um impulso administrativo do Governo. Todas têm sido oferecidas ao poder público, para que este se ajuste na sua existência e as condicione para os seus triunfos. (...) Nenhuma Escola deixou de ser amplamente e democraticamente discutida (...) (LACERDA, s/d).

Esta foi a perspectiva que procurou dar tendo em vista a autonomia com relação ao Estado na definição do papel da Fundação Universitária para a gestão dos recursos financeiros e seus planos de desenvolvimento.

Na concepção de JL, não há universidade, ou sua finalidade está mutilada, ao faltar o conceito de sensibilidade à verdade, dada pelo respeito que a ciência deve ter com relação à verdade, porquanto a ciência não é verdadeira ciência se caminhar separada da

⁵² Discurso na “Festas das Flores” em Joinville.

verdade que, ao mesmo tempo, deve dirigir-se ao bem, daí a sua expressão de que as faculdades ou ciências específicas devem estar

fundidas entre si por aquele Estatuto muito mais importante que se escreve nos corações pelo milagre diário da colaboração e da convivência de homens de tão diferentes temperamentos, de tão diversas tendências, de tão vários interesses (LACERDA, 1963, p. 28).

Para JL a universidade não é um lugar onde há somente ensino e pesquisa, mas é o local em que se desenvolve o espírito de convivência. Para ele a missão da universidade vai além do compromisso com a ciência, pois deve promover o conhecimento mútuo, a amizade e a cooperação. Destaca-se a sua frase-chave: “*Existe entidade universitária quando os homens, pela convivência diária, se tornaram real humanidade; e quando essa humanidade, transcendendo-se, se torna a um tempo amor e pensamento*” (LACERDA, 1963, p. 28).

4.3.3.3 Diretrizes

As diretrizes a seguir indicadas foram obtidas a partir da análise do item anterior, resumindo as diretrizes das suas contribuições;

- Promover a sensibilidade à verdade;
- Missão da universidade é a de estimular a cultura, a investigação científica e a organização do sistema de idéias vivas do nosso tempo;
- Proporcionalidade entre a população do país e o número de universidades;
- Não desdenhar a formação no marco da inteligência e da cultura;
- Promoção dos encontros interdisciplinares para o confronto fecundo e cooperativo das opiniões;
- Autoridade científica notória dos professores;
- Universidade deve partir do estudante, ser sua projeção institucional;
- Colaboração ativa de todos os interessados;
- Ser a expressão máxima da atividade cultural da comunidade;
- Promover um eficaz desenvolvimento da ciência e da técnica, com ética e atenta às necessidades sociais;
- Promover a devida unidade objetivos de modo que não haja o divórcio entre inteligência e política;

- Pesquisador intelectual deve contribuir eficazmente com a atividade social, empregando a ciência em serviço do bem comum;
- Incentivo à pesquisa e às publicações para a difusão do conhecimento;
- Promover o ambiente de conhecimento mútuo, amizade e cooperação.

5 RESULTADOS

5.1 TIPIFICAÇÃO DAS DIRETRIZES

As diretrizes anteriormente obtidas nos itens 4.2.3.3 e 4.3.3.3 são, cada uma delas classificadas por sua proximidade conceitual, com letras minúsculas seguidas de um número. Objetiva-se o agrupamento posterior das diretrizes de mesma letra. Nos quadros 22 e 23 resumem-se, por eixo temático, as diretrizes antes referidas dos itens 4.2.3.3 e 4.3.3.3 e as letras iguais seguidas de números correspondem aos conceitos e sua identificação por número.

Os Quadros 24 e 25 são correspondentes às categorias de análise finais e obtidas *a posteriori* pelo agrupamento das diretrizes de mesmas letras, visando assim atingir o objetivo geral da pesquisa que é o de identificar e categorizar as contribuições de Jorge Lacerda (JL) para a educação através da análise dos seus discursos e de narrativas de sua vida.

QUADRO 22- Educação, virtudes e interculturalidade II

a1	Formação humanística através das disciplinas clássicas, ensino de filosofia especialmente as leituras dos clássicos;
a2	Papel crucial do ensino de filosofia na universidade;
a3	Desenvolvimento dos valores do espírito, de forma particular o cultivo do caráter, através das virtudes democráticas do respeito e da responsabilidade;
a4	Construção de uma civilização a partir de um projeto educativo dando prioridade aos valores do espírito sobre os da técnica;
a5	Educação tendo em conta os valores universais, e a condição transcendente da pessoa humana, não se justifica estar subordinada a fins utilitários;
a6	Educação que tenha em conta as peculiaridades de cada ser humano desenvolvendo-se harmonicamente as dimensões do <i>Ethos, Pathos e Logos</i> ; <i>“Assim como o escultor que liberta da matéria morta as formas invisíveis que nela dormem, ides reproduzir, de certa maneira, esse milagre de criação, modelando a personalidade da criança (...)”</i>
a7	Valorização da pluralidade de costumes, fundados numa base universalista e democrática.
b1	Difusão dos valores universais da convivência e cooperação, fruto da interação cultural gerada no Brasil.
c1	Aprofundamento nas raízes culturais originárias das diversas etnias visando fomentar o diálogo e convivência;

Nos Quadros 22 e 23, na coluna da esquerda, constam as letras (a), (b), (c) e (d), seguidas de números em ordem crescente. Cada uma destas letras foi utilizada para classificar as diretrizes dos eixos temáticos “Educação, virtudes e interculturalidade” e “Universidade”, *a posteriori*, em conceitos análogos (a), (b), (c) e (d) que, ao se verificarem em outras das diretrizes, foram-lhes atribuídos números em ordem crescente como, por

exemplo: a1, a2...a12. Tanto a sequência alfabética como a numérica abrange os dois quadros, 22 e 23. A categoria (a) obteve 12 diretrizes análogas, a (b) obteve 1, a (c) 1 e a (d) 9.

QUADRO 23- Universidade

a8	Não desdenhar a formação no marco da inteligência e da cultura;
a9	Promover um eficaz desenvolvimento da ciência e da técnica, com ética e atenta às necessidades sociais;
a10	Promover a devida unidade de objetivos de modo que não haja o divórcio entre inteligência e política;
a11	Pesquisador e o intelectual deve contribuir eficazmente com a atividade social, empregando a ciência a serviço do bem comum;
a12	Promover a sensibilidade à verdade;
d1	Missão da universidade é a de estimular a cultura, a investigação científica e a organização do sistema de idéias vivas do nosso tempo;
d2	Proporcionalidade entre a população do país e o número de universidades;
d3	Promoção dos encontros interdisciplinares para o confronto fecundo e cooperativo das opiniões;
d4	Autoridade científica notória dos professores;
d5	Universidade deve partir do estudante, ser sua projeção institucional;
d6	Colaboração ativa de todos os interessados;
d7	Ser a expressão máxima da atividade cultural da comunidade;
d8	Incentivo à pesquisa e às publicações para a difusão do conhecimento;
d9	Promover o ambiente de conhecimento mútuo, amizade e cooperação.

O Quadro 23 referente ao eixo temático “Universidade” foi categorizado *a posteriori* juntamente com o quadro anterior de número 22. Com o procedimento de categorização *a posteriori*, obtiveram-se as categorias indicadas nos Quadros 24 e 25, denominadas respectivamente “Subordinar a técnica aos valores do espírito” e “Missão da Universidade”.

No estudo realizado antes do recorte dos eixos temáticos (“Educação, virtudes e interculturalidade” e “Universidade”) para esta tese, foram encontradas, com este procedimento, as seguintes categorias *a posteriori* para as diretrizes dos oito eixos temáticos: “Subordinar a técnica aos valores do espírito”, “Cooperação social e cidadã”, “Missão da Universidade”, “Visão de futuro e raízes históricas”, “Defesa dos valores democráticos”, “Promoção da inteligência criadora” e “Diálogo intercultural”.

QUADRO 24- Subordinar a técnica aos valores do espírito

a1	Formação humanística através das disciplinas clássicas, ensino de filosofia especialmente as leituras dos clássicos;
a2	Papel crucial do ensino de filosofia na universidade;
a3	Desenvolvimento dos valores do espírito, de forma particular o cultivo do caráter, através das virtudes democráticas do respeito e da responsabilidade;
a4	Construção de uma civilização a partir de um projeto educativo dando prioridade aos valores do espírito sobre os da técnica;
a5	Educação tendo em conta os valores universais, e a condição transcendente da pessoa humana, não se justifica estar subordinada a fins utilitários;
a6	Educação que tenha em conta as peculiaridades de cada ser humano desenvolvendo-se harmonicamente as dimensões do <i>Ethos, Pathos e Logos</i> ; “ Assim como o escultor que liberta da matéria morta as formas invisíveis que nela dormem, ides reproduzir, de certa maneira, esse milagre de criação, modelando a personalidade da criança (...) ”
a7	Valorização da pluralidade de costumes, fundados numa base universalista e democrática;
a8	Não desdenhar a formação no marco da inteligência e da cultura;
a9	Promover um eficaz desenvolvimento da ciência e da técnica, com ética e atenta às necessidades sociais;
a10	Promover a devida unidade de objetivos de modo que não haja o divórcio entre inteligência e política;
a11	Pesquisador e o intelectual contribuir eficazmente com a atividade social, empregando a ciência a serviço do bem comum;
a12	Promover a sensibilidade à verdade.

QUADRO 25- Missão da Universidade

d1	Missão da universidade é a de estimular a cultura, a investigação científica e a organização do sistema de idéias vivas do nosso tempo;
d2	Proporcionalidade entre a população do país e o número de universidades;
d3	Promoção dos encontros interdisciplinares para o confronto fecundo e cooperativo das opiniões;
d4	Autoridade científica notória dos professores;
d5	Universidade deve partir do estudante, ser sua projeção institucional;
d6	Colaboração ativa de todos os interessados;
d7	Ser a expressão máxima da atividade cultural da comunidade;
d8	Incentivo à pesquisa e às publicações para a difusão do conhecimento.
d9	Promover o ambiente de conhecimento mútuo, amizade e cooperação.

5.2 SUBORDINAR A TÉCNICA AOS VALORES DO ESPÍRITO

Jorge Lacerda (JL) propõe uma orientação para o desenvolvimento da sociedade de forma ordenada, focando em primeiro lugar a dignidade da pessoa humana. Toda e qualquer atividade humana deve ser um meio para a promoção do ser humano. Em

todos os seus ensinamentos, retorna à condição chave: atuar sempre tendo em conta a dignidade do ser humano. Não se pode convertê-lo num meio, pois tem uma dimensão espiritual transcendente, que o faz estar acima de qualquer utilidade. Empregar o ser humano como instrumento material torna-se uma ação abjeta em todos os sentidos. Decorre deste princípio a fundamentação do atuar da sociedade, do Estado, das leis e da Educação, o respeito aos direitos fundamentais inalienáveis. Toda e qualquer estrutura criada pelo Estado ou pelas organizações civis necessita subordinar os seus fins ao bem do homem.

Com base nos direitos fundamentais, deve-se construir toda a organização do Estado e da sociedade civil, por isso JL propôs a necessidade de se evitar que os procedimentos políticos reduzam-se a atividades puramente técnicas em que dominem os interesses imediatos e efêmeros. Combateu a concepção da política voltada para fins utilitários em que as questões da cultura e do espírito são deixadas em segundo plano. JL criticou a situação frequente de que as questões relativas à inteligência estão em contraposição ao reino da *praxis*, da atividade e do âmbito utilitário. Deve haver uma subordinação e harmonização das dimensões relativas aos bens do espírito e aos bens puramente utilitários. Muitas das falas de JL reiteram o combate ao divórcio entre inteligência e política, como coisas que se excluem uma a outra.

JL tinha plena consciência dos problemas materiais que afetam a vida da sociedade, e propondo assim, uma rigorosa atuação dos governantes para sanar os males do pauperismo, da fome, da falta de saúde e da falta do trabalho. Não se justifica de nenhuma forma a falta de orientações que promovam o acesso aos bens do espírito. O esforço por educar a população para adquirir os conhecimentos técnicos necessita, ao mesmo tempo, a atenção à formação do caráter. JL entendia, como missão do Estado, promover a educação como um educar para a vida, para o bem viver segundo os moldes clássicos gregos. O bem viver atinge-se pelo cultivo das virtudes da formação do caráter, como são as virtudes da prudência, justiça, fortaleza e temperança já estudadas na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles a. C. (1941). As virtudes se obtêm ao despertar das formas adormecidas dentro do ser humano, fazendo desabrochar a total potencialidade de ser. Insistia particularmente no desenvolvimento das virtudes morais e sociais.

Todas as falas de JL reiteram a necessidade de duas qualidades-chave: a Justiça e a Liberdade. O ser humano é um ser dotado de liberdade, isto é livre arbítrio (capacidade de escolha livre) e liberdade como virtude (capacidade de escolher ao longo da vida cada vez mais livremente). A liberdade como virtude somente é possível de se desenvolver por via da responsabilidade. No modo como JL aplicava o sentido de

responsabilidade está a virtude clássica da justiça. Este é o marco importante para a educação do espírito: educar na liberdade e na justiça. O que poderia ser traduzido como educar no respeito e na responsabilidade, como virtudes democráticas básicas. A democracia se fortalece com cidadãos mais habituados a estas qualidades fundamentais.

O Estado, e também toda a sociedade organizada, deve pensar em um cidadão educado segundo as virtudes. A cultura para JL é o marco fundamental: isso porque a entende como sendo a totalidade das criações do ser humano em sociedade, sendo compartilhadas com seus iguais. O processo de construção da cultura é um tecer continuado com avanços e retrocessos e isto exige permanentemente esforço e denodo de todos para se construir a sociedade cuja cultura respeite a dignidade do ser humano. Não é possível que resulte o bem coletivo sem a participação ativa de todos os membros, especialmente dos seus governantes e políticos, cuja ação deve ser ilibada e exemplar.

Há bens que advêm diretamente das forças do espírito, pois, para JL, os bens do espírito os identifica com a capacidade do homem de ultrapassar o reino da necessidade e enxergar o porvir. As forças do espírito são as que possibilitam ultrapassar as limitações impostas pelo meio físico, tal com já se estudou no item 2.1.5, com base em Frankl (1989). Este ser, assim dotado, é que representa o fator de crescimento da nação, respeitado na sua condição de dignidade e liberdade. Em algumas falas JL argumenta acerca das resistências do espírito, que se nutrem dos bens da cultura ou do próprio espírito, atendendo assim à educação da totalidade da pessoa humana.

Com a formulação clássica da educação: logos-inteligência, pathos-sentimentos-emoções e ethos refere-se à formação do caráter (NAVAL, 1995). A visão lacerdiana contempla não só o que se refere às faculdades naturais, mas também as dimensões como a liberdade, a corporeidade, a raça, as relações com o meio, a política, a temporalidade e a relação com Deus. A dignidade da pessoa requer o respeito a cada uma destas dimensões e um trabalho informativo e performativo para que se desenvolva a pessoa. O fomento da cultura humanística deve ser a adequada às diversas fases do desenvolvimento psicológico humano e as ações educativas são dirigidas àquelas dimensões. A educação, de acordo com JL, deve ter em conta as peculiaridades de cada ser humano, desenvolvendo-se harmonicamente as dimensões do *Ethos*, *Pathos* e *Logos*, tal como explicita: “***Assim como o escultor que liberta da matéria morta as formas invisíveis que nela dormem, ides reproduzir, de certa maneira, esse milagre de criação, modelando a personalidade da criança (...)***” (LACERDA, s/d), lembrando os conceitos da *paidéia*.

Foi constante a sua atuação no sentido da formação de professores para o ensino fundamental e médio, tendo alentado e impulsionado o Instituto de Educação, que é considerado uma das iniciativas de alta eficácia ao longo do tempo do governo de Jorge Lacerda, de acordo com Ghizoni (2002) e Piazza (1993, p.XXVIII).

Não poderia deixar de haver atenção a uma dimensão particularmente importante para JL, que é a educação da sensibilidade estética, pois este torna as pessoas mais sensíveis às necessidades dos outros, conforme Barrio (2000). De acordo com Mendonça Junior (1953):

Os povos felizes não têm história, dizia um imperador romano. E nem fazem arte, deixando-se dominar pelo sibaritismo mole voluptuoso que marcou a decadência de tantos povos e o fim de tantas civilizações. As criações artísticas traduzem sempre anseios e angústias, sofrimentos e lágrimas (MENDONÇA JUNIOR, 1953, s/p).

JL torna marcante a frase presente em alguns dos seus discursos: “De nada valem as nações, perante a história, se não souberem legar à posteridade uma luminosa mensagem de cultura!” Daí a importância do governante e do educador de modos complementares que, juntamente com a família, devem estimular a produção artístico-literária, bem como a participação de visitas a museus e exposições. JL foi homem dedicado ao tema da cultura e um leitor exemplar, transmitindo nos seus ensinamentos a importância da formação humanística através do ensino de filosofia, especialmente a leitura dos clássicos.

Tem um papel crucial o ensino de filosofia na universidade, já que na visão de JL, embasada em Ortega y Gasset (1997), deve-se humanizar o homem para que não se converta em satélite das suas próprias criações.

No aspecto da educação intercultural, o Estado Laico deve respeitar os diferentes credos religiosos, e tendo em conta as raízes da nossa cultura como sendo cristã. Também é necessário que o Estado conte com a cooperação das diversas religiões, especialmente no que se refere à prática das virtudes sociais que promovem a dignidade do ser humano. De acordo com a perspectiva lacerdiana, o pesquisador deve contribuir eficazmente com a atividade social, empregando a ciência de acordo com o bem comum.

5.3 MISSÃO DA UNIVERSIDADE

Uma contribuição para a concepção de universidade vem a ser a distinção que JL faz entre o estatuto que constituiu o Conselho Diretor da Fundação da Universidade de Santa Catarina e outro “Estatuto”, que não se reduz ao escrito e formulado em termos

jurídicos, mas a outro correspondente a uma realidade vivida. JL em sua concepção humanista sobre o direito, concebe que a norma não abarca toda a realidade, pois esta ultrapassa os moldes formalísticos. O Estatuto que escreve em letra maiúscula excede as regras que regem as diversas faculdades unidas por este regulamento.

O sistema formal organizativo da instituição sempre será limitado e não expressa toda a realidade do que deve consistir a cultura da organização universitária. A universidade para ser verdadeiramente universidade, de acordo com JL, deve estar fundada no Estatuto mais profundo que é busca da verdade, pela ciência e pesquisa, orientados para a busca do bem da humanidade, através da cooperação entre todos os seus membros e alunos. A cultura universitária era entendida por JL como propunha Ortega y Gasset (1999), como um sistema vivo de idéias, que nutre a vida de tal organização e somente reflete este verdadeiro Estatuto através da cooperação e da convivência de pessoas de temperamentos e interesses científicos e humanos bastante diferentes.

Esta unidade na diversidade pode-se congrega através de um Estatuto superior que é o amor e a sensibilidade à verdade. JL denomina esta sensibilidade como o bem do espírito e da inteligência. Afirmava que as futuras gerações de estudantes estariam cumprindo a missão da universidade, ao aprenderem o mister de “Homem” (emprega propositalmente esta palavra em letra maiúscula), que está acima de todos os outros misteres. O mister de Homem é o ofício de ser homem em toda a totalidade, ao se buscar o bem e a verdade. Esta questão é discutida atualmente nas diversas concepções sobre a universidade. Na concepção humboldtiana é essencial o compromisso em conjunto, do aluno e do professor, com a ciência: “ambos existem em função da ciência.” Mas a ciência separada da busca do bem não tem sido uma ciência boa para o homem. A ciência sem alma ou a “técnica sem alma”, como se refere JL, incorreria no que atualmente Bento XVI chamou a atenção ao perigo de “que o homem hoje, precisamente à vista da grandeza do seu saber e do seu poder, desista diante da questão da verdade; significando isto ao mesmo tempo que, no fim de contas, a razão cede face à pressão dos interesses e à atração da utilidade, obrigada a reconhecê-la como critério derradeiro” (BENTO XVI, 2008, p. s/p).

Outra contribuição lacerdiana pode ser destacada ao citar os dois males que acometem a sociedade devido ao crescente pragmatismo reinante: “Sofre muito a Humanidade de dois males: o dos homens bons, que não têm noção alguma das técnicas que deveriam empregar para que se torne mais eficiente a sua bondade, e o dos técnicos, em que se abalaram ou em que quase se perderam as qualidades humanas” (LACERDA, 1960, p. 173). Esta questão se torna ainda mais relevante em relação à formação do universitário, cuja ação,

tem uma influência social muito grande. A falta de uma formação humanística reduz a atuação do profissional à busca, apenas, da adequação dos meios a fins utilitários. JL, alerta com certa frequência, sobre o mal que produz o divórcio entre a técnica e a ética ou o progresso tecnológico descolado das necessidades humanas como os bens da cultura e do espírito. Lacerda sustentava que:

o nosso ensino universitário é mister que se coloque a serviço do país, numa integração permanente em nossas realidades, libertando-se do seu sentido meramente utilitário, ou então abstrato, teórico, formalístico, para que se não distancie das suas altas finalidades, científicas e culturais, plasmadoras, de certo modo, da vida brasileira” (LACERDA, 1960, p. 52).

JL enfatizava a função da universidade que, ao mesmo tempo, além de constituir um conjunto de faculdades que difundem o conhecimento, necessita contribuir com a pesquisa dirigida a “todos os setores do saber humano”. Deve “a cada nova criação interrogar-se não só sobre o valor científico, mas também sobre as suas condições de existência, sobre as aptidões do local que a requer” (LACERDA, s/d), sendo “a expressão máxima da atividade cultural do Estado e, ao mesmo tempo, um organismo perfeitamente sensível a todos os problemas de caráter técnico e de caráter social” (LACERDA, 1960, p.173). A universidade, a cada nova criação, além do valor científico deve nortear-se pelas condições sociais e necessidades do meio em que se encontra.

Nem a preparação para as profissões pode ser seu fim exclusivo – para isto estão os cursos para especialistas – nem tampouco se transformar exclusivamente em lugar para aprender a viver as virtudes. O que constitui sua identidade é o compromisso com a ciência. A universidade tem, como função primordial, construir conhecimento e difundi-lo na sociedade. O problema está em encontrar o ponto certo na aplicação dos saberes, tanto à profissão como à formação humana. Ser eficaz no preparo para as profissões sempre foi seu grande desafio, porque em geral se distancia da realidade social e, fruto do relativismo, adota a neutralidade em desenvolver as virtudes da dimensão político-social do ser humano.

Mais provável é que ela não resista à pressão do ambiente economicista vigente, pois se cobram resultados em curto prazo. Como a economia é um dos elementos-chave da vida humana, as forças econômicas pressionam a universidade para que dê resultados imediatos, em detrimento do seu compromisso com a ciência e a cultura. A universidade torna-se, dessa maneira, refém da rentabilidade econômica que condiciona as políticas educacionais, as linhas de pesquisa e o tipo de ciência que se produz e se difunde.

JL destacou o exemplo do pesquisador estrangeiro Orville Derby, pois sob dois aspectos trouxe contribuições para o Brasil: em primeiro lugar “porque em todo seu esforço de investigação de pesquisa e de estudo se evidenciava, igualmente, a preocupação, bem viva, de acelerar as etapas do desenvolvimento nacional” (LACERDA, 1951, p. 5559) e, em segundo lugar o amor à pátria. “Tal era nele, o sentimento de amor à nossa Pátria, que não quis morrer sem antes naturalizar-se brasileiro, como que buscando a ratificação de um título que já lhe estava assegurado, tão significativos haviam sido os seus serviços prestados em uma terra” (LACERDA, 1951, p.5559). Com isto JL destacou o valor para o professor/pesquisador brasileiro nestas duas dimensões: desenvolvimento nacional e amor a pátria.

Sócrates, um modelo de mestre para a sociedade ocidental, mostrou o caminho da busca da verdade com humildade procurando ser continuamente aprendiz. Esta atitude reflete-se no descobrimento da própria ignorância e o amor ao saber. JL expressou essa idéia ao justificar “porque o verdadeiro mestre é estudante sempre” (LACERDA, 1963, p.28), objetivando promover o espírito construtivo na universidade: construção do saber, construção do ser humano pautado pelos valores éticos, e a construção da profissão do professor, ao mesmo tempo, aprendiz e mestre. A função do professor é a de cultivar com paixão a ciência a que se dedica tendo, ao mesmo tempo, os seus esforços dirigidos à formação de futuros profissionais, bem como ao desenvolvimento da personalidade dos estudantes. JL considerava que o professor deve ter a “indispensável autoridade científica” para o que é necessária a abordagem do processo ensino-aprendizagem através do conceito da obra bem feita, de Garcia Hoz (1987).

JL expressou a sua idéia de missão da universidade nos seguintes pensamentos: “O destino das nações, o seu desenvolvimento técnico e cultural é de certo modo configurado pelo poder criador de seus centros universitários, que difundem e enriquecem a cultura, estimulam a investigação científica e organizam o sistema das idéias vivas dos nossos tempos” (LACERDA. 1960, p. 105). Apoiado ainda em Ortega y Gasset (1977), expressou que: “Na organização do ensino superior, na construção da Universidade, temos de partir do estudante. A Universidade deve ser a projeção institucional do aluno. O ensino superior tem por objetivo a transmissão de cultura, o ensinamento das profissões e a investigação científica Lacerda (1960). A formação cultural, para Ortega y Gasset, correspondia, sobretudo, em “passar uma visão completa das idéias da época e, sobretudo, do sistema vital que as integra” (ORTEGA Y GASSET, 1977, p. 25). JL incorporou a mesma idéia de pessoa educada deste autor que corresponde à formação humanística integrada à formação da profissão. É o mesmo

que Otero (1997) destaca, em termos de cultura, como o cultivo dos hábitos pessoais, que forjam uma determinada personalidade e uma orientação de vida. A formação humanística leva à formação equilibrada e harmônica do homem enquanto tal, conforme define Abbagnano (2000).

Outro aspecto forte nas linhas de orientação de JL para a universidade é o espírito de convivência e de paz que propõe “existe entidade universitária quando os homens, pela convivência diária, se tornaram real humanidade; e quando essa humanidade, transcendendo-se, se torna a um tempo amor e pensamento.” Há um paralelo desta proposta com a análise sobre a interdisciplinaridade que Casper (1997) faz em relação às propostas humboldtianas ao associar o progresso na pesquisa à maior interação, cooperação e o estímulo aos colegas. De acordo com Casper (1997, p. 80): “deste modo, evidencia-se, para a comunidade científica, a força comum e original que no indivíduo somente pode destacar-se de forma isolada ou derivada”.

5.4 CONTRIBUIÇÕES QUE O CONHECIMENTO E A PN TRAZEM PARA AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO.

Após os resultados relativos aos dois eixos estudados, neste item recolhem-se as contribuições que os estudos realizados para a tese proporcionaram tendo como base o Conhecimento Narrativo (CN) e a Pesquisa com Narrativa (PN).

A (PN) contribui para as pesquisas em educação em relação à própria cognição, pois é importante a distinção introduzida por Bruner (2002) sobre o raciocínio narrativo e o paradigmático ou discursivo. Para este autor o raciocínio narrativo faz com que a mente da pessoa se envolva num modo de pensar seqüencial, orientado para a ação e situado num contexto ou enredo. Por outro lado, o pensamento do tipo paradigmático é estruturado na forma de proposições ligadas por um esquema lógico. A experiência obtida no trabalho desta tese é que a PN permite descobrir as relações inteligíveis entre os eventos e analisar como estes, individualmente, relacionam-se com o todo. Do mesmo modo compreende-se que o significado narrativo é socialmente construído e permite buscar conhecimentos que advêm das experiências de uma coletividade ou de um indivíduo que compartilha determinada cultura.

Através da narrativa a experiência subjetiva da temporalidade pode ser interpretada, como, por exemplo, o envelhecimento e como lidar com a dor. Outro campo de aplicação é o das experiências do professor ao lidar com determinadas turmas, com a indisciplina ou com a violência. A narrativa é uma das maneiras de ter acesso a aspectos

subjetivos das experiências e acontecimentos que afetam a vida das pessoas que se dão no cotidiano, no autobiográfico, no biográfico, no cultural e na história coletiva.

Os dados das PN provêm da pesquisa participante, das histórias contadas pelos pesquisadores, dos textos autobiográficos ou dos jornais e revistas, das anotações de pesquisa de campo, da transcrição de entrevistas, das anotações de diários, das histórias de família, dos documentos e fotografias e vídeos. No campo educacional, a PN considera a complexidade da realidade pesquisando o espaço tridimensional em que se está desenvolvendo a pesquisa, isto é, como as pessoas, em determinados espaços, compreendem as suas práticas do dia-a-dia e como dão significado a esses processos de atuação.

O espaço de pesquisa bidimensional pode se dar no plano subjetivo-objetivo, através de relatos sobre esperanças, sentimentos e com referência ao meio externo e em outro plano sob a perspectiva da temporalidade: o passado presente na memória, o presente enquanto atenção e o futuro enquanto expectativa ou esperança. Outra perspectiva das PN refere-se às narrativas de experiências pessoais e de relações sociais imbricadas com a temporalidade: passado, presente e futuro.

Alguns elementos caracterizam as narrativas: contextualização, compreensão da visão de mundo, interpretação mais profunda dos fenômenos, entender as limitações e possibilidades das decisões tomadas ou a tomar e apreender a capacidade possibilitadora de futuro dos eventos presentes. Com a narrativa o significado se amplia, constrói-se conhecimento a partir da experiência e permite a organização do conhecimento dentro de um mesmo tema ou enredo ou temática.

No campo dos discursos, que foi o objeto prático de estudo desta tese, encontram-se as narrativas, através das quais, descobrem-se os possíveis conceitos fundamentais e motivações para as falas. O pesquisador desenvolve a imaginação e a criatividade ao descobrir o *leitmotiv* de uma pessoa e os princípios norteadores que dão unidade narrativa no tempo. Outra contribuição é que se aprofunda na questão da identidade de acordo com a perspectiva da unidade narrativa da vida humana. O conhecimento narrativo baseia-se em descrições e permite, a partir das proposições de tipo fatural, encontrar o dever ser ou o valor que encerra a ação. Como no caso da descrição do atuar de um piloto em um acidente, a proposição “ser piloto” encerra um conceito funcional, que exige uma série de habilidades enquanto piloto, portanto, repleta de valor. O conhecimento narrativo permite das proposições do tipo “é” deduzir o “deve ser” (MACINTYRE, 2001).

Nesta pesquisa houve um esforço no sentido da descoberta dos aspectos culturais que influenciaram as condutas e falas; dos condicionantes da mentalidade individual

e coletiva; da identificação dos fatos que encerram a potencialidade de configuração de um determinado futuro. As narrativas, por exemplo, da fundação da Universidade de Santa Catarina, permitem compreender que, a preocupação no período fundacional era conseguir uma universidade que proporcionasse uma formação humanística sólida.

No que se refere ao Conhecimento Narrativo (CN), ele possibilita que as pessoas tornem-se mais compreensivas ao se dar o efeito da *catarsis*, oportunizando a pesquisa das ações em primeira pessoa e potencializando, assim, a educação da imaginação e o aprendizado moral. Verifica-se que a PN e o CN são úteis aos educadores para as análises de dados de pesquisas qualitativas como entrevistas, histórias de vida, histórias orais, relatos curtos ou longos. O seu emprego exige a definição de um enredo, uma temática e a organização das narrativas segundo o nexos conceitual ou relações inteligíveis. Podem-se aplicar as PN às narrativas individuais, de identidades de pessoas e coletividades, de culturas, do papel da história do indivíduo na construção da educação intercultural, para a compreensão do outro, para buscar explicações desde a perspectiva dos outros e para crescer na capacidade de superar conflitos. O objeto de estudo pode ser tanto a pessoa ou as produções destas pessoas, sendo que os discursos podem ser entendidos como todo e qualquer meio de comunicação falado, escrito ou visual.

As PN empregam-se para descobrir significados, pois ao se ter uma compreensão mais profunda da realidade, descobrem-se as “camadas” de significados provenientes das ações humanas. Recorre-se também à PN a fim de se aprofundar sobre a unidade narrativa ou a possível desconexão comportamental de indivíduos e instituições e descobrir como as pessoas lidam com determinado fenômeno na sua vida e na dos outros.

Esta tese contribui para a PN e o CN através do estudo teórico que permitiu aplicar os conceitos e práticas na pesquisa qualitativa desenvolvida nesta tese. Destacaram-se os trabalhos de Polkinghorne (1988), Bruner (1997, 2002) e MacIntyre (2001).

Resumidamente a pesquisa seguiu as seguintes etapas, que podem ser replicadas em pesquisas similares com discursos e narrativas de vida de outras personalidades:

1. Estudos teóricos sobre CN e PN
2. Pesquisa documental para descoberta das narrativas disponíveis de JL;
3. Pesquisas sobre discursos de JL;
4. Leitura dos discursos de JL;
5. Pesquisa documental sobre JL;
6. Pesquisas bibliográficas sobre JL;

7. Entrevistas para obtenção de narrativas de pessoas que conviveram com JL;
8. Agrupamento dos discursos por eixos temáticos;
9. Complementação do referencial teórico visando as discussões por eixo temático, a fim de se poder fazer a ponte da experiência do passado para o futuro;
10. AC sobre os conceitos dos discursos no eixo temático;
11. AC e PN por discurso no eixo temático;
12. Consolidação das análises AC juntamente com PN no conjunto de discursos por eixo temático;
13. Análise por eixo temático nas dimensões: perspectiva narrativo-reflexiva, conceitos replicáveis e diretrizes programáticas;
14. Análise de categorias *a posteriori* das diretrizes programáticas;
15. Resultados finais das análises

A PN auxiliou na análise dos discursos de JL, na contextualização, interpretação e identificação das condições subjacentes e de produção do discurso. Foram realizadas a Análise de Conteúdo (AC) e a PN para os oito eixos temáticos indicados no item 4.1 desta tese, tendo sido apresentados os resultados em dois deles. Há seis eixos que podem ser estudados e há possibilidade de se obter contribuições para a educação, especialmente nos eixos temáticos que se referem aos discursos, “Literários, históricos e relativos à inteligência”, “Arte e cultura” e “Nacionalidade e pátria”.

Destaca-se a contribuição desta tese na interação da AC com a PN, pois a AC foi efetuada buscando os conceitos que fundamentam ou justificam cada fala. A pesquisa do enredo narrativo para cada discurso possibilitou a compreensão das condições de contexto da produção da fala e ampliou o campo de análise de significados. A interação entre as duas técnicas de AC com PN foi fundamental para a análise de conjunto do eixo temático sob a perspectiva narrativo-reflexiva, dos conceitos replicáveis e das diretrizes programáticas. As diretrizes programáticas constituem a síntese de contribuições por eixo temático e delas resultaram duas categorias mais inclusivas que foram: subordinar a técnica aos valores do espírito e a missão da universidade.

Pesquisas similares podem se beneficiar do trabalho realizado nesta tese, pois sua metodologia pode ser replicada na obtenção de conhecimentos que advêm da experiência vivenciada por pessoas que trabalharam na promoção da educação (e outros campos do conhecimento), podendo ser fonte criadora de idéias para as situações atuais. Para o desenvolvimento da pesquisa foi essencial o desenvolvimento na seqüência tal como se

indicou mais acima, nos passos de 1 a 15, que são condições-chave para o sucesso da pesquisa. Foi crucial a construção dialógica da narrativa a partir da interação da leitura dos discursos com a leitura das narrativas de vida, provenientes das mais diversas fontes e a obtenção das relações/conexões em um texto coerente. Portanto, foi importante a construção da narrativa interagindo com os conceitos dos discursos.

Para futuras pesquisas sobre o mesmo personagem pode-se dar continuidade à análise e à discussão dos restantes eixos temáticos e as contribuições podem ser efetuadas além do campo educativo. Há condições de iniciar pesquisas para o campo da sociologia, da literatura, da arte, da política, da história e da administração pública. Mesmo no campo educativo pode-se trabalhar com questões como as contribuições para a cultura, arte, cidadania e educação moral. A metodologia se presta a dar respostas a estas questões e, portanto, contribui como um trabalho preparatório para novas pesquisas.

Por fim a tese propiciou o conhecimento das contribuições para a educação de um intelectual e político brasileiro, num momento em que a classe política brasileira encontra-se com a reputação manchada, e por causa desta imagem negativa, resulta pouco atrativo, aos de maior talento, dedicar-se a uma carreira política.

A atividade política necessita de comportamentos voltados ao direcionamento da nação para um ideal melhor, porquanto a situação atual revela que os interesses individuais, interesses efêmeros, alguns confessáveis, outros inconfessáveis, tornam extremamente atuais aquelas palavras de Lacerda (1960, p.42): “Há dragas na fantasia das nossas autoridades, e mais dragas existem na intimidade inconfessável dos cálculos vorazes dos eternos intermediários dos negócios da República.” Dragas e “sanguessugas” que exaurem a nação das forças do espírito que poderiam nutrir a construção da sociedade e que se tornaram moeda corrente nas práticas políticas, disseminando o cancro da corrupção aos quatro pontos cardeais.

Esta tese consiste numa contribuição para o resgate da memória de brasileiros que se esforçaram para a construção do ideal de nação que requer a disseminação de uma cultura que valorize nas ações das pessoas, individualmente e coletivamente, os valores ético-sociais que estabelecem as bases do progresso e desenvolvimento dos povos.

6 REFERÊNCIAS

- ABBÀ, G. **Quale impostazione per la filosofia morale?**. Roma: IAS, 1996.
- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS: Acadêmicos- Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?tpl=home>>. Acesso 20.06.2008.
- ADONIAS FILHO. Jorge Lacerda. In: **REVISTA LITORAL**. Florianópolis. N.III, Ano I. 1958. p. 63.
- _____. In.: CORREA, N. (Org). **Democracia e Nação: Discursos Políticos e Literários**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1960.
- AMIM, E. In.: **INVENTÁRIO ANALÍTICO DO FUNDO PRIVADO DO EX GOVERNADOR JORGE LACERDA 1931 a 1973**. Brasília: Edição do Senado Federal, 1993.
- ANDRADE, C.D. In.: CORREA, N. (Org). **Democracia e Nação: Discursos Políticos e Literários**. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1960.
- ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro**, 4ª ed., São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.
- ARISTÓTELES. **The Basic Works of ARISTOTLE**. 3.ed. New York: Random House. 1941.
- AURELL, J., **La Escritura de la Memória: De los positivismos a los postmodernismos**, Valência: Publicaciones de la Universidad de Valência, 2005.
- BANDEIRA, Manuel. Saudação de Manuel Bandeira. **Suplemento Letras e Artes**, 11.05. 1947, p. 3.
- BARBOSA, Rui. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/rui_barbosa/FCRB_RuiBarbosa_AIm_prensa_eo_dever_da_verdade.pdf>. Acesso 13.02.2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Porto: Edições 70, 1979.
- BARRIO, José Maria. **Elementos de antropología pedagógica**. 2ª ed. Madri: Rialp. 2000.
- BENTO XVI, DISCURSO DO SANTO PADRE BENTO XVI PARA O ENCONTRO NA UNIVERSIDADE DE ROMA "LA SAPIENZA". Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2008/january/documents/hf_ben-xvi_spe_20080117_la-sapienza_po.html>. Acesso em 20.06.2008
- BERELSON, B. **Content Analysis in Communication Research**, New York: Free Press, 1952.
- BOGDAN, R. E BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURNE, R. **War and Intellectuals: Collected Essays, 1915-1919**, Harper and Row, Harper Torchbooks, 1964.
- BRUNER, J. **Atos de significação**. 1. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.
- _____. **Realidade mental, mundos possíveis**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas. 2002.
- CALIL, G. **O Integralismo no processo político brasileiro: O PRP entre 1945 e 1965**. 2005. Tese (Doutorado). Departamento de Ciências Sociais, UFF, Niterói, 2005.

- CÂMARA DOS DEPUTADOS. Disponível em: <www.camara.gov.br>. Publicações oficiais da Câmara dos Deputados. Acesso em 25.04.2007
- CANASTRA, F. Revista Iberoamericana de Educación. **Uma abordagem narrativa da experiência moral**: O relato de uma experiência, em contexto de formação inicial de professores. Disponível em: < <http://www.rioei.org/experiencias33.htm>>. Acesso em 10.02.2007.
- REVISTA LITORAL. Florianópolis. N.III, Ano I. 1958.
- CARNEIRO, G. **História das revoluções brasileiras**. Da revolução liberal revolução de 31 de março (1930/1964). vol. 2. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1966.
- CARPEAUX, O.M. In: CORREA, Nereu (Org). **Democracia e nação**: Discursos Políticos e Literários. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1960.
- CARROLL, N. On the Narrative Connection. In: **New Perspectives on Narrative Perspective**. Willie van Peer and Seymour Chatman (Eds.), Albany, NY: SUNY Press, 2001.
- CARVALHO NETO, Câmara dos Deputados. Diário Oficial, 1951, p. 9578.
- CASPER, G. Um Mundo sem Universidades? In: KRETSCHMER, J., ROCHA, J.C.C., (Orgs.) **Um mundo sem universidades?** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- CASSIRER, E. **Antropologia filosófica**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.
- CERTEAU, M, **L'écriture de l'histoire**, Paris: Gallimard 1975.
- CHATEAUBRIAND, Assis. Ariel. In: **REVISTA LITORAL**. Florianópolis. N.III, Ano I. 1958. p. 72-73.
- CHOZA, J. **La supresión del pudor y otros ensayos**. Pamplona. Eunsa. 1980.
- CONTRERAS, D., **Por una ética de la narración**: Modelos de vida para el gran público. 27-10-1999. Disponível em <<http://www.aceprensa.com/art.cgi?articulo=8082>> Acesso em 01.02.2007.
- CORREA, N. In.: CORREA, N. (Org). **Democracia e nação**: Discursos Políticos e Literários. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1960.
- _____. **Perfis e retratos em vários tons**. In Memoriam. Florianópolis: Ed. UFSC. 1986.
- CP DOC. Fundação Getúlio Vargas. Jorge Lacerda. Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>>. Acesso em 26.06.2007.
- CRUZ Y CRUZ, J. **Filosofia de la Historia**. Pamplona: Eunsa. 1995.
- CUNHA, V. Entrevista relativa à construção do Instituto de Educação de Florianópolis, realizada por Paulo Sertek em 2006.
- DE CERTEAU, M. **L'écriture de l'histoire**, Paris, 1975.
- DELTA (Grande Enciclopédia). Verbete Lacerda, Jorge. Ed. Delta. Rio de Janeiro.1973
- DEMARCHI, A. **Cultura em busca de vitrines**. 1991. Dissertação de Mestrado. Departamento de Letras. UFSC, Florianópolis, 1991.
- DERBY, O. A. In: O Estado da Ciência no Brasil, **Science**, vol. 1, n 8, 1883, p. 214 -221
- DESLANDES, S. F. e ASSIS, S. G. Abordagens Quantitativa e Qualitativa em Saúde: O diálogo das Diferenças. In: MINAYO M.C.S. e Deslandes S.F. (orgs). **Caminhos do pensamento. Epistemologia e método**. Rio de Janeiro: 2002.

- Diário Oficial do Estado, Florianópolis, ed. de 4-2-1457, p.3. XXVIII
- Diários da Câmara dos Deputados. www.camara.gov.br Publicações oficiais da Câmara dos Deputados. Acesso em 25.04.2007
- DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO- PÓS 1930. vol III. Rio de Janeiro: ed. FGV. 2001.
- ESRC - National Centre for Research Methods. **Review Paper:** Approaches to Narrative Reserch: Corine Squire, Centre for Narrative Research, University of East London, February 2008, NCRM/009.
- FISCHER, A. **Suplemento letras e artes.** 13/05/1951.
- FLEURI, R. M. Intercultura e educação. **Revista Brasileira de Educação.** Maio/Jun/Jul/Ago 2003 Nº 23
- FONTES, H.S. **Pensamentos, palavras e obras.** Florianópolis: ed. do autor. 1963.
- FRANCO, A.A.M. Câmara dos Deputados. **Diário Oficial, 1951.** p. 5559 e 9578.
- FRANKL, V. **Psicoterapia e sentido da vida.** 3ed. São Paulo: Ed. Quadrante, 1989.
- _____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo.** 10 ed. Aparecida: Santuário, 2003.
- FREYRE, G. **Recordação de Gilberto Amado, o recifense.** **Revista Brasileira de Cultura.** Rio de Janeiro, a. 1, n. 2, p. 131-139, out./dez. 1964.
- FUMAGALLI, A. Cine y Literatuta: Claves de la cultura y ejes Del desarrollo social y econômico de um país. **Nuestro Tiempo,** out. 2006, n. 628.
- GARCIA-HOZ, V. **Pedagogia visível: educação invisível.** 1.ed. São Paulo:Ed. Nerman. 1987.
- GAZETA DO POVO. Jornal. Edição de 17 junho 1958.
- GHIZONI, Liliam Deisy, **Absenteísmo e plantão pedagógico no Instituto Estadual de Educação.** 2002.Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação, UFSC, Florianópolis, 2002. <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0368.pdf> acesso em 29.01.2008
- HARDY, B., Towards a Poetics of Fiction: Aproach Through Narrative, **Novel,** 2, 1968.
- HARRIS, P., Who Needs Imagination? Disponível em: <<http://www.gse.harvard.edu/news/features/harris03012002.html>>. Acesso em 16.02.2007.
- HUMBOLDT, W. Sobre a Organização Interna e Externa das Instituições Científicas Superiores em Berlim. In.: KRETSCHMER, J., ROCHA, J.C.C., (orgs) **Um mundo sem universidades?** Rio de janeiro: edUERJ, 1997.
- HYVÄRINEN, M. The Conceptual History of the Narrative. Department of Sociology and Social Psychology. University of Jyväskylä, Department of Social Sciences and Philosophy, University of Jyväskylä FINLAND, 2006. (Home Page) Disponível em: <<http://www.jyu.fi/yhtfil/PolCon/coepolcon/Polarts/researchers/hyvarinen.html>>. Acesso em 8.03.2007.
- ILLANES, J.L. **História y sentido.** Ed. Rialp, Madrid, 1997.
- INNERARITY, D. **Ética de la hospialidad.** Barcelona, Península HCS.
- IRIARTE, C. e NAVAL, C. La Educación Intercultural en el Ámbito Escolar en España. In. NAVAL, C. (Ed.) **Participar em la sociedad civil.** Navarra: EUNSA, 2002.

- JAMUNDÁ, T. C. De uma noite de junho. In: **Revista Litoral**, 1958. Florianópolis.
- _____. **História de Santa Catarina**. Vol 2 Curitiba: Ed. Grafipar, 1970.
- KRIPPENDORF, K. **Content Analysis, an Introduction to its Methodology**. London: Sage. 1980.
- LABOV, W. Some further steps in narrative analysis. **Journal of Narrative and Life History**, 1999, 7: 395-415
- LACERDA, C. Entrevista realizada por Paulo Sertek. São Paulo. 2007.
- LACERDA, J. In. **Dicionário histórico-biográfico brasileiro- pós 1930**. vol III. Rio de Janeiro: ed. FGV. 2001
- _____. Os Trabalhos Iniciais da Cidade Universitária. In: FONTES, H.S. **Pensamentos, palavras e obras (parte I)**. Florianópolis: ed. do autor. 1963. p. 27-28
- _____. In.: CORREA, Nereu (Org). **Democracia e nação**: Discursos Políticos e Literários. Rio de Janeiro: Ed. J. Olympio, 1960.
- _____. **Coletânea de discursos**: Governador Jorge Lacerda: 1956-1957. Elaborado por Aderbal Lacerda Rosa. (particular). s/d.
- _____. Câmara dos Deputados. **Diário Oficial, 1951**. Discursos de Jorge Lacerda.p. 5559 e 9578.
- _____. Discurso de formatura do curso de medicina da Faculdade de Medicina do Paraná em 1937. Impresso por um grupo de alunos. 1937.
- LAFER, C. Hannah Arendt. **O Estado de São Paulo**, 19.11.2006, p. 2.
- LETRAS E ARTES. Primeiro Congresso de História: **Suplemento. Jornal A Manhã**. 10.110.1948, p. 12.
- LICKONA, T., **Educating for Character**. How Our Schools Can Teach Respect and Responsibility, New York: Bantan Books, 1991.
- LIMA, A.A. Primeiro Aniversário de Letras e Artes. **Suplemento Letras e Artes**, 11.05.1947, p. 3.
- LINS, M.J.S.C. **Educação moral na perspectiva de MacIntyre**. Rio de Janeiro: Ed. ACCESS, 2007
- LITORAL, Revista. N.III, Ano I. 1958. Florianópolis.
- LORDA, J.L., **Moral: a arte de viver**. São Paulo: Quadrante, 2001.
- MACINTYRE. Alasdair. **Depois da virtude**. Bauru: Edusc, 2001.
- MARINA, J.A., **Teoria de la inteligencia creadora**. 2. ed. Barcelona: Ed. Anagrama, 2001.
- MARROU, H.I., **El conocimiento histórico**. Barcelona: Editorial Labor, 1968.
- MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: F.Alves. 2002.
- MAYOR, F. Discurso de Abertura. In: LÁZARO, A. (org). **Visão e ação**: A Universidade no Século XXI. Rio de Janeiro: EDUERJ. 1999.
- MEIRINHO, J., **Nomes que ajudaram a fazer Santa Catarina**. Florianópolis: Edeme, 1972.
- MENDONÇA JUNIOR, Diário do Congresso Nacional, 06.05.1953.
- MENESES, R. **Dicionário literário brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 1969.

- MILLAN PUELLES, A., **Ontologia da existencia historica**. Madrid, 1955
- NAVAL, C. **Educar Ciudadanos**. La polémica liberal-comunitarista en educación. Navarra: Eunsa. 1995.
- NUSSBAUM, M. **Love's Knowledge**. Oxford: Oxford University Press, 1990.
- O CATARINENSE. Jornal. 17 a 20.06. 1958
- O ESTADO DE SÃO PAULO. **Governador Jorge Lacerda**. Edição de 17.06.1958, p. 6.
- ORTEGA Y GASSET, J. A questão fundamental. In: SCHØLLHAMMER, K. E. (Org.) **Missão da Universidade**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 1999.
- _____. **Historia como sistema**. 1983.
- OTERO, O. **Educar con biografias**. Navarra: Eunsa. 1997.
- PASOLD, C.L. **Jorge Lacerda: Uma Vida Muito Especial**. Florianópolis: Ed. OAB/SC, 1998.
- PEDROSA, M. **Suplemento letras e artes**. 16.11.1952, p. 15.
- PEREIRA, A.C.A. Universidade: o compromisso do cidadão In: LÁZARO, A. (Org.) **Visão e Ação: A Universidade no Século XXI**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 1999.
- PIAZZA, W. **O ensino superior catarinense: uma abordagem histórica (1917-1997)**. In.: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). Anais da XVII Reunião, São Paulo, 1997.
- _____. **In.: Inventário analítico do fundo privado do ex governador Jorge Lacerda 1931 a 1973**. Brasília: Edição do Senado Federal, 1993. p. xxii-xxiii.
- _____. JORGE LACERDA: O homem e sua paixão. In: **REVISTA LITORAL**. Florianópolis. N.III, Ano I. 1958.
- PICCHIA, Menotti Del. Depoimento de Deputado Menotti Del Picchia. **LETRAS E ARTES**, 18.05.1952, p. 4.
- PIEPER, Josef, **Las Virtudes Fundamentales**, 3. ed. Madrid: Rialp, 1980.
- PITSICA, Paschoal Apostolo. **Memória visual da colônia grega de Florianópolis**. Associação Helênica de santa Catarina. 2003
- PITSICA, Paschoal Apostolo. **Palavras e registros, vultos e fatos catarinenses de ontem e hoje**. Ed. ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS. 1993
- POLKINGHORNE, D.E. **Narrative Knowing and the Human Sciences**. Albany: State University of New York Press. 1988.
- PORTELLA, E. A Terceira Universidade. In: LÁZARO, A. (org.) **Visão e Ação: A Universidade no Século XXI**. Rio de Janeiro: EDUERJ. 1999.
- RANCIÈRE, J., **Les noms de l'histoire. Essai de poétique du savoir**, Paris, 1992.
- RHONHEIMER, M., **La Perspectiva de la Moral: Fundamentos de la Ética Filosófica**. Madrid: Rialp. 2001.
- RICARDO, C. **Viagem no tempo e no espaço**. Rio de Janeiro: Ed. José Olímpio, 1970.
- RICHARD NETO, G. **Homens ilustres do Brasil**, S/ed. Rio de Janeiro, 1960.
- RICOEUR, P. **Tempo e narrativa**, Campinas: Papirus, 1994

- ROCHA, J.C.C., Resposta à Pergunta: Que é Universidade. In: KRETSCHMER, J., ROCHA, J.C.C., (Orgs) **Um mundo sem universidades?** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997.
- ROMERO, S. O Brasil social de Euclides da Cunha. In: ANDRADE, Juan C. P. de (org.). **Vida e obra de Euclides da Cunha**. Artigos. Acesso em: <3.12.2008>. Disponível em: <http://www.euclides.site.br.com>
- ROSA, G. A saudação de Guimarães Rosa. **LETRAS E ARTES**, 11.05.1947, p. 3
- SAN JOSÉ, G., **Genio de la Historia**. 1886.
- SCHEIBE, Leda. Para Repropor a Prática de Formação de Professores na UFSC. **Perspectiva**, ano 12, nº 21, p. 43-72, 1993.
- SCHMITZ, Paulo Clóvis, **O jornalismo cultural em Santa Catarina**. <<http://200.169.57.200/uploads/8msk6659x28.pdf>>. Acesso em 15.02.2008
- SCHROEDER, O. B. Renovação do Ensino Superior. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1969.
- SCHULZ, A. P. **Modelagem de exteriores extensos: estudo de caso com “campus virtual do centro de ciências tecnológicas de Joinville**. 2004. Trabalho de conclusão de curso submetido à Universidade Estadual de Santa Catarina como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências da Computação. UDESC, Joinville, 2004.
- MEC/SEF -Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. – Brasília, 1997. 164p.
- SERTEK, P. **Responsabilidade social e competência interpessoal**. Curitiba: IBPEX, 2006.
- SERTEK, P.; ASINELLI-LUZ, A. Análise de Conteúdo em Discurso: Jorge Lacerda 1937. In: **Anais do III Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos & V Encontro de Fenomenologia e Análise do Existir**. 2006. disponível em <http://www.sepq.org.br/iisipeq/default.asp>
- SKINER, Q. Language and social change. In: James Tully (ed.) **Meaning & Context Quentin Skinner and His Critics**. Princeton. Princeton University Press. 1988. P. 119-132.
- SIKES, P.; GALE, K. **Narrative Approaches to Education Research**. Faculty of Education, University of Plymouth, 2006.
- SILVA, H. **1938-Terrorismo em Campo Verde**. O Ciclo Vargas. vol-X. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- SILVA, T. C. **O patrimônio cultural do centro histórico de Florianópolis: um estudo do papel dos Museus Histórico de Santa Catarina e Victor Meirelles na preservação e produção da cultura**. 2004. Dissertação Mestrado, UFSC-PPGEP, Florianópolis, 2004. <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/12622.pdf> acesso em 28.01.2008
- SOUZA, Abelardo. Minhas Lembranças de Jorge Lacerda. In: PEREIRA, Moacir.(Org.) **Adolfo Zigelli: Jornalismo de Vanguarda**. Florianópolis: Ed. Insular. 2000.
- SUARES, F., **La Historia y el método de investigación histórica**. Madrid: RIALP, 1977.
- TEIXEIRA, A. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro. Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- THIAGO, A.S. **História da literatura catarinense**. Rio de Janeiro: s/ed, 1957.

THOMÉ, N. GÊNESE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NA REGIÃO DO CONTESTADO (SC) ETD-Educação temática digital. Campinas, SP, v.4, n.2, p.1-16, jun. 2003 <http://www.bibli.fae.unicamp.br/etd/01art.pdf>

TOSATTO, P. **Orville A. Derby**: o pai da geologia do Brasil. Rio de Janeiro: CPRM/DNPM, 2001.

UNESCO - Declaração mundial sobre educação superior no século XXI: visão e ação. In: LÁZARO, A. (Org.). **Visão e Ação**: A Universidade no Século XXI. Rio de Janeiro: EDUERJ. 1999.

UNGARETTI, N. Entrevista realizada em 2007 por Paulo Sertek.

_____. Apresentação. In: PASOLD, L.P. **Jorge Lacerda**: Uma vida muito especial. Florianópolis: ed. OAB/SC, 1998.

_____. In: **Inventário analítico do fundo privado do ex governador Jorge Lacerda** 1931 a 1973. Brasília: Edição do Senado Federal, 1993.

VALA, J. A. Análise de Conteúdo. In: SILVA A.S. e PINTO, J.M. (orgs) **Metodologia das Ciências Sociais**. 1986.

VARGAS, I. A saudação da Deputada Ivete Vargas. Letras e Artes, 18.05.1952, p. 6

VELLOSO, João Paulo. Entrevista realizada por Paulo Sertek em 3 de agosto de 2007 no Rio de Janeiro - RJ, na sede do INAE Instituto Nacional de Altos Estudos, à Rua Sete de Setembro, 71 - 8º andar.

VELLOSO, João Paulo, **Tempos modernos**: memórias do desenvolvimento. In. (Org.) D'Araújo, C, CASTRO, C. Rio de Janeiro. Ed. FGV. 2004.

WORTH, S. **Narrative Knowledge: Knowing through Storytelling**. Disponível em: <<http://web.mit.edu/comm-forum/mit4/papers/worth.pdf>>. Acesso em 15.02.2007.

YEPES, R. e ARANGUREN, J., **Fundamentos de Antropologia**. 3.ed. Navarra: Eunsa, 1998.

ZIGELLI, W. Entrevista realizada por Paulo Sertek, 2007.

_____. Laboratório de História Geral do Curso de Pós-graduação de História da UFSC. Entrevista realizada por Renato Aurélio dos Santos em 1990.

7 APENDICES

1. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

1. V. Sa. está sendo convidado a participar de pesquisa por meio de entrevista com o pesquisador Paulo Sertek para a tese: “Contribuições para a Educação e Cidadania em uma Sociedade Democrática em Narrativa de Vida de Jorge Lacerda : Aprendizagem Significativa”. Consiste em pesquisa para o Doutorado em Educação da UFPR – Universidade Federal do Paraná no Programa de Pós-Graduação em Educação- para a linha de pesquisa: cognição, aprendizagem e desenvolvimento humano, tendo como orientadora, Dr. Araci Asinelli Luz.

2. Esta pesquisa tem como **objetivo geral**, analisar através do conhecimento narrativo, a história de vida, produção intelectual e discursos de Jorge Lacerda, de modo a identificar e sistematizar as suas contribuições para a educação e cidadania. A partir da construção narrativo-reflexiva da vida de Jorge Lacerda, como estudante, médico, advogado, jornalista, político, indaga-se sobre que conhecimentos podem ser apreendidos para a construção de um projeto de educação moral como fundamento para a cidadania brasileira? Decorre desta pergunta os seguintes **objetivos específicos**: a) Identificar qual o ideal de democracia e de nação do intelectual e político Jorge Lacerda. b) Sistematizar as contribuições desta personalidade no âmbito da educação e cidadania de modo a perfilar um modelo de educação moral.

3. Caso V. Sa. concorde em participar com a sua valiosa colaboração, proceder-se-á uma entrevista, cujas questões serão enviadas com antecedência, podendo ser respondidas por escrito ou caso seja possível preferimos gravá-la para depois transcrevê-la, permitindo assim uma entrevista semi-estruturada, mais flexível e portanto com possibilidades de aprofundamento assim em pontos especialmente destacados da vida ou experiência no contato com o personagem. Estima-se um tempo entre uma e duas horas de duração para a entrevista.

4. A pesquisa será enriquecida pela reflexão anterior sobre as questões propostas, que suscitarão ângulos importantes para a compreensão de atos, discursos, comportamentos etc. do personagem.

5. A sua participação é voluntária e são garantidas todas as informações que você queira, durante e depois da pesquisa.

6- Você tem assegurada a liberdade de recusar participar do estudo sem qualquer prejuízo pessoal.

7. A transcrição da entrevista será enviada por correio para a sua aprovação. Pede-se permissão neste momento a V. Sa. para fazer uso de citações dos conteúdos das entrevistas e da identidade nas análises, para os fins desta pesquisa, elaboração da tese e publicações decorrentes da pesquisa.

8- Não há nenhuma despesa para participar da pesquisa e você não receberá qualquer valor em dinheiro.

Eu _____ RG: _____ li o texto acima e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual fui convidado a participar. Recebi a explicação que sou livre para participar do estudo, podendo não aceitar sem justificar minha decisão. Eu entendi que devo colaborar na entrevista e responder por escrito ou verbalmente ao questionário apresentado, sem nenhum custo para mim. Eu concordo voluntariamente em participar desta pesquisa.

Curitiba, _____

Assinatura do entrevistado: _____

Nome e assinatura do pesquisador: Paulo Sertek _____

2. Roteiro de Entrevista: Venevêrito da Cunha

1. Circunstâncias da sua atuação pessoal profissional, que propiciaram ter relacionamento com Jorge Lacerda? Em que época? De que tipos?
2. Quais foram as primeiras impressões, os primeiros contatos, tanto no que se refere às suas características pessoais, como a de trabalho como homem público?
3. Quanto aos aspectos profissionais ligados à vida pública que tipos de comportamento podem ajudar a resgatar a memória do seu modo de ser e atuar?
4. Quais foram os princípios, valores, norteadores da sua atividade etc.?
5. Que episódios ou situações podem-se destacar para descrever sobre como se manifestaram os seus dotes de cultura, inteligência, visão de mundo etc.?
6. Que contribuições de acordo com o seu modo de ver, se pode obter da narrativa de vida de Jorge Lacerda?
7. O que você vê que poderia ser uma contribuição de Jorge Lacerda para a formação do político atual?

3. Roteiro de Entrevista: Constantino Lacerda

1. Circunstâncias e influências do contexto familiar e cultural que mais se destacam no seu desenvolvimento, humano, cultural e profissional;
2. Aspectos educativos que o influenciaram ou contribuíram para o seu desenvolvimento, que se pode destacar no período de estudo no Ginásio Catarinense;
3. Período de estudos no Paraná na Faculdade de Medicina, como foi se construindo a personalidade artístico-cultural-política;
4. Como se deu o desenvolvimento político e o relacionamento com a intelectualidade da época do curso de medicina;
5. Suas primeiras experiências políticas durante o período da Faculdade de Medicina;
6. Qual a influência de Plínio Salgado no seu pensamento e linha política?
7. Que idéias de nação, política, cultura gravitavam nesta época no seu modo de pensar;
8. A sua passagem por São Paulo (médico) teve algum caráter de sensibilização para problemas sociais;
9. Que motivações levaram a ir ao Rio de Janeiro, ingresso na Faculdade de Direito de Niterói, aspectos ligados ao direito constitucional etc;
10. Nesta época no Rio de Janeiro começa a trabalhar como jornalista, que fatores o levaram a isto, como foi a sua "vocação literária", que conhecimentos foram marcantes nesta época, que pessoas foram decisivas para a sua inserção no Jornal A Manhã;
11. Quanto ao Suplemento Letras e Artes, o que se pode destacar de influência nos meios culturais, destaque de valores artísticos, relações etc;
12. Enquanto trabalhou no Ministério da Justiça, o que se pode dizer desta sua atuação, em que âmbitos, qual era o seu trabalho, como encontrar elementos para pesquisa deste período?
13. Como se deu a sua inserção no meio político como deputado federal, quais eram as suas motivações, que aspectos se destacam da sua atuação, há mais discursos do que aqueles que estão recolhidos em Democracia e Nação;
14. Como e em que se deu o assessoramento em matérias culturais ligadas ao MEC?
15. Como foi o seu relacionamento como político e intelectual com a intelectualidade do Rio de Janeiro nos anos 40 e 50?
16. Quanto à construção do prédio do Museu de Arte do Rio de Janeiro, qual foi o seu papel?
17. Qual o seu papel na constituição do acervo Museu de Arte de São Paulo?
18. Que aspectos pode-se destacar do seu relacionamento com Assis Chateaubriant?
19. Como Governador do Estado de Santa Catarina, que contribuições lhe parecem úteis para as gerações futuras, em termos da educação política, responsabilidade social, desenvolvimento das Universidades etc.
20. Quais foram as suas contribuições para a fundação da Universidade de Santa Catarina?
21. Há depoimentos de outras personalidades que poderiam ser úteis para a pesquisa?
22. Há documentos que se poderia dispor que ajudariam a pesquisa que se está fazendo agora?

**4. Roteiro de Entrevista: Norberto Ungaretti e
João Paulo dos Reis Velloso**

1. Quais são suas impressões pessoais de trabalho como secretário particular de Jorge Lacerda?
2. Pode relatar alguns episódios significativos que traduzem a sensibilidade de Jorge Lacerda como intelectual e político?
3. Quanto a atuação anterior à política há algum elemento que possa contribuir para o conhecimento da atuação de Jorge Lacerda como jornalista e assessor do Ministro da Justiça. Adroaldo Mesquita?
4. Durante o tempo que V. Sa. trabalhou com ele, que aspectos da atuação como político/governante foram significativas para a educação e cidadania?
5. Qual eram as idéias e abordagens dele com relação à educação, cultura e cidadania?
6. O convívio com as pessoas que o circundavam como era?
7. Que aspectos podem trazer luz sobre suas idéias de política e nação?
8. Que aspecto mais significativo, na sua opinião, seria importante deixar registrado em termos de contribuição de Jorge Lacerda para a cidadania e educação?
9. Com relação atuação como Deputado Federal que contribuições se poderia resgatar da atuação de Jorge Lacerda?
10. Nos quase dois anos de governo do Estado de Santa Catarina, que aspectos foram marcantes na atuação de Jorge Lacerda?
11. Sobre a personalidade de Jorge Lacerda, há algo que poderia dizer para que pudéssemos conhecer melhor o seu perfil pessoal/político/intelectual?
12. Algo mais que poderia relatar a fim de contribuir para esta pesquisa?

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)